

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
28/12/941 publicado semanalmente, sob a direção de Múcio Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Num. 20

NOTÍCIA SOBRE OLAVO BILAC

Olavo Bilac — Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac — nasceu no Distrito Federal, em 10 de dezembro de 1865. Foi seu pai o dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac e a mãe Delfina Belmira dos Guimarães Bilac.

Fez os seus estudos primários e secundários, matriculando-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e ali cursou até o quarto ano. Trans-

feriu-se, então, para São Paulo, a fim de estudar Direito, porém, não passou do primeiro ano.

Sua vocação era a literária, que ele revelou desde os mais tenros anos. Apresentado ao grande público brasileiro por um entusiástico artigo de Artur Azevedo, que lhe publicou dois sonetos, Bilac desde esse momento se tornou um favorito de todos os que amam a arte

de escrever, elevada ao seu mais alto grau.

Jornalista, tanto quanto poeta, sua atuação na imprensa brasileira foi constante, e sempre esplêndida. Fundou vários jornais, de vida mais ou menos efêmera, como sejam "A Cigarra", "A Bruxa", o "Meio", a "Rua", etc. Na "Gazeta de Notícias" na seção "Semana", substituiu o mestre Machado de Assis, ficando ali durante anos, e publicando páginas notáveis. Na "Notícia" manteve, durante muitos anos, a seção "Registro", que assinava com a letra "B".

Fazendo jornalismo político nos conselhos da República, teve que se esconder em Minas Gerais. No seu regresso ao Rio, foi preso, mandado para a Fortaleza do Laje, onde ficou cinco meses. Em 1891 foi nomeado oficial da Secretaria do Interior do Estado do Rio. Em 1898, inspetor escolar do Distrito Federal, cargo em que se aposentou, pouco antes de morrer. Em 1902 acompanhou o presidente Campos Sales a Buenos Aires. Em 1906 foi nomeado pelo Barão do Rio Branco secretário geral da Conferência Pan-Americana que se reuniu na Capital Federal. Em 1910 foi um dos delegados do Brasil à mesma Conferência, que se reuniu em Buenos Aires. Em 1907 foi secretário do prefeito do Distrito Federal. Exerceu, e exerceu interinamente, as funções de diretor do "Pedagogium".

Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, tendo ali estado a cadeira n.º 15, que tem, como patrono, Gregório de Matos. Foi um dos fundadores da Agência Americana, da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, da qual era presidente honorário. Em 1916 fundou a Liga de Deuses Nacionais.

Faleceu no dia 28 de dezembro de 1918, às 3.30 da manhã, à rua Barão de Hamby. Seu corpo foi transportado para a Academia de Letras, onde ficou até o dia seguinte, que era um domingo. Levado para o cemitério de São João Batista, por uma densa multidão, que resistia à chuva que impetuosamente caía, ali orou Coelho Neto, que exprimiu em altas palavras a saudade da Academia e as da pátria, diante do grande brasileiro que tombava.

Olavo Bilac deixou uma obra memorável como poeta, como prosador e também como cidadão. E a sua campanha em prol do Brasil conciente de si mesmo, armado e poderoso, tem hoje, mais do que nunca, uma palpante atualidade.



OLAVO BILAC

Explicação do Suplemento

Autores e Livros publica, hoje, o seu vigésimo número, dedicado a Olavo Bilac. Na próxima terça-feira, fará circular, extraordinariamente, o seu vigésimo primeiro número, abrangendo o índice geral da matéria de agora aparecida em suas páginas. Encerramos, assim, o primeiro volume do suplemento literário de A MANHÃ.

Se quisessemos fazer um balanço dos trabalhos até agora realizados, desde o dia 10 de maio do ano corrente, em que saiu o primeiro número desta publicação, alguma coisa já seríamos a contar. Autores e Livros procurou constituir-se, desde o seu nascimento, uma história da literatura brasileira organizada em vastos moldes, essa história reserva grande número de suas páginas para a antologia dos escritores, apresentando-lhes os melhores trabalhos de verso ou prosa. Reserva, igualmente, grande número de suas páginas para a crítica dos escritores, selecionando os estudos mais característicos e os de maior valor que eles tenham inspirado. A isso acrescenta, sempre, um copioso serviço de iconografia, oferecendo, da mesma forma, nos leituras, toda vez que é possível, "fac-símiles" de autógrafos dos escritores estudados, cartas de desenhos, etc. — tudo, enfim, que possa contribuir para o melhor conhecimento das grandes figuras literárias. Mercê do método adotado, temos conseguido organizar publicações como o fascículo dedicado a Machado de Assis, o dedicado a Raul Pompéia, o dedicado a Gonçalves Dias, o dedicado a Olavo Bilac, o dedicado a Artur Azevedo, o dedicado a Jackson de Figueiredo, e tantos outros, que nos parecem, sem falsa modéstia, oferecer visadas completas sobre a vida e a obra de tantos escritores. Completamos hoje o

nosso primeiro volume, e, nos vinte números que já publicamos, temos estudado, organizando-os em verdadeiros volumes de antologia e crítica, vinte e seis autores diferentes. Creemos que a simples enunciação do fato bastará para mostrar a utilidade geral de que se tem revestido este suplemento.

Cumpre-nos confessar que o povo brasileiro tem correspondido inteiramente ao nosso esforço. É comovente o número de cartas, cartões, telegramas, documentos de toda a ordem, que nos chega de toda a parte do Brasil, acerca de Autores e Livros, comentando-lhe a orientação, sugerindo-lhe novas idéias e novos planos, colaborando de toda a forma possível. Muitos desses documentos estão datados de cidades obscuras, perdidas nos altos sertões dos Estados do interior... Não teríamos palavras para agradecer aos leitores de tão distantes regiões a gentileza e o carinho com que acompanham nossos trabalhos.

No ano que vai agora iniciar-se, Autores e Livros espera continuar a ter a mesma utilidade que até agora tem tido. Seu programa de trabalho é largo, e, se puder ser executado à risca, dentro dos anos de 1942 e amabilíssimo favor com que nos amplos moldes que adotamos, a história da literatura brasileira, a qual abrangerá, então, bem mais de uma centena de fascículos. A paginação desses fascículos será encerrada de quatro em quatro meses, de forma que cada ano deverá dar três volumes, encerrando aproximadamente trezentas páginas cada volume.

Agradecendo, penhorados, o amabilíssimo favor com que nos tem recebido os leitores, trazemos aqui os nossos votos cordiais de um feliz ano de 1942.

SUMÁRIO

PAGINA 433:	PAGINA 450:
— Notícia sobre Olavo Bilac	— O velho ref. de Olavo Bilac
— Explicação do suplemento	— Surtidos, de Olavo Bilac
— Sumário	PAGINA 451:
PAGINA 434:	— A morte de Olavo Bilac, de Mário de Alencar
— Ide a um poeta morto, de Raul de Leoni	— Dois sonetos em francês, de Olavo Bilac — Fedora e Othello
PAGINA 435:	PAGINAS 452-453:
— Carta do Olimpo, de Olavo Bilac (Pelo-Apolo)	— Poemas inéditos de Olavo Bilac
— Autógrafos de Olavo Bilac — Benedicite — Maldição	PAGINA 454:
— Olavo Bilac, João Ribeiro.	— Estudo grafológico de Olavo Bilac, por Alice E. Souza
PAGINAS 436/437:	— Sonetos de Olavo Bilac traduzidos por poetas colombianos
— A poesia de Olavo Bilac (El Zambalho)	— Autógrafos de Olavo Bilac — Ovírio estrelas
PAGINA 438:	PAGINA 455:
— A morte de Olavo Bilac, por Alberto de Oliveira	— Olavo Bilac na evocação de Feltz Pacheco
— Olavo Bilac, poeta, de Tristão de Alencar	PAGINA 456:
PAGINA 439:	— Poésias de poeta, de Mário Rodrigues
— Olavo Bilac, poeta (continuação da página anterior)	— Bilac, de João do Rio
— Alguns sonetos da "Via Láctea", de Olavo Bilac (continuação da página anterior)	PAGINA 457:
— Nota a propósito de Machado de Assis, de Olavo Bilac	— Fontes históricas (continuação da página 443)
PAGINA 440:	— A influência de Olavo Bilac, de Maria Eugênia Cebo
— Bibliografia de Olavo Bilac	— No túmulo de poeta, de Hermos Fontes
— Alguns sonetos da "Via Láctea", de Olavo Bilac (10 sonetos)	PAGINA 458:
PAGINA 441:	— A figura e a obra de Olavo Bilac, por Amadeu Amaral
— O sentimental na poesia de Olavo Bilac, de Guilherme de Almeida	— Citação, de Olavo Bilac
— Correspondência de escritores — Carta de Olavo Bilac a Viriato Corroia	PAGINA 459:
— Olavo Bilac, poeta (continuação da página 439)	— Um discurso de Alcides Maya em homenagem de Olavo Bilac
— Dois sonetos desconhecidos de Olavo Bilac — Solar deserto — No álbum da exma. sra. d. Fozzilhina	— Correspondência de escritores — Carta de Olavo Bilac a Cleopatra Mariano
PAGINA 442:	PAGINA 460:
— Olavo Bilac em Portugal — Discursos de Lopes do Mendonça, Jaime Cortesão, Alberto de Oliveira, João de Barros, Pedro Martins e Olavo Bilac	— Poésias de poeta (continuação da página 441)
— O burro, Olavo Bilac	— Olavo Bilac, contista (continuação da página anterior)
PAGINA 443:	— Reunidos de outro tempo, de Viriato Corroia
— Olavo Bilac em Portugal (continuação da página anterior)	— "As Poesias", de Olavo Bilac, de Raul Pompéia
— O burro (continuação da página anterior)	PAGINA 462:
— Epitafios históricas, de D. Furnas	— O patriotismo na vida de Olavo Bilac, de Rosalino Coelho Lisboa
PAGINA 444:	— Três inéditos de Olavo Bilac
— Olavo Bilac em Portugal (continuação da página anterior)	PAGINA 463:
— Olavo Bilac na evocação de Ramis Galvão	— Reunidos de outro tempo (continuação da página 461)
PAGINA 445:	— O que disse a natureza, de Olavo Bilac
— Olavo Bilac em Portugal (continuação da página anterior)	— Poemas desconhecidos de Olavo Bilac — Conto comemorativo de 26 de Julho
— Olavo Bilac e Guerra Junqueiro	PAGINA 464:
PAGINA 446:	— Fantasia, de Olavo Bilac
— Flexas de Ouro, de Olavo Bilac (Nemrod)	— Olavo Bilac, contista (continuação da página 461)
PAGINA 447:	— Olavo Bilac, sonetos de Alberto de Oliveira
— Olavo Bilac, de Humberto de Campos	— Bilac (continuação da página 460)
PAGINAS 448/449/450:	— Olavo Bilac na evocação de Demônio de Lima
— A campanha nacionalista de grande poeta brasileiro (não allegorizada)	

ODE A UM POETA MORTO - RAUL DE LEONI

À MEMÓRIA DE OLAVO BILAC

Senador de harmonia e de beleza
Que num glorioso tunado repousas,
Tua alma foi um cântico diverso,
Cheio da eterna música das coisas;
Uma voz superior da Natureza
E uma ideia senhora do Universo!

Onde passaste, ao longo das estradas,
Linha de imagens rútilas e vivas,
Em lígidas,
Foram tecendo, como o olhar das fadas,
Nas mais nobres e belas perspectivas,
O panorama dos ideais da Terra
E a sedulante paisagem da alma humana.

Toda a emoção, que ainda nas coisas, fala,
Nos seus diversos tons e reflexos e cores,
Pela tua palavra irizada de opala,
Feita de radiações e finas tessituras;
Desde a vida sutil da borboleta
À alma leve das águas e das flores,
À exaltação do Sol e ao sonho das criaturas;
Toda a sensibilidade esparsa do Planeta.

Frene em tua arte o sangue de Dioniso,
Dilúdo nas virtudes apolíneas;
E do seu sem voluptuoso chovão
Alvas formas pagãs, ardentes crises,
Baixos relevos, canálets, sanguineas,
Ninha palpitação de carne jovem.

Desfolhando um esplêndido destino,
A tua mão teve, por sentimento,
A síntese platónica do Renascimento,
Que, surtimentado de ímpetos românticos,
Trabalhasse em esmalte do Platonite,
Contendo no enzel lascivo e fino
O sonho capcioso de Anacreonte
E o irisado sensual do Cântico dos Cânticos.

Vieste de longe para longe. A tua
Alma encarnou-se em outras entuladas,
Em outros povos, tempos e países,
E, deslumbrante, continua,
Plástica, móvel, irizada e viva,
A longa emigração pelos ideais,
Deixando atrás de si seus frutos e raízes.

Foras o Homem de sempre, no prestígio
De poeta sensualista, atravessando as eras,
Por toda parte encontro o teu prestígio;
Vai do, na Índia védica, subindo
No limiar das eternas primaveras,
— As mãos cheias de rosas e anêstias —
Fazes oblata lírica e votos
Aos poderosos gênios avatares
E escreves os teus poemas animistas
Na folha dos nelumbos e dos lotos,
Na flor sonâmbula dos mandalares...
E os teus versos, nos quais um grande sonho
[abraças
Vão descendo a cantar na corrente do Ganges.

Depois, pastor na Argólida ou no Epiro,
Vivendo entre os rebulhos, em retiro,
Ao luar, sobre as montanhas, passo a passo
Vais contando as estrelas pelo espaço,
E a sonata sutil da tua azevia
Tem o sabor do favo das abelhas
E a melodia simples e serena
Da alma docil e errante das ovelhas.

Mais tarde, na Tessália, entre as selvas e os rios,
Companheiro dos sátiros ruidos,
Modulas o teu canto surpreendente,
E vais basear o som das tuas rimas
No intermezzo das fontes, ao nascente,

Na canção das águas frescas,
Na orquestração nostálgica dos ventos,
No tropel dos canturos trinculentos,
Nas gargalhadas fustegadas,
Na púrpura radiante das vindimas.

Mal doura o sol a folha das vileiras
E ouves o ruído das primeiras frautas,
Sais a espregitar, horas e horas,
Sobre a areia de prata das ribeiras,
As orfadas trétegas e incautas,
De braços entrelaçados,
Urdundo a feia de ouro das auroras,
Na fantasmagoria dos bailados.

Reapareces, depois de vilas tantas,
Com o mesmo coração sonoro e incenso
Dentro das cortes bíblicas e cantas.
Na harpa esgusa e ritual, entre espirais de incenso,
As vitórias dos reis e as veiras beneditas,
As lendas do Jordão e o olhar das moabitais.

Voltas ainda à Grécia, onde pertences
Ao povo e es o poeta da cidade.
Honras a velha raça dos rapadouros;
A tua voz tem a sublimidade
Do perfume dos parques atenienses;
E é uma expressão da pátria e o evangelho de todos.

Trazes mitos e jampagos na fronte;
Entocas hinos a Febus
E bailas, com Anacreonte,
No arabesco da ronda dos célebos.

Depois, em Milene, és o único homem
Nessa ilha extravagante das mulheres.
Já os epitalâmios que proferes,
Entre ruídos de cotilões e taças,
Sobera no ar e se consumem;
Despertam novas desejos,
E consegues possuir para os teus beijos
A própria Sado numa noite — e passas.

Vais à Roma, no vértice do Império,
Onde a predileção do cesar te conforta.
Dão-te em Tibur estâncias e domínios;
Vais a Capri na corte de Tibério;
Instalas teu palácio no Aventino;
Tens cumucos etíopes à porta
E líricas de estolo damasquino.
É a alma delirante dos triclínios;
Exortas os circenses sobre vícios;
Cantas no banho azul das cortezãs esdrúgas;
És íntimo nos tálamos patrios,
Onde os teus versos sacros e profanos
São guardados nas urnas legendárias
Em custosos papiros africanos.

Mais tarde, já na idade alexandrina,
De novo, a terra helénica conquistada,
É, poeta irónico e brando,
No tom fresco e loção dos idilistas,
Passas cantando
As canções que Teócrito te ensina,

Revejo-te, depois, indiferentemente,
Em Córdoba, em Bagdad, quase em segredo,
No teu destino ideal de citaredo,
Cantor do califado, entre os tesouros
Do Islamismo e os mistérios do Oriente.
Dormas no harem real e vais às guerras,
Continuando de seres, entre os mouros,
O mesmo de outro tempo em outras terras.

Na Germânia feudal encontras nas distâncias,
Um bando de harmonias que conunguem
Com o teu coração de poeta heleno.
Murmura-te no ouvido, em ressonâncias,
A legenda pagã dos "Nibelungen".
É o amor das castelas do Reno
E a tua voz de "minnesinger" se ergue
Ora vemente e fúndia, ora em trêmulos suaveas;
Com "Tambhäuser" visita "Venusberg"
E canta nos castelos dos margraves.

Mais adiante,
Renascos na Florença azul da "Senhoria",
Florença eleva na canção dos sinos
A sua alma de Venus e Maria.
É um sonho de amor nos Apeninos.
A cidade das flores e dos poetas,
Das paixões elegantes e discretas,
Das fontes, dos jardins e das dispensas,
Das obras primas e das sutilezas.
É todo um povo anavél que se anima
E que a amar e a sorrir, da alvorada ao sol posto,
Faz da Vida uma obra prima
De sensibilidade e de bom gosto...

Há guirlandas votivas,
De acantos e de louros pelas ruas!
O Grande Pan voltou! As formos vivas,
Da Grécia, emergem, fulgidas e nuas!
Nas casas senhoriais e nas vilas burguesas,
Toda a gente, animada de surpresas,
Aprende o homérico idioma,
Entretem-se de Erasmo e de Bórcio.
De humanistas e letrados,
E dos últimos incunáveis achados
Soh a poeira católica de Roma.

Nos belvederes do Arno andam as grandes damas:
Smeralda, Lucrezia, Simonetta,
Entre rosas, sorrisos e epigramas...
Botricelli olha o céu azul violeta;
Lê-se Platão nos templos; e eu te vejo,

Sereno e líndo,
Diante do "Ponte-Vecchio", num cortejo,
Duendo nos príncipes sonetos de ouro
E Lourenço de Medicis te ouvindo!

Compoés ainda com teu gênio alto,
Na forma antiga que se cristaliza,
Certos versos do século dezoito,
Quando Watteau pintava, em plena primavera,
O "Endarque" para Ultera
E Rousseau recreava a Nova Helíada.

Poeta cosmopolita, alma moderna,
Com Leconte e Banville, em Paris de setenta,
Buscas nas viagens teus motivos de arte,
Fazes o inverno em Nice e o verão em Lucerna
E a tua sombra cívica se ostenta
Nos salões de Matilde Bonaparte.

Na amplitude geral do teu abraço:
— Fora do Tempo e do Espaço,
Na Humanidade e no Mundo —
Vejo-te sempre presente
Onde há um homem que sente
Que a vida é um sentimento esplêndido e profundo!
As almas como a tua a quem nas lite
Transoutem a emoção da vida soberana.

Seja usde loz se pode comprehendê-las,
Porque, sem fim, sem pátria e sem limite,
Temem no conceito eterno da alma humana
A universalidade das estrelas.
Se a Humanidade fosse feita delas,
Na dúvida em que não cabe
E em que se estreita,
Talvez não fosse mais feliz, quem sabe?
— Mas seria mais bela e mais perfeita...

Dignificaste a Espécie, na nobreza
Das grandes sensações de Harmonia e Beleza;
Disseste a Glória de viver, e, agora,
O teu céu a cantar pelos tempos em fora,
Dirá aos homens que o melhor destino,
Que o sentido da Vida e o seu árcano,
É a mesma aspiração de ser divino,
No supremo prazer de ser humano!

Carta do Olimpo

Olavo Bilac

Depois de tão grandes férias,
Es-mo de novo cantando,
Frescos de coisas sérias,
De santas coisas tratando.
Convenças: Carta Sétima...

Antes, é justo, na entanto,
Murmurar, é justo, no entanto,
Falo da igreja; portanto,
É de razão que eu comece
Pedido a bênção do "Apos-
tolo".

Diz o leitor, desdenhoso:
— Ah! a rezar! Que é isto?
Mas sou um deus cauteloso,
Cribão quando falo a Cristo,
Fribão quando falo a Júpiter.

Vamos. Tristíssimos dias
Que passaram, meus amigos!
Longos carnos, alegrias
E venturas perigos...
Que dias tristes e lúgubres!

(Bônito) A vitória é certa:
Mestre Castilho desbanco,
Que pensas da descoberta?
— Uma quadra e um verso
branco, branquíssimo... es-
ladrado.

Isto exprime certamente
A tristeza do universo:
O estruído justamente
Transbordá do quarto verso
Como uma lágrima fúnebre).

Dias "lates" Sinos roucos,
Músicas, lúgubres ofícios,
E como se fossem poucas
Esses muitos sacrifícios,
As amnésias para cúmulo!

Lala e petza... Fora, fora
A carne de toda mesa!
Mado estranho é este agora
De demonstrar a tristeza
Comendo ceias opiparas.

E chega a ser proibido...
(Quão hei de dizer?) o beijo!
Vejam isto: está perdido
Quem não fingir que tem pelo...
Quem não tiver seja hipócrita!

Oh! quem os beijos trocados
As ocultas, face a face,
E os rosbijos decorados.

AUTÓGRAFOS DE OLAVO BILAC



Benedicta

Benedicta - que no tuvo o foy por...
É - que não - chama as benfazejas e amig.
É - que amontoa - amara... que de chei ag...
É - ca nos beijos de sel o nos brades de tajo.

É - que o fan fogu... a - pueros... architecte
Que idem, depois de bene e de las... foygo;
É - que or fan uetua; e - que arbor - alphabeto.
É - que me meo canelo as praxios madoja.
É - que volta - as mas o quillo... e no tulo - fano...
É - que inanta o canto... e - que com o fyo;
É - que bono - meo; e - que olina e acoplanso.

Atas benedito, entre os meos, o que... no de profundo
Acorde e Esperança, o brado madoja.
Dado as honra - em de exporitar o mado!

Olavo Bilac



Maldita

Se foi vinte annos, nesta fura ceure,
Deixei dormir a minha Maldita,
Hoje, volta e ceneada de Amargura,
Minh'alma de abriro como um vulcão!

É, em tormentas de colera e brucera,
Volve a tua cabeça feroza
Vinte annos de silencio a de tortura,
Vinte annos de agonia e volubros.

Maldita vives pelo Ideal perdido!
Pelo mal que fizeste sem querer!
Pelo amor que amou sem ter nascido!

Pelas horas vividas sem fazer!
Pela tristeza do que tenho visto!
Pelo esplendor do que deixei de ver!

Olavo Bilac

Nesta semana contasse!
Falassem faces e estômagos!

Sotto o cabelo formoso,
Lho banhau os pés de lágrimas!

E tudo porque, em verdade,
Um deus teve a hipocrisia
De deixar a eternidade,
Morrendo... só por um dia,
Para espantar os católicos!

E morreu tragicamente,
Sem volver o olhar piedoso
Aqueila que, humildemente,

Triste morte! Aqui, ao menos,
Quem morre, morre calmo
Nos braços quentes de Venus,
E ressucita mais vivo,
Que o amor dá vida aos cadáveres.

Enfim, passou a semana...
Volta a carne, vai-se o peixe.

E, finda a comédia humana,
É justo que cada um deize
Cair das faces a máscara.

Agora é o fudas que passa
Aos trambolhões repetidas,
Aos risos da população,
Pegam-lhe fogo aos vestidos,

Tiram-lhe as pernas, enfor-

Oh! se os Judas existentes
Fossem todos enforcados...
Ail' cotados dos parentes!
Ai dos amigos, cotados!
E boa-noite, até sábado.
"Pebo-Apolo - "A Semana" -
9-4-1887.

OLAVO BILAC - João Ribeiro

A POPULARIDADE DE OLAVO BILAC

Olavo Bilac foi, sem dúvida, um dos nomes populares da última geração de poetas. O mais popular.

De todos os do seu tempo foi o mais lido e ainda hoje tem numerosos e novos leitores.

Os seus livros foram impressos e reimpressos várias vezes, coisa rara depois de Castilho de Abreu e de Castro Alves.

Se fosse um poeta original teria revolucionado a poesia e criado uma escola literária. Sem embargo criou uma legião de imitadores.

Algumas das suas composições líricas tiveram desproporcionada êxito. "O Cavaleiro emeraldino", por exemplo, é uma delias e não talis um dos sonetos de "Via-lactea".

"A Tentação de Xenocrates" foi outro poema que suscitou entusiasmos entre os seus epítomos.

Não acredito que o futuro, que sempre faz uma revisão de valores, possa tirar do cânone a parte épica dos seus versos.

O melhor será sempre a sua lírica, mais espontânea, menos artificial, e seguramente a mais bem inspirada e profunda.

Assim, acredito, mas, pode ser levantado o parecer.

Também acredito que Raynundo Correa seja superior a Bilac, embora não lograsse nunca a popularidade do último.

Bilac possuía certa sedução pessoal, que faltava de todo a Raynundo. Aparecia nas festas, impunha-se pela imprensa como talentoso cronista e comentarista dos acontecimentos e sempre de tudo, era um orador notável.

facto da sociedade que não fosse hábito, não sobreviveria em jornais, imprensa, o menos possível em toda a parte e não podia ou não sabia falar em público.

Essas qualidades são sempre negativas da popularidade.

E, aliás, não amara, ou antes, detestava a popularidade, para ele, indistinta do plebeísmo.

Intimamente Raynundo e Bilac admiravam-se mutuamente, mas não se amavam, sentiam-se contrariados, por involuntária separação.

Bilac era o ídolo (um pouco irreverente) da sua companhia e camaradagem, tão numerosas quanto ele a desejasse.

Acostumou-se desde os seus primeiros triunfos, com admirado perdadeira e, tarde, senão as restrições artísticas que podia se fazer ao seu espírito, é foralhi' ai do seu impalpado militarismo.

Não compreendi nunca o fervor e entusiasmo do poeta pelo serviço militar. Foi o mais eloquente apóstolo desse artigo da nossa Constituição que prega o arbtramento e inatitue, qo cidadão urnado, defeito de "motalco" da nossas leis mais ou menos copiadas.

Parcei que essa campanha de militarismo "branco" acrescia a consciência do poeta, qtd, anteriormente, mais de uma vez sofrera o peso e dos pronunciamentos.

Em qualquer caso, é hoje um dia de consagração do grande poeta na Academia de Letras onde foi um dos mais áleas expoentes da literatura nacional.

II
A MORTE DE OLAVO BILAC
A morte de Olavo Bilac despertou numerosas comemorações dos seus amigos e admiradores, do quem e alem-mar.

Interce aqui menção especial o

elogio de Fernandes da Costa, na Academia de Ciências de Lisboa, que temos, num opusculo distribuído pela nossa Academia.

É um elogio académico que, ao mesmo tempo, revela a perspicácia do crítico.

Registemos a conferência de Gomes Leite, em São Paulo, vsemos critica e analítica que a precedeu, mas inspirada de sincera admiração pelo poeta.

A nossa Academia celebrou, numa sessão de saudades, a memória de Olavo Bilac e pena é que se perdessem no "ar" as vozes que então se fizeram ouvir. Mais tarde, em erudita conferência na Biblioteca Nacional, Jalou um intelectual, Adrien Delpech, que, em lingua franceza, fez o elogio do poeta e interpretou, com brilhante elegância e fidelidade, alguns dos seus mais notaveis poemas.

Por último, na "Ode a um poeta morto", o jovem poeta Raul de Leão glorifica, com grande beleza de ritmo, a peregrinação do poeta-interpretar da alma humana e viajor de todos os países e de todas as idades:

"Somedor de harmonia e de beleza que num gloriozô tãnuo repousas, Thuo alma foi um cântico dicerto, Cheio da eterna mistica das coisas: Uma voz superior da Natureza E uma ideia sonora do Universo!

Onde passaste, ao longo das estradas Linhas de imagens rãttias e vivas, Em fulgurana Formam tecendo, como o olhar das (Jaldas

Nas mais nobres e belas perspectivas O panorama dos ideais da Terra E a ondulante paisagem da alma (humana)

O culto pelo poeta, esse roba-

do as nossas letras, ainda mais se reafirmar, quando sair a luz o seu livro póstumo, tão ansiosamente esperado.

III
O DÍCCIONARIO ANALÓGICO
Na segunda-feira, dia sem jornais, a sem as ejemerides do costume, qe, haras correram silenciosas sobre o sétimo aniversário da morte de Olavo Bilac.

Ele é ainda o mais lido, o mais popular dos nossos últimos poetas; a suavidade e a beleza dos seus versos líricos soam com o mesmo encanto de butrora, de quando apareceram.

Não é, porém, da glória do poeta que quero falar neste momento. Nem é a necessidade de comentários ou, do meu aplauso, tantas vezes repetido nas folhas espãrrias e justas da minha attitude de cronista.

Quero retificar um ponto de pequena importância em relação ao poeta e às palavras que me foram atribuídas por um colega de boa fé:

Olavo Bilac, nos últimos anos da vida, dedicou muitas das suas horas de lazer à elaboração de um "Dictionário Analógico".

Não temos obra semelhante em nossa pobre bibliografia de erudição. Os franceses tem a de Boissière, os ingleses a de Roger, os espanhóis a de Benot (sob o título de dictionário de ideias afines) e os alemães a de Schlassing.

Em geral, ignoramos os nomes das coisas. Sabemo-lo às vezes em francês como se chamam em inglês ou italiano; em português há sempre eclipses totais.

Firmino Costa, professor mineiro, escreveu um compêndio onde: reúnio grande número de expressões técnicas das nome animais, do canto das aves, dos ruidos da natureza e diversos muitas outras espécies.

31-12-1935.

A P O E S I A D E

PROFISSÃO DE FE'

*Le poète est ciseleur.
Le ciseleur est poète.
Victor Hugo.*

Não quero o Zeus Capitolino,
Hércules e Belo,
Talhár no mármore d'itino
Com o camarteio.

Que outro — não eu! — a pedra corte
Para, brútal,
Erguer de Atene o altivo porte
Descamunal.

Mais que esse vulto extraordinário,
Que assombra a vista,
Seduz-me um leve relicário
De fino artista.

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.

Imito-o, E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O onix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o cinzel.

Corre, desenha, enfeita a imagem,
A idéia veste:
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Força, aprimora, alleta, lima
A frase, e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:

E que o lavor do verso, acaso,
Por tão sutil,
Possa o lavor lembrar de um vaso
De Becerril.

E horas sem conta passo, mudo,
O olhar atento,
A trabalhar, longe de tudo
O pensamento.

Forque o escrever — tanta pericia,
Tanta requer,
Que officio tal... nem há noticia
De outro qualquer.

Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Forma!

Deusa! A onda vil, que se avoluma
De um torvo mar,
Deixa-a crescer; e o lodo e a espuma
Deixa-a rolar!

Bianfemo, em grita surda e horrendo
Inyelo, o bando
Venha dos Bárbaros crescendo,
Vociferando...

Deixa-o: que venha e utando passe
— Bando feroz!
Não se te mude a cor da face
E o tom da voz!

Olha-os somente, armada e pronta,
Radiante e bela:
E, ao braço o escudo, a raiosa afronta
Dessa procela!

Este que à frente vem, e o todo
Possue minaz
De um Vândalo ou de um Visigodo
Cruel e audaz;

Este, que, de entre os mais, o vulto
Ferreño alleta,
E, em jato, expelle o amargo insulto
Que te enlameia:

E' em vão que as forças cansa, e à luta
Se atrá; é em vão
Que brande no ar a maça brua
A bruta mão.

Não morrerás, Deusa sublimar
Do trono egrégio
Assustada intarta ao crime
Do sacrilégio.

E, se morreres porventura,
Fossa eu morrer
Contigo, e a mesma noite escura
Nos envolver!

Ah! ver por terra, profanada,
A ara partida;
E a Arte imortal aos pés calcada,
Prostituída!...

Ver derrubar do eterno sôllo
O Belo, e o som
Ouvir da queda do Acropôllo,
Do Partenon!...

Sem sacerdote, a Crença moria
Sentir, e o susto
Ver, e o extermínio, entrando a porta
Do templo angustio!...

Ver esta lingua, que cultivo,
Sem eucrópis,
Mirrada ao hátillo nocivo
Dos infetis!...

Não! Morra tudo que me é raro,
Fique eu sózinho!
Que não encontre um só amparo
Em meu caminho!

Que a minha dor, nem a um amigo
Inspire dó...
Mas, ah! que eu fique só contigo,
Contigo só!

Vive! que eu viverei servindo
Teu culto, e, obscuro,
Tuas custódias esculpindo
No ouro mais puro.

Celebrarei o teu officio
No altar; porem,
Se inda é pequeno o sacrificio,
Morra eu tambem!

Cata eu tambem, sem esperança,
Porem tranquiço,
Inda, ao cair, vibrando a lança,
Em prol do Estiço!

SATANIA

Nua, de pé, solta o cabelo às costas,
Sorri. Na alcova perfumada e quente,
Pela janela, como um rio enorme
De dures ondas tranquilas e impalpáveis
Profusamente a luz do meio dia
Entra e se espalha palpante e viva.
Entra, parte-se em jetes rutilantes,
Avista as cores das tapeçarias,
Doura os espelhos e os cristais inflama.
Depois, tremendo, como a arfar, desliza
Pelo chão, desenrola-se, e, mais leve,
Como uma vaga preguiçosa e lenta,
Vem-lhe deixar a pequenina ponta
Do pequenino pé macio e branco.
Sobe... cinge-lhe a perna longamente;
Sobe... — e que volta sensual descreve
Para abranger todo o quadril! — prossegue,
Lambe-lhe o ventre, abraça-lhe a cintura,
Morde-lhe os bicos fúrnidos dos seios,
Corre-lhe a espadua, espia-lhe o recondo
Da axilla, acende-lhe o coral da boca,
E antes de se ir perder na escura noite,
Na densa noite dos cabelos engros,
Para confusa, a palpitar, diante
Da luz mais bela dos seus grandes olhos,
E aos mornos beijos, ás carícias ternas
Da luz, cerrando levemente os olhos,
Saldânia os lábios úmidos encurva,
E da boca na púrpura sangrenta
Abre um curto sorriso de volúpia...
Corre-lhe á flor da pele um calefrio;
Todo o seu sangue, alvoroçado, o curso
Apressaa; e os olhos, pela fenda estreita
Das abultadas pálpebras radiando,
Turvos, quebrados, lânguidos, contemplam,
Filtos no vácuo, uma visão querida...

Talvez ante eles, cintilando ao vito
Fogo do oceano, o mar se desenrole:
Tingem-se as águas de um rubor de sangue,
Uma canoa passa... Ao largo oscilam
Mantros enormes, sacudindo as flâmulas...
E, alta e sonora, a murmurar, a espuma
Pelas areias se insinua, o lino
Dos grosseiros cascalhos prateando...
Talvez ante eles, rígidas e imóveis,
Vicem, abrindo os leques, as palmeiras;
Calma em tudo. Nem serpe sorrateira
Silva, nem ave inquieta agita as asas.
E a terra dorme num torpor, debalzo
De um céu de bronze que a comprime e estreita.

Talvez as noites tropicais se estendem
Ante eles: infinito firmamento,
Milhões de estrelas sobre as crepascas águas
De torrentes caudais, que, saboreando,
Entre altas serras surdamente roiam...
Ou talvez, em países apartados,
Ficem seus olhos uma cena antiga:

Tarde de outono. Uma tristeza imensa
Por tudo, á sombra deleitosa
Das lamareiras, meio adormecido,
Fuma um árabe. A fonte rumoreja
Perto. A cabeça o cântaro repleto,
Com as mãos morenas suspendendo a sêda,
Uma mulher ajasta-se, cantando...
E o árabe dorme numa densa nuvem
De fumo... E o canto perde-se á distância...
E a noite chega, tépida e entreçada...

Certo, bem doce deve ser a cena
Que os seus olhos exóticos ao longe,
Turvos, quebrados, lânguidos, contemplam.
Há pela alcova, entanto, um murmúrio
De vozes. A principio é um sopro escasso,
Um sussurrar baixinho... Aumenta logo:
E' uma prece, um clamor, um coro imenso
De ardentes vozes, de convulsos gritos.
E' a voz da Carne, é a voz da Mocidade,
— Canto vivo de força e de beleza,
Que sobe desse corpo iluminado...

Dizem os braços: — "Quando o instante doce
Há de chegar, em que, á pressão ansiosa
Destes laços de musculos sedios,
Um corpo amado vibrará de gozo?"

E os seios dizem: — "Que sedentos lábios,
Que avidos lábios sorverão o vinho
Rubro, que temos nestas cheias taças?
Para essa boca que esperamos, pulsa
Nestas carnes o sangue, enche estas veias,
E entesa e apruma est'es rosados blocos..."

E a boca: — "Eu tenho nesta fina concha
Pérolas nipoas do mais alto preço,
E corais mais brilhantes e mais puros
Que a rubra seiva que de um tírro manto
Cobre o fundo dos mares da Abissínia...
Ardo e suspiro! Como o dia tarda
Em que meus lábios possam ser beijados,
Mais que beijados: possam ser mordidos!"

Mas, quando, enfim, das regiões descendo
Que, errante, em sonhos percorreu, Saldânia
Olha-se, e vê-se nua, e, estremecendo,
Veste-se, e aos olhos ácidos do dia
Vela os encantos, — essa voz declina
Lenta, abafada, trêmula...

Um barulho
De linhos frescos, de brilhantes sedas
Amarrotadas pelas mãos nervosas,
Enche a alcova, derrama-se nos ares...
E, sob as roupas que a sufocam, inda
Por largo tempo, a soltar, se escuta
Num longo choro a entrecorrida queixa
Das deslumbrantes carnes escondidas...

SAHARA VITAE

Lá vão eles, lá vão! O céu se arqueta
Como um teto de bronze infundo e quente,
E o sol fuzila e, fuzilando, ardente
Criva de flechas de aço o mar de areia...

Lá vão, com os olhos onde a sede atela
Um fogo estranho, procurando em frente
Esse oásis do amor que, claramente,
Além, belo e faiso, se delimita.

Mas o simum da morte sopra: a tromba
Convulsa, envolve-os, prostra-os e aplicada
Sobre si mesma roda e exausta tomba...

E o sol de novo no igneo céu fuzila...
E sobre a geração exterminada
Á areia dorme plácida e tranquila.

MEDALHA ANTIGA

(LECONTE DE LISLE)

Este, sim! viverá por séculos e séculos,
Vencendo o obvido. Soube a sua mão deixar,
Ondeando no nepror do onix polido e rutilo,
A alta espuma do mar.

Ao sol, bela e radiosa, o olhar surpreso e exótico,
Vê-se Kypre, á feição de uma jovem princesa,
Molemente emergir á flor da face trêmula
Da líquida turquesa.

Nua a deusa, nadando, a onda dos seios tímidos
Leva diante de si, amorosa e sensual:
E a onda mansa do mar borda de argenteos flocculos
Seu pescocó imortal.

Libre das fitas, solto em quedas de ouro, espalha-se
Gozefante o cabelo: e seu corpo encantado
Brilha nas águas, como, entre violetas húmidas,
Um lírio immaculado.

E nada, e folga, enquanto as barbatanas áperas
E as fúlvos caudas no ar batendo, em derredor
Turvando o Oceano, em grupo os delicias alimpes
Para e flut milhoes.

OLAVO BILAC

FRUTIDORO

Fruto, depois de ser semente, humilde e flor,
Na alta árvore nutria da Vida amadureço...
Gaiel, sofre — vivi! Tenha no mesmo apreço
O que o gozo me deu e o que me deu a dor.

Venha o inverno depois do outono benfiteiro!
Pela porque nasci, feliz porque envelheço,
Hei de ter no meu fim a glória do começo:
Não me serão chorar no dia em que me for...

Não me amedrontas, Morte! o teu apelo escuto,
Conto sem mágoa os sóis que me acercam de ti,
E sem tremer, à porta, ouço o teu passo astuto.

Leva-me! Após a luta o sono me sorri:
Cantei, beijando o galho em que fui flor e fruto,
Bemfitendo a sado em que amadureci!

AOS SINOS

Plangel, sinos! A terra ao nosso amor não basta...
Cansados de ânimas vis e de ambições ferozas,
Arduos numa louca aspiração mais casta,
Para transmigrações, para metempsicoseas!

Cantai, sinos! Daqui, por onde o horror se arrasta,
Campas de rebeliões, bronzes de apoteoses,
Badalá, bimbaihai, tocal à esfera vastal!
Levai os nossos ais rolando em vossas vozes!

Em toques de febre, em dobras a finados,
Em robales de angústia, ó carfônios, dos címos,
Tanged! Torres da fé, vibraí os nossos braços!

Dizei, sinos da terra, em clamores supremos,
Toda a nossa tortura aos astros de onde vimos,
Toda a nossa esperança aos astros aonde iremos!

AS ESTRELAS

Esperrola-se a sombra no regaço
Da morna tarde, no esmaído anil;
Dorme, no afaço do calor febril,
A natureza, mole de cansaço.

Vagatosa estrelas! Passo a passo,
E aprisco desertando, de mil e de mil,
Vindas do infinito seio do redil
Nem compacto rebanho, e encheis o espaço...

E enquanto, lentas, sobre a luz terrena,
Vós seres malhais tremulamente a fluz,
— Uma divina música serena.

Devois rolando pela vossa luz:
Cada-se ouvir, oeilhas de ouro! a avena
Do insinuí pastor que vos conduz...

CRIAÇÃO

Ha no amor um momento de grandeza,
Que a de inocência e de êxtase bendito;
Os dois corpos são toda a Natureza;
As duas almas são todo o infinito.

E' um mistério de força e de surpresa:
Estala o coração da terra, afrita;
Rasga-se em lux fecunda a esfera acesa;
E de todos os astros rompe um grito...

Deus transmite o seu hálito aos amantes;
Cada beijo é a sação dos Sete Dias;
E a Gênese fulgura em cada abraço.

Porque entre duas bocas soluçantes
Bola todo o Universo, em harmonias
E em glorificações enchendo o espaço.

REMORSO

As vezes, uma dor me desespera...
Nestas ânimas e dúvidas em que ando,
Como e padeço, neste outono, quando
Colculo o que perdi na primavera.

Vozes e amores sufocou calando,
Sem os gozar, numa explosão sincera...
Ah! mais cem vidas! com que ardor quisera
Mais viver, mais pensar e amar cantando.

Sinto o que esperideci na juventude:
Choro, neste começo de velhice,
Mortir da hipocrisia ou da virtude.

Os beijos que não tive por tolice,
Por timidez o que sofrer não pude,
E por pudor os versos que não disse!

VELHAS ÁRVORES

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as Árvores novas, mais amigas
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas.

O homem, a fera e o inseto à sombra delas
Fivem, livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves lagarelas.

Não choremos, amigo a mocidade,
Envelheçamos rindo, envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem:

Na glória da alegria e da bondade,
agasalhando os pássaros nos ramos,
dando sombra e consolo aos que padecem!

RESPOSTAS NA SOMBRA

"Sofro... Vejo envasado em desespero e lama
Todo o antigo fulgor que tive na alma boa;
Abandona-me a glória, a ambição me abraço;
Que fazer para ser como os felizes?" — Ama!

"Améi... Mas tive a cruz, os cravos, a coroa
De espinhas, e o desdem que humilha e o dó que
[Injuria,
Calcinou-me a irritação destruidora chama;
Padeço! Que fazer para ser bom?" — Perdoai!

"Perdoei... Mas, outra vez, sobre o perdão e a graça
Tive o opróbrio; e, outra vez, tive sobre a piedade
[a injúria,
Desvário! Que fazer para a consolo?" — "Esquecei!"

"Mas lembro! Em sangue e fel o coração me escorre,
Ranjo os dentes, remorda os punhos, rujo em júrta!
Ódio! Que fazer para vingança?" — Morre!

AVATARA

Numa vida anterior, foi um "sheik" macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo; o espaço, um cavalo, e a bravura.

Entre o deserto hostil e o ingrato firmamento,
Sem abrigo, sem paz no coração violento,
Eu namorava, em minha altiva desventura,
As areias na terra e as estrelas na altura.

As vezes, triste e só, cheio do meu desgosto,
Eu castigava a mão contra o meu próprio rosto,
E contra a minha sombra erguia a lança em riate...
Mas o simun do orgulho enfunava o meu peito;

E eu galopava, livre, e voava, satisfeito;
Da força de ser só, da glória de ser triste!

PRECE

Durma, de tuas mãos nas palmas sacrossantas,
O meu remorso, Veijo e pobre, como Job,
Perdendo-te, o melhor de tantas posses, tantas,
Malsinado de Deus, perdi... Tu foste a só!

Ao céu, por teu perdão, a minha alma, que encantas,
Suba, como por uma escada de Jacob!
Perdi-te... E eras a graça, alta entre as altas santas,
A sombra, a força, o aroma, a luz... Tu foste a só!

Tu foste a só!... Não valho a poeira que levantas,
Quando passas. Não valho a esmola do teu dó!
— Mas deixa-me chorar, beijando as tuas plantas,

Max deixa-me clamar, humilhado no pó:
Tu, que em misericórdia as Madonas suplantas,
Acolhe a contrição do máu... Tu foste a só!

SÓ

Este, que um deus cruel arremessou à vida,
Marcando-o com o sinal da sua maldição,
— Este desabrocho, como a erva má, nascida
Apenas para aos pés ser calcada no chão.

De motejo em motejo arrasta a alma forida...
Sem constância no amor, dentro do coração,
Sente, crespa, crescer a selva retorcida
Dos pensamentos maus, ríthos da solidão.

Longos dias sem sol! noites de eterno luto!
Alma cega, perdida à toa no caminho!
Roto casco de nau, desprezado no mar!

E, árvore, acabará sem nunca dar um fruto;
E, homem, há de morrer como viveu: sózinho!
Sem ar! sem luz! sem Deus! sem fé! sem pão! sem
[liar!

INANIA VERBA

Ah! quem há de exprimir, alma impotente e escrava,
O que a boca não diz, o que a mão não escreve?
— Ardes, sangras, pregada à tua cruz, e, em breve,
Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbrava...

O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava:
A Forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve...
E a Palavra pesada abaja a ideia leve,
Que, perfume e clarão, refugiu e voava.

Quem o molde achará para a expressão de tudo?
Ah! quem há de dizer as ânimas infinitas
Do sonho? E o céu que foge à mão que se levanta?

E a va muda? e o asso muda? e o desespero muda?
E as palavras de fé que nunca foram ditas?
E as confissões de amor que morrem na garganta?

SINFONIA

Meu coração, na incerta adolescência, outrora,
Delirava e sorria aos raios matutinos,
Num prelúdio incolor, como o alegre da aurora,
Em sistrós e clarins, em pifanos e alnos

Meu coração, depois, pela estrada sonora
Colhia a cada passo os amores e os hinos,
E ix de beijo a beijo, em lasciva demora,
Num voluptuoso adágio em harpas e violinos.

Hoje, meu coração, num achervo de ânimas, arde
Em flautas e oboés, na inquietação da tarde,
E entre esperanças foge e entre saudades erra...

E, heróico, estará num final, nos clamores
Dos arcos, dos metais, das cordas, dos tambores,
Para glorificar tudo que amou na terra!

CANTILENA

Quando as estrelas surgem na tarde, surge a es-
[perança...
Toda alma triste, no seu desgosto, sonha um Messias:
Quem sabe? o acaso, na sorte esquiva, traz a mu-
[dança;
E enche de mundos as existências que eram vazias.

Quando as estrelas brilham mais vivas, brilha a es-
[perança...
Os olhos fulgem; loucas, ensaiam as asas frias:
Tantos amores há pela terra, que a mão alcança!
E há tantos astros, com outras vidas, para outros
[dias!

Mas de asas fracas, baixando os olhos, o sonho
[cansa;
No céu e na alma, cerram-se as brumas, gelam-se as
[luzes;
Quando as estrelas tremem de frio, treme a es-
[perança...

Tempo! o delírio da mocidade não reproduz!
Dorme o passado... Quantas sepulcros, e quantas
[crusis!
Quando as estrelas morrem na aurora, morre a es-
[perança...

ABSTRAÇÃO

Há no espaço milhões de estrelas carinhosas,
Ao alcance do teu olhar... Mas conjecturas
Aqueles que não vês, igneas e ignotas rosas,
Vigando na mais longe altura das alturas.

Ha na terra milhões de mulheres formosas,
Ao alcance do teu desejo... Mas procuras
As que não viem, sonho e afeto que não gozas
Nem gozardas, visões passadas ou futuras.

Assim numa abstração de números e imagens,
Vives. Olhas com tédio o planeta ermo e triste,
E achas deserta e escura a abobada celeste.

E morrerás, sózinho, entre duas miragens:
As estrelas sem nome — a luz que nunca viste,
E as mulheres sem corpo — o amor que não libastes!

INTROIBO!

Sinto às vezes, à noite, o invisível cortejo
De outras vidas, num caos de clarões e gemidos:
Vago tropel, voejar confuso, hálito e beijo
De coisas sem figura e seres escondidos.

Miscível, perebro, em tortura e desejo,
Um perfume, um sabor, um tato incompreendido,
E vozes que não ouço, e cores que não vejo,
Um mundo superior aos meus cinco sentidos.

Ardo, aspro, por ver, por saber, longe, acima,
Fora de mim, além da dúvida e do espanto!
E, na sideração, que um dia me redime,

Liberto, flutuaré, feliz, no seio etéreo,
E, ó Morte! rolaire no teu piedoso manto,
Para o deslumbramento augusto do Mistério!

JOSE DO PATROCINIO

Quando, ao braço o broquel, combatas, sózinho,
Calmo, o gládio imortal vibrando às mãos, certoiro,
— De que benções de mãe era feito o carinho,
Que ungia a tua voz, glorioso Justiciero?

Treva, em cuja espessura os sóis fliteram ninhad
Foi de dentro de ti que, para o cativoiro,
Saíu, como um doirado e alegre passarinho,
Num gorgoleio de luz, o consolo primetro...

Hoje, do mar da inveja, em vão, para o teu rosto
Sobe o lodo... Sorris e injurias e ironias
Vão de novo cair no podre sertuadoro...

E, eterno, à eterna luz dos séculos exposto,
Ficas, — tu, que, ao nascer, já na pele trázias
A imarredoura cor do bronze imorredouro!

VIRGENS MORTAS

Quando uma virgem morre, uma estrela aparece,
Nova, no velho engaste azul do firmamento:
h, a alma da que morreu, de momento em monomia,
Na luz da que nasceu palpita e resplandece.

O' vós, que, no silêncio e no recolhimento
Do campo, conversais a nós, quando anoitece,
Cuidado! — o que dizeis, como um rumor de prece,
Val sussurrar no céu, levado pelo vento

Namorados, que andais, com a boca transbordando
De beijos, perturbando o campo sossegado
E o casto coração das flores inflamando,

— Piedade! elas veem tudo entré as moitas escuras...
Piedade! esse impudor ofende o olhar gelado
Das que viveram sóis, das que morreram para!

A MORTE DE OLAVO BILAC - ALBERTO DE OLIVEIRA

Raimundo Corrêa, Olavo Bilac e quem escreve estas linhas vinham citados muitas vezes juntos em artigos de critica, quando em outras escriptores, em uma fase de transição de nossa literatura, emprenderam melhorar no Brasil a arte do verso, ultimamente por demais descuidada. Unidos pelo mesmo ideal e por verdadeira fraternal afeição, quebraram-se a esta uma vez os laços, por motivos que não cabe aqui explicar, separando-me eu de Bilac, e este de Raimundo, sem que entre os três, desfeitos os laços de camaradagem, deixasse, entretanto, de perdurar um pouco da mesma estima com que se queriam.

Decorridos uns anos, por ação do tempo, senão dos nossos corações, havendo-nos reconciliado eu e Olavo Bilac, pôs-me um dia entre este e o poeta das "Sinfonias" e, cingindo-os a ambos com os braços, fiz que por sua vez se reconciliassem e abraçassem.

Não sei de qual dos três partiu nessa ocasião a ideia de fotografarmos-nos em grupo, o que logo fizeram, repartindo depois entre nós doze exemplares de retratos então tirados. Sete anos depois morria Raimundo Corrêa. Morre agora Olavo Bilac. Fiquei só, e este forçado afastamento dos meus melhores amigos, esta solidão me conturba o animo e o assombra; mas na fotografia que tenho dos dois companheiros em meu gabinete de estudo, e para os quais olho mais saudoso que nunca, vejo-me no lado de ambos e quero acreditar que, como há tempos sucedera, a separação de agora será transitória também.

Entre os poemas de Longfellow há um em que um grande relógio da escada de antique castelo dia e noite se faz ouvir, segredando a todos, que entram ou saem, ou passiam pelo vasto salão:

For ever — never!
Never — for ever!

A esse "sempre" e a esse "nunca!" repetidos como estribilho, associa o poeta americano as alternativas de dor e prazer, de ventura e infortúnio, e as esperanças de outra existência. A pergunta feita ao relógio sobre se ainda nos tornaremos a ver os que nos separamos, em vindo a hora da morte, o velho pêndulo responde com o mesmo refrão:

For ever — never!
Never — for ever!

palavras em que Longfellow quer ver, em opposição ao designio formal do "nunca" nesta vida, a certeza do "sempre" além dela.

Meu querido Olavo Bilac, tu e Raimundo fostes-vos ambos ao sentimento resvalar do gênio glorioso o sol em declínio. Não sei se vale a pena viver depois dessa hora. A poesia da tarde é triste, ou já não é senão meia poesia. A graça, a leveza espiritual decora e frasco; patxão e entusiasmo, são da manha ou do meio-dia. Faz-se, de uma-se então o madrigal ou a ode, e o ênfase em canto real de vitória. Depois começam as sombras a cair desde os altos montes, e tudo é saudade, que é também sombra. E agora a vez da elegia, da nenia aos sonhos mortos, às rosas da ilusão desfolhadas, Sepulturários de nós mesmos, que prazer haverá em prosseguir assim a jornada, entre inscrições de louças, salgueiros e ciprestes?

Não chegastes a estas sombras extremas; fostes-voos ambos com mais de meio céu banhado ainda de sol.

Felizes os que morrem antes que se lhes enturvem os olhos, enlenteceando.

Meu querido Olavo, meu grande Bilac, meu último companheiro desaparecido! a morte — (Continua na pag. seguinte)

OLAVO BILAC

TRISTÃO DE ATHAYDE
OLAVO BILAC — Tardé — 207 pgs., ed. Liv. Francisco Alves — Rio, 1919.

I

Como havemos de escrever sobre este grande livro — Tardé — de compreender a evolução que ele representa, sem recordar o primeiro volume do Poeta?

POESIAS

Era este o nome singular sob o qual Bilac reunia em 1883 a sua primeira mes-e. Mas não era então Bilac um parnasiano? E com a tradição dos *Emoux et Camés, Carliades, Stalactites, Poemes Antiques, Poemes Modernes, Les Trophées*, limitou-se a batizar os seus poemas com a unidade de de um classico.

Qual era o canon do puro parnasiano? A arte superior ao continente, o amor das formas cheias e das rimas ricas, a ciência da fatura, inspiração classica ou exotica, ausência de emoção pessoal.

Na *Profissão de Fé*, datada de 1886, com que Bilac abriu o seu livro, escrevia:

*Torce, apertava, alicia, limpa
a frase, e, enfim,
No verso de sota engasta a rima
como um rubim.*

para terminar afirmando:

*Cai eu tambem sem esperanza,
Porém tranqullo,
Indo ao culto, eboando a lancha
Em pra do Estillo!*

O poeta acompanhava, naturalmente, a reacção, que nas letras francezas, desde 1842, se desenhava contra o romantismo influenciado pela poesia de Banville, Gautier ou Leconte de Lisle e levado, pelo seu instinto de artista, a reagir contra o descoberto dos muscos românticos e o mau gosto do "cientifismo". Bilac largou-se na reforma parnasiana, e com ele Machado de Assis, Teófilo Dias, Luiz Guimarães, Raimundo Corrêa, Augusto de Lima, Alberto de Oliveira.

E' possível que o seu modo ardente, que vinha "vibrar a lancha em pra do Estillo", se julgasse parnasiano ou impassível. O caso é que nunca alcançou nem uma nem outra coisa. Os seus chamados "parnasianos" nunca perderam o lirismo natural, a solicitação dos sentidos, o calor estuante. Basta ler os poemas da terra, do mais poético deles — Alberto de Oliveira — para nos convencermos de que entre nós nunca existiu, como escola, o "parnasianismo". Em Bilac quase não possuiam intenção. De quem era a propria epigrafe que escolhia para a sua profissão de fé? De Victor Hugo. Ao correr do livro, raramente a arte supera o sentimento. A forma e cuidada, mas sem decência. As rimas são um complemento natural do verso, e não o seu objetivo. Não se lhe distingue a poetica por virtuosidade excepcionais e antes por grande simplicidade na fatura. A emoção pessoal é a nota quase constante do livro, ainda nas descrições. Os temas classicos não absorvem a inspiração, que se estende sem esforço aos motivos nacionais, passionais ou cotidianos.

Que fica para o "parnasianismo" nesse acervo de atributos simples, naturais, liricos, nacionais que caracterizam a poetica do primeiro livro do cantor de Fernão Leme? Se "parnasianos" foram Francis Copée ou Sully Prud'homme, guardadas as proporções com este ultimo, podemos ainda concordar em incluir Bilac entre os da escola: "ada mais. Das influencias estranhas que recebeu a sua primeira feição poetica, disse-o com acerto o mais recente e talvez o melhor de nossos historiores literarios: "um pouco de exotismo bandeirante, muito da graça do renascimento italiano e espanhol e uma leve tinta de Heredia".

Este primeiro livro de Bilac é um cântico dos sentidos. Não distingue a fantasia, a inspiração filosofica não o perturba, o sentimento apenas afiora; o poeta é escravo dos sentidos, de todos eles e momente da visão. Bilac foi um sensualista real, e bem que um sensualista virtual. A mulher, a carne, as noites de amor, os furores e as lassitudes — vivem-lhe apenas na imaginação. Bilac foi um sexual como Eca de Queiroz um elegante; por ingenuidade. O Eca era um burguez paucato e simples, que se desmembrou com o fausto e o gosto de Eduardo Prado, e pôs-se a compor, com amor é mal velada admiração, tipos como o Pradique ou Jacinto. Esse não era contudo o seu feição — simples e satirico —, vazal do requinte.

Dá-se outro tanto com o sexualismo de Bilac. Se não parecia um casto, era um reservado, um prudente, um discreto, cuja boemia se limitou a adolecência, e antes fora de espirito que de carne. O amor pelo amor fisico não lhe era congruente senão virtual. Ele apenas invocava o que não queria viver — Baudelaire teve o sexualismo solitario do esgotado; Bilac o do ingenuo.

Se lhe era apenas de imaginação o sexualismo, foi o poeta um sensualista profundo.

Reduziu o mundo aos antídotos, percorrendo-lhes a gama istra, Costo, sensível intimo, em "Ida", "Dormindo", ou "Sonho", seus versos gemiam de volúpia, ardente ou sutil, nos deliciosos "Terridos", na "Tentação de Xenocrates", em "Numa concha", na "Volta do baio". O poeta realizava essa dualidade sacral de — um sensualismo misto de santidade. Ele oscilava entre as populaes e os liros. Não havia nele somente uma tendência para a candura, senão a coexistência de estados de alma angelicos e a nostalgia da volúpia. Lede, por exemplo, o poemeto — "Sacrilegio":

*Como é pherosa a sua carne ardente!
Tiro-a, e sinto-a afogar, ansiosa e louca...
Reijo-a, aspro-a... Mas sinto de repente,
As mãos geladas e gelada a boca:*

*Parce que uma santa inoculada
Desce do altar pela primeira vez,
E pela vez primeira profunda
Tem por olhos humanas a nudez...*

A alma queria espiritualiza-lo, sem que a carne consentisse em calar-se.

Dissemos que a "visão" era o sentido dominante na pri-



A mãe de Olavo Bilac, d. Delina Beira dos Guimarães Bilac.

mitiva maneira do poeta. Era ele, de fato, um "visualista". Tudo era pretexto para a evocação de cores e de luzes, de contrastes, de crepusculos macios, de pedrarias, de brocados de jardins. Cantava a "delicia da vida", da vida que é cor, luz e perfume, antes de ser dor e pensamento. Seus quadros tinham, como o *Julgamento de Frinéia*, o *Sonho de Marco Antônio*, ou o *Julgamento de Xenocrates*, eram um pretexto para retratar um ambiente raro. A "leve tinta de Heredia" coloria-lhe o pincel ao bosquejar essas cenas.

Mais do que um visualista, porém, foi Bilac um "sensível". Sensibilidade simples — é a nota que se repete em suas primeiras produções. Povo o ambiente de seus primeiros poemas, da grande maioria deles, uma emoção muito natural, ingenua, tranquila, sem arroubos nem amargores. O poeta não tem concepções torturadas nem momentos de psicologin aguda. Seu pensamento poetico ainda se não alça além de alguns temas primordiais, que giram em torno do amor, tema central.

Bilac não foi um poeta excepcional; foi um poeta amado. Começamos por ama-lo antes de o admirarmos. Sua poesia é qualquer coisa dessas harmonias largas e melodiosas que se parecem um tanto triviais se as ouvirmos a frio. Quando levada em nós um mundo de sentimentos. "La poésie ne se joue point d'emotion; je roman d'imagination". Essa sensibilidade natural de Bilac, toda de emoções inilinas e normais, e a facilidade com que ele a expressa por uma forma simples e elegante, foram talvez o segredo de sua popularidade. Um tal êxito unânime, não lhe veio tanto do sensualismo, senão do sentimento espontâneo e facil dos seus versos. O accordo estava feito entre o poeta natural e a trieta de gosto, e a massa sente, sem saber dizer, emoções simples e médias. Qualquer de nós, vendo o poeta exprimir com docura, reculto e gosto um mundo intimo e suave, dele se accrevava confiante. Não nos parece que tenham sido "Satânia" ou "Beio Eterno" a lhe proporcionar o braço de Príncipe, senão Via Láctea. No *Mozart*, Camilo, Virgens mortas, Numa concha... para apenas se gloriar as mais memoradas. Essa popularidade foi para ele um paraíso intimo, que ele exprimiu maravilhosamente, no poemeto "Consolação", do seu ultimo livro;

*Pena na multidão dos sofredores,
Que uma benção tiveram do meu braço,
Talvez algum repouso ao seu castro,
Talvez ao seu deserto algumas flores...*

As tendências parnasianas de Bilac manifestavam-se muitas vezes, na escolha dos assuntos e mais frequentemente nas palavras. O verbalismo foi um dos seus caracteres secundarios. O som, a cor, a luz dos períodos são comuns em sua arte, como naquelles trechos da *Tentação de Xenocrates*:

*Pendentes no ar, em nuvens densas, vârtos
Questões incensos indico queimando,
Oscillavam de leve os incensarios.*

*Tribus flautas frulantes gritavam;
E as curvas harpas de ouro acompanhando,
Crotalos claros de metal cantavam.*

E se lembrarmos o ligeiro toque de nacionalismo que exultu do Indianismo no bandeirismo, teremos cabado o perfil do primitivo Bilac, tal como se nos assemelha.

Como caracteres essenciais; sensualismo e sensibilidade constantes; facilidade e visualismo.

Como caracteres secundarios um sexualismo virtual e vi-

POETA

Tristão de Athayde

A MORTE DE OLAVO BILAC

(Continuação da pag. anterior)
te — a abelha de que falas em uns dos teus últimos sonetos — colheu-te o dorreador beijo, embalando-te a boca fria, mas não te afastou dos meus olhos, nem dos de teus outros amigos, nem dos de todo o nosso Brasil, que te sabe de cor os versos e as ha de repetir, enquanto houver a memória de homem.

Não sei quem tão cedo terá mãos para levantar essa lira de ouro e marfim ora quebrada contra as arestas de um túmulo. Não sei quem lá em nossa Academia irá para o teu lugar... Em meu coração e meu espírito é que com a tua morte há um vazio impreenchível, onde apenas cabe, alongando-se em sua projecção triste de desconforto e melancolia, a tua saudade!

Dezembro de 1918.

NOTA A PROPÓSITO DE MACHADO DE ASSIS (Do Registro)

Relendo esta noite "Essa e Jacob", do meu querido mestre Machado de Assis, fiquei algum tempo evocando a concepção, o assunto e a forma de todos os romances, contos e novelas, que de tem publicado, e meditando sobre este ponto: como, graças ao talento do escritor, a vida carioca, sendo uma vida cosmopolita e sem originalidade, serve de base para a criação de uma literatura originalíssima...

Em todo o Brasil, no Norte como no Sul, o Rio de Janeiro não é muito amado: na opinião de todos os provincianos, o Rio de Janeiro não é Brasil; é um ponto de reunião comercial, uma vasta Bolsa em que todas as raças e todas as nacionalidades se confundem, uma cidade sem caráter próprio, uma cosmopolita imprecisa e vaga...

Não contesto isso; apenas contesto que um escritor carioca, descrevendo a vida do Rio de Janeiro, seja fatalmente forçado a escrever livros sem originalidade. A vida do Rio é, na essência, igual à vida de todas as outras cidades, — um tecido de ambições, de interesses, de vícios, de virtudes, de prazeres, de sofrimentos, de trabalho, de inquietação moral. Não se pode exigir que um escritor, mudando de sangue e de nervos, anule a influência do meio em que vive, e narre coisas que nunca viu, costumes que nunca observou, pátrias que não pode compreender. Tal escritor do Maranhão, do Ceará, do Rio de Minas, como Coelho Netto, Domingos Olympio ou Afonso Arinos, nos dará um romance em que a vida "vaqueana" lo seria maranhense se expelir, ou onde o Ceará palpita, com as suas sedas e os seus martírios, ou onde se fixem a bravura, as superstições, a simplicidade da gente mineira. Que nos ha de dar um escritor do Rio de Janeiro, senão a vida da rua do Ouvidor, do Teatro Lirico e de Botafogo?

Mas, se esse escritor tem talento original e potente, se seus romances, como os de Machado de Assis, desvendarem na vida cosmopolita da cidade aconchilhada material e moral que n'ninguém descurtaria na vida de Roma, de Lisboa ou de Paris. O amor é um só, uma só é a tolice humana, e as ruas, as casas e as almas tem afinal a mesma natureza em todas as cidades do mundo. Com os mesmos cenários, porém, com os mesmos personagens, e com as mesmas paixões, fazem-se cem mil dramas diversos.

A literatura de Machado de Assis realça a milagre de criar, no Rio de Janeiro, conflitos morais, "estados d'alma", aspectos sociais absolutamente inéditos. E isso prova, mais uma vez, que a mesma pátria é sentida por cem homens, de cem formas diferentes, — porque cada homem traz dentro de si uma humanidade própria, que nunca é perfeitamente igual à humanidade dos outros... — E.

bran e verbalismo; tintas de nacionalismo e vagas influências de Machado de Assis. Alguns lustros mais tarde, morto o cantor, veem a luz os seus últimos cantos — "Tarde".

II

"TARDE"

Os livros póstumos são sempre dolorosos. Cereia-os um halo melancólico, um bafo do Alem. A presença do Autor é mais sentida talvez porque impossível. As belezas, que se nos desentrem, deixam-nos uma lágrima de saudade, os defeitos um pudor que nos emudece. Lemos com amor e submissão. Quando o autor foi um poeta, e viveu ardentemente, cantou a vida, o sol, a noite, a beleza — a melancolia é maior porque mais fundo o sentimento. Os poetas tristes são irmãos da morte que os libera. Para os poetas que amam a vida é a morte a injúria. Bilac foi um poeta ardente, mas não recebeu a morte nenhuma senão como prêmio amargo e necessário. Reenhou a leitura dos seus últimos poemas, frutos supremos de uma vida de luta, a cuja sombra se abrigou a nossa adolescência. E o crítico, escravo do seu dever, há de esquecer a sua humanidade e calar o seu coração? Por que?

Bilac amou ardentemente a vida. A glória da natureza e o esplendor dos sentidos encheram a sua mocidade. Mas a vida é um campo túmulo dos entusiasmos que desperta. O tempo atenua as alegrias, transfigurando-as. Bilac viveu, e viu-se cobrir lentamente a serenidade. Seu último livro é quase uma história da razão sobre os sentidos. Não que o poeta se transformasse de sensualista em pensador. Bilac desconheceu a morte do pensamento ou, pelo menos, nunca a revelou.

Demora este seu último livro uma luz suave de tristeza almeja, que não chega a martirizá-lo nem a amargar-lhe o espírito. Essa sobre tristeza vem mais da sensação que da consciência, a bem que neste livro haja sonetos de pensamento superior que tocam a perfeição.

Essa "Tarde" essencial de "Tarde" é o "personalismo". A individualidade do autor está de princípio a fim, ainda nos poemas mais recentemente mais elevado, de inspiração mais objetiva. Não quisimo não amosinhamos senão releva a sua arte. A saudade da adolescência, a decadência física e a morte arrancaram de seus olhos mais nobres e elevados cantos. A visão da própria vida por passa, e com ela a alegria da vida, amortece o fulgor dos momentos da sua poesia clara e vigorosa, insistindo-lhe uma "Tarde" triste e nobre. Não se revolta contra a sorte, contra o mundo, contra a mocidade alheia, contra a ilusão; o encanecimento de sua própria vida comunica-lhe uma serenidade profunda. O espírito venceu a carne, obrigando-a a amar o poeta mal que a corrompe!

Mãe, possem do sol no beco de ouro e chamas
Do natal da luz, primavera do dia,
Não te amo! nem a ti, caninha branca,
Que a ti mesma te estruas no joço que derrama.

Amo-te, hora hesitante em que se preludia
O adagio vespertal, — tumba que te ricamas
Do bato e de esplendor, de crepes e ariflamas,
Murchando que rã sobre a própria agonia.

Amo-te, à tarde triste, ó tarde augusta que entre
Os primeiros clarões das estrelas, no ventre,
Sob os véus do mistério e da sombra ornalhada,

Trepa a palpitar como um fruto do outono,
A sorte, alma nutria da noliplus e do sono,
Percussão da vida e iniciação do nada...

O poeta resume o "Ciclo" de sua vida em um soneto admirável, onde ressaalme os quatro momentos eternos do homem: "Saudade, amar, pensar, lembrar". Nesse ciclo, que parte da ilusão para chegar à recordação, o poeta enfoca as suas atitudes sucessivas perante a vida. Sente o fim que se avizinha o corre os olhos sobre a existência em um longo olhar de lucidez. Vê a morte que o cerca — "perpetuação da vida" — mas conhece a dor, compreende a volúpia que há na — "iniciação do todo". Entre a saudade satisfeita do que foi, e a esperança da glória que o há de immortalizar, o poeta pode realizar a serenidade com que vai encarar as coisas eternas, os mitos superiores, os elementos e as idéias.

As castas os elementos primários ou derivados da natureza não o conduzem ao pensamento filosófico senão a mesma sensibilidade de bem que mala temperada e tocada, às vezes, de um leve suser de sensualismo. Em meio à suave tranquilidade dos amores de emoção e saudade, e à virtuosidade de certos poemas evocativos de seus pendores parnasianos, onde nem sempre é feliz, surpreende-o uma "Citada" dos sentidos, nra-rem dos anseios de outrora, que o perturbam "com o perfume, o alívio, a sombra". E' leve e fugaz o toque das sobrias. O poeta sobre e grave volta a encher essas páginas sobrias. O poeta pensa, e por vezes o pensamento vai ao fundo das coisas, com um raro poder de penetração. Lede esses dois admiráveis sonetos: "Diálogo" e "Dualismo":

Não és bom nem da man: és triste e humano,
Vives andando em malédicos e peccos,
Como se a arder no coração litesos.
O túmulo e o clamor de um largo oceano.

Pobre, no bem como no mal padeces;
E, rilando nam sorriso venas,
Queiras entre a creença e o desengano,
Entre esperança e desinteresses.

Citaz de horrores e de arões sublimes,
Mas fuzas da virtude subjulito,
Nem te arrendes, infeliz dos crimes;

E és perpétuo ideal que te devora,
Residem justamente no teu peito
Um demônio que rugo, e um Deus que chora.

Dezesseis sonetos de pensamento vigoroso, e em geral de tipo de livro, resalta um outro caráter da última maneira poética de Bilac: o "espírito de síntese". Esse pensar, se lhe deu por vezes um poder até então desconhecido, outras também lhe deu uma inspiração, viçando-lhe a expressão. "Tarde" é um livro concentrado. Há sonetos, há frases, que dariam matéria

para longos poemas do poeta, em sua anterior maneira. Sentem-se a preocupação do resumo, da frase rica, da palavra cheia. Não há retórica. Com que amor deixou o poeta a sua poesia descançar longo tempo, revendo-a e retocando-a! O pensamento ganhou em poder e alcance, mas a poesia perdeu, em parte, aquela facilidade, que era um dos apanágios de sua popularidade. E Bilac caminhava para a obsessão, da palavra que perdeu Mallarmé e Pierre Louys. E' certo que neste livro apenas se notam sintomas do mal, em "Crepúsculo na mata", "Benedicite", "A rainha de Sabá", "Natal", "Tear".

A expressão um pouco retalhada, uma adjetivação e exemplificação por vezes excessivas, não diminuem as qualidades de força e de alcance que o espírito de síntese trouxe à poesia de Bilac.

O patriotismo, que encheu os últimos anos de Bilac, e que lhe brotava fortemente depois da estada em Ouro Preto, em 1893, até frutificar nas campanhas que precederam sua morte o lhe grangearam um novo título à nossa gratidão, esse sentimento de "nacionalismo" patriótico também inspirou algumas produções desse livro maravilhosas, e mormente aquele soneto perfeito — "Língua portuguesa":

Última flor do Lácio, inculta e bela
És a um tempo esplendor e sepultura;
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te, assim, desconhecida e obscura,
Tubo de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o sítio da procela,
E o erro da sanidade e da ternura!

Amo o teu rigor apreste e a teu aroma,
De correntes selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rade e doloroso sítio.

Em que da tua materna ouvi: "Meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

O livro vai subindo lentamente, por uma ascensão gloriosa através as tendências que observamos, entre um nacionalismo mais realista, o personalismo mais elevado e mais nobre, até o canto final do Amor e da Morte. Ele coroa a sua obra imitando os dois extremos de sua vida: o "amor" que lhe encheu a existência e deu-lhe a primeira colheita poética — a "morte" que explica e domina a sua messe derradeira. A idéia da morte próxima e necessária põem esse livro de nobre inspiração. Dá-lhe uma tristeza grave, uma saudade sem fel, uma força de pensamento e de expressão desconhecida ao seu estro. A saudade do amor e a esperança na morte trazem-lhe uma serenidade que emoldura e releva essa obração magnífica. Sereno, porque confiante no bem que fez sobre a terra, tranqüilo porque finda a sua missão, o poeta pode coroar a sua obra com esses sonetos perfeitos que são "Concolação", "Estuário", ou "Eucalipto" que transcrevo:

Antes que o meu espírito no espaço
Fuja em suavia elevação e vago fano,
Em versos e esperanças me consumi,
E espalho sonetos pelo bem que faço.

Até no instante em que seguir o rumo,
Para o sono final no teu regaço,
O terra, sobrevivi no extremo passo,
Da vida em febre a capitulo sumo.

Seja a minha agonia uma onestida,
De glória! E a morte, no meu grande dia,
Pairando sobre mim, como uma abelha,

Seja o meu grito de última alegria,
O meu beijo supremo — flor vermelha
Embalando a minha boca fria!

III

CONCLUSÃO

Disputam-se em todos nós, ou se harmonizam, as tendências recebidas e as espontâneas. Léon Daudet, no seu curioso ensaio "L'Héredo", iniciou um estudo interessante dessas duas personalidades, o "moi" e o "soi", que coexistem em nós e formam, conforme o grau de predominância, o caráter individual. Podemos encontrar, em sua obra literária, fortes vestígios de uma tal luta. O poeta caminhava lentamente da Raça para o Homem, dos caracteres recebidos para o caráter pessoal.

Dominado, a princípio, pelo instinto, modelado pelo meio, poetando involuntariamente ao sabor do ambiente, Bilac começou por ser o veículo de uma inspiração coletiva. Era seu estro a condensação de um mundo de poesia do instinto brasileiro. Flex patente essa observação da leitura do seu primeiro volume de versos. Abriram o livro vestígios de indianismo literário da época anterior. Pode-se até dizer que esses poemas são o epílogo do indianismo.

E, no sopé do monte, era de ver erguido
O vulto de Papai... Inesperado um ruído
Seu, virado sono, e o corpo do Guerreiro
De subito rotou pelo despendadeiro...
E o silêncio entrou pez casti.

De envolta com Tagir, rolavam J. Juca, Pirama e Peri, para viver apenas na memória dos posteriores. Desse falso nacionalismo passou o poeta à poesia acadêmica, que lhe não conuiu a seiva estante, e logo assumou-lhe a verdadeira feição de sua natureza: o canto dos sentidos da mais pura sensibilidade, no mais ardente sensualismo. Vibraram-lhe todas as cordas, ate no poeta cresceu, solicitado pela sua pátria, sentido pelos seus contemporâneos. E fecho o livro esse poema de poder e vibração — "O Caçador de Esmeraldas" — onde o poeta usou todo o calor de sua seiva e onde o falso nacionalismo dos indios cede ao nacionalismo menos romântico dos bandeirantes.

Esse primeiro livro de Bilac deu-lhe a grande popularidade, que, aliás, não foi desejada nem provocada. Ele se impõe porque sua arte era sintônica com o meio. A facilidade, a espontaneidade alcançada, a suave sensibilidade cortada de impontaneidade alcançada, a suave sensibilidade cortada de impontaneidade alcançada, o colorido ardente ou esbatido das evocações, o verbalismo, todos os dons mais agudos do poeta adolescente.

(Continua na pag. 421)



Um retrato da mocidade de Olavo Bilac

BIBLIOGRAFIA DO POETA

- Olavo Bilac deixou as seguintes obras:
- 1 — Poesia:
 - *Poesias*, 1888, Em 1940 estava na 18.ª edição.
 - *Poesias infantis*, 1904.
 - *Tarde*, 1919 — (Publicação póstuma).
 - *Sagres* (comemoração da descoberta do caminho da Índia) 1898.
 - 2 — Prosa:
 - *Crônicas e Novelas*, 1894.
 - *Crítica e Fantasia*, 1904.
 - *Juca e Chico*, histórias infantis, 1906.
 - *Conferências Literárias*, *Ironia e Piedade*, 1916.
 - *A defesa nacional*, 1917.
 - *Últimas Conferências e Discursos*, 1924.
- Deixou em colaboração:
- *Com Coelho Neto*:
 - *A Terra Fluminense*, contos, 1898;
 - *Contos pátrios*, 1894;
 - *Teatro infantil*, 1905.
 - *Pátria Brasileira*, 1909.
 - *Com Guimarães Passos*:
 - *Tratado de Verificação*, 1910.
 - *Com Manuel Bonfim*:
 - *Livro de Composição*, 1890;
 - *Livro de Leitura*, 1901.
 - *Atreves do Brasil*, 1910.
- O sr. Elói Pontes publicou, há alguns anos, o — *Olavo Bilac*.



Retrato de Olavo Bilac tirado em 1888, e oferecido a Alberto de Oliveira, em maio daquele ano.

lac. *Humor* — que é uma das de suas numerosas colações coletânea de trabalhos humorísticos em folhas do Rio e de tícos do grande poeta, recollu- São Paulo.

ALGUNS SONETOS DA "VIA-LACTEA" — OLAVO BILAC

IV
 Como a floresta secular, sombria,
 Virgem do passo humano e do machado,
 Onde apenas, horrendo, ceo o brado
 Do tigre, e cuja agreste ramaria

Não atravessa nunca a luz do dia.
 Assim tambem, da luz do amor privado,
 Tuilhas o coração erro e fechado,
 Como a floresta secular, sombria...

Hoje, entre os ramos, a canção sonora
 Soltam festivamente os passarinhos.
 Tinge o cimo das arvores a aurora...

Falpitam flores, estremecem rinhos...
 E o sel do amor, que não entrava outrora,
 Entra dourando a areia dos caminhos.

VI
 Em mim tambem, que desculdado vistes,
 Encantado e numentando o próprio encanto,
 Terets notado que outras enissas canto
 Muito diversas das que outrora ouvistes.

Mas amastes, sem dúvida... Portanto,
 Medital nas tristezas que sentistes:
 Que eu, por mim, não conheço coisas tristes,
 Que mais arijam, que torturem tanto.

Quem ama inventa as penas em que vive:
 E, em lugar de acalmar as penas, antes
 Busca novo pesar com que as avive.

Pois sabel que é por isso que assim ando:
 Que é dos loucos somente e dos amantes
 Na maior alegria andar chorando.

IX
 De outras sel que se mostram menos frias,
 Amando menos do que amar parecees.
 Usam todas de lágrimas e preces.
 Tu, de acerbas risadas e ironias

De modo tal minha atenção desvias,
 Com tal pericia meu engano tocas,
 Que, se gelado o coração tivesses,
 Certo, querida, mais ardor terias.

Olha-te: cega ao meu olhar te fazes...
 Falo-te — e com que fogo a voz levanto! —
 Em vão... Finges-te surda ás minhas frases...

Surda: e nem ouves meu amargo pranto!
 Cega — e nem ves a nova dor que trazes
 A dor antiga que doia tanto!

X
 Deixa que o olhar do mundo enfim deva
 Teu grande amor que é teu maior segredo!
 Que lerias perdido, se mais cedo
 Todo o afeto que sentes se mostrasse?

Basta de enganos! Mostra-me sem medo
 Aos humens, afrontando-os face a face;
 Quero que os homens todos, quando eu passe,
 Invejoso apontem-me com o dedo.

Olha: não posso mais! ando tao cheio
 Deste amor, que minha alma se consome
 De te exaltar aos olhos do Universo...

Oço em tudo teu nome, em tudo o leio;
 E, atigado de eular teu nome,
 Quasi o revelo no final de um verso.

XIV
 Viver não pude, sem que o fel provasse
 Deste outro amor que nos perverte e engana:
 Porque homem sou, e homem não há que posse
 Virgem de todo pela vida humana.

Como tanta serpente: atraí e profana,
 Dentro da alma deixei que se abrigasse?
 Porque, levado de uma sede insana,
 A impuros beijos entreguei a face?

Depois dos lábios sófregos e ardentes
 Serli — duro castigo aos meus desejos —
 O gume fino de perversos dentes...

E não posso das faces poluidas
 Apagar os vestigios desses bellos
 E os sangrentos sinais dessas feridas!

XVII
 Por estas noites frias e brumosas
 E' que melhor se pode amar, querida!
 Nem uma estrela pálida, perdida
 Entre a névoa, abre as palpebras medrosas...

Mas um perfume calido de rosas
 Corre à face da terra adormecida;
 E a névoa cresce, e, em grupos repartida,
 Enche os ares de sombras vaporosas;

Sombras errantes, corpos nús, ardentes
 Cunes áscivas... um rumor vibrante
 De arijos longos e de bellos queentes...

E os céus se estendem palpitando, cheios
 Da lípida branca fulgurante
 De um turbilhão de braços e de seios.

XXV
 A BOGAGE
 Tu, que no pego impuro das orjias
 Mergulhavas ansioso e descontente,
 E, quando à tona vinhas de repente,
 Cheias as mãos de pérolas trazias;

Tu, que do amor e pelo amor vivias,
 E que, como de limpida nascente,
 Dos lábios e dos olhos a torrente
 Dos versos e das lágrimas vertias;

Mestre querido! vivarás, enquanto
 Houver quem pulse o magico instrumento,
 E preze a lingua que prezavas tanto:

E enquanto houver num ponto do universo
 Quem ame e sofra e amor e sofrimento
 Saiba, chorando, traduzir no verso.

XXIX
 Por tanto tempo, desvairado e afito,
 Fitei naquela noite o firmamento,
 Que toda hoje mesmo, quando acaso o fito,
 Tudo aquilo me vem ao pensamento.

Sai, no peito o derradeiro grito
 Calcando a casto, sem chorar, violento...
 E o teu fulgido e infinito,
 E havia um choro no rumor do vento...

Piedoso céu, que a minha dor sentiste!
 A áurea casera da lua o oraso entrava,
 Rompendo as leves nuvens transparentes;

E sobre mim, silenciosa e triste,
 A via-láten se desenrolava
 Como um jorro de lágrimas ardentes.

XXXI
 Longe de ti, se escuto, por ventura,
 Teu nome que uma boca indifferente,
 Entre outros nomes de mulher murmura,
 Sobre-me o pranto nos olhos, de repente.

Tal aquele que, misero, a tortura
 Sofre de amargo exilio, e tristemente,
 A linguagem ratal, maviosa e pura,
 Ouve, falada por estranha gente.

Porque teu nome para mim é o nome
 De uma patria distante e idolatrada,
 Cujas saude ardente me consome.

E ouvi-lo é ver a eterna primavera
 E a eterna luz da terra abençoada,
 Onde entre flores teu amor me espera.

XXXV
 Pouco me pesa que mofois sorrindo
 Destes versos purissimos e santos:
 Porque, nisto de amor e intimos prantos,
 Dos louvores do público prezando

Homens de bronze! um haverá, de tantos,
 (Talvez um só) que, esta paixão sentindo,
 Aqui demore o olhar, vendo e medindo
 O alcance e sentimento destes cantos

Será esse o meu público. E, de certo,
 Esse dirá: "Pode viver tranquilo
 "Quem assim ama, sendo assim amado!"

E, trêmulo, de lágrimas coberto,
 Há de lastimar quem lhe contou aquilo
 Que nunca ouviu com tanto ardor contado.

O Burro - Olavo Bilac

O burro? Que n'güem se espante. O burro está na ordem do dia. O burro é o principal assunto. O burro já figura no "Diário Oficial"!

Quem ha, por aí, que leia o "Diário Oficial"? Quase ninguém. Pois é pena. Quem fazesse ante ontem o sacrificio de fôncar as Vinte e quatro páginas desse massoso e repositório de decretos, — teria diante dos olhos os estatutos de uma companhia de seguros sobre a vida dos burros.

Dos burros, senhores! Ninguém leu mal: os burros!

O burro? O doce e paciente animal que já o meigo Anacoreta celebrava em versos de ouro, e que já todos os velhos gregos, na Arcádia, prezavam! Só te faltava esta calamidade... Porque a idade moderna, o burro suave, em esquecimento se teus merôs ingratamente, e ingratamente offendido o teu nome...

Antigamente, não! Jacob, quando quia apaciar a cólera de Esau, ofereceu-lhe um burro, símbolo da paz, da concórdia e da reconciliação. Quando Samão quis externar as idolatrias, não se serviu de uma queixada de cavallo, senão de uma queixada de burro. Qual foi o animal que reprechou a Abrão os seus pecados? Foi uma burra.

Qual foi o animal que suportou o doce peso de Jesus, no dia de Ramos, quando o Salvador entrou ás portas de Jerusaleem? Foi um burro... Que animal montava o deus Baco, quando se partiu a conquistar as Indias? — um burro.

Isso para somente falar da idade bíblica e da idade mitológica... Mas, o quase-divino animal? O último homem que se fez burro, aquelle fidalgo, aquelle encantador amigo de todos os animais, — que se chamou Buffon.

Esse, sentou-se um dia diante de uma bela folha de papel, ajoitou em torno dos punhos os seus belos punhos de finas penas, talhou a sua mais linda pena de pato, — e, com um sorriso de bondade na face repossada, começou a traçar o teu retrato. Humilde e paciente, suposta com coragem os castigos, alimenta-se sobriamente de ervas... Quando tem sede, só bebe água limpa em fontes e riachos que já conhece; não se espója como o cavallo, rebolanco-se na lama; zê chegou a ter medo de malhar os pés, e cuidadosamente evita as poças daguas... Anã com furor e defende a prole até a morte... É alegre, brincão e leve na mocidade; só fica teimoso e mau, quando o sofrimento lhe mostra, depois de muitas provações, que os homens são, realmente, maus...

Ah! Depois dessa bela ode de Buffon, que é que tens tido, dos homens, o paciente e humilde trabalhador? Chicotadas, muros, jejuns, desprezo, abominações e maldições... Onde se vai o tempo em que eras cantado pela musa de Anacreonte?

Os valiantes medrosos, temendo a alivéz do cavallo e a sua independência, é sobre o teu dorso que viajam; e, como todos os covardes são maus, as tuas pobres virilhas sangram, esporoadas de minuto em minuto, e o teu pobre pescoço perde o pelo, á força de receber chibatadas... Depo's, metem-te entre os varas de uma carroça, e matam-te a pancada... E ninguém tem pena de ti, quando comido de lazeira, e carregado de anos, de orelha murcha e focinho cheirando o chão, ficas abandonado no caminho, e ninguém te dá um pouco de copim fresco... ninguém te mitiga a secca de moribundo... e as crianças at-ram-te pedras... E, o cúmulo da maldade, os homens, quando querem dizer

(Continua na página seguinte)

OLAVO BILAC

Olavo Bilac foi sempre grande amigo de Portugal. Algumas de suas poesias mais belas "Sagnas", o soneto a Camões, o soneto a Borge, o soneto á Língua Portuguesa, etc. — tem com os assuntos fatos ou coisas portuguesas.

Portugal lhe retribuía esse amor. E quando em março de 1918, o nosso poeta visitou o velho país, ali foi recebido com o mais comovido dos carinhos.

Naquella ocasião, a revista "Atlântida", que era dirigida pelo escritor brasileiro João do Rio e pelo escritor brasileiro João de Barros, offereceu um banquete a Olavo Bilac. Foram, então, feitos varios discursos, por homens de letras portuguezes e brasileiros. O nosso poeta respondeu numa de suas orações mais felizes.

Aqui reproduzimos alguns dos discursos feitos por ocasião da festa da "Atlântida".

DISCURSO DO SR. HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

Meus senhores: — Encarregam-me de saudar Olavo Bilac, em nome dos escritores portuguezes. O mandato é duplamente árduo pois, que sobre a minha insuficiência para dignamente o cumprir, me impelle á recitação de frases admirativas que não tras conjunturas a sua personalidade me tem sugerido.

Mas a personalidade do mestre do soneto português, do cinzelador, exímio do nobre perpetuador da nossa lingua e da nossa poesia, é demasiado conhecida de todos nós, polítics, homens de letras, artistas, portuguezes, enfim, para que seja necessária avultá-la. Prefiro, se me permitem, accentuar a oportunidade, quase direi providencial, da sua vinda á nossa patria no momento em que peripam os altos destinos de uma civilização, de que ele é um dos mais eminentes representantes.

Desenganemo-nos, senhores. A civilização arrivel, em que nos vemos ferosamente envolvidos, tem varios aspectos, dirimentes dos interesses varios em jogo, polítics, economicos, sociais. Mas aquelle, que a meus olhos sobrepõe, pela transcendência universal do seu alcance, é da velha luta entre o espirito nordico, a um tempo nebuloso e duro, e o espirito meridional, luminoso e sutil. Estamos assistindo, a quizê séculos de distancia, no embute, hoje mais formidavel ainda, que teve como respiratório o desenvolvimento do mundo romano. São as novas acentuações que tentam dourar-se á luz do sol benfazejo. E a torrença impetuosa que se encapela na ansia de subvertir a velha, a admiravel civilização greco-latina.

Desta vez, porém, com confiança o esperamos, o desenlace tem de ser outro. Não são já instituições carcomidas, povos corruptos, organismos radores, que a invasão encontra diante de si, favorecendo a decomposição do velho mundo. Revigoram-se energias que fecundaram mundos novos, reaviva-se a chama que illumina a Terra, rejuvenesce a pujante alma latina, favorita do sol. E enquanto as mãos, ferrentes de entusiasmo sagrado, apertam epingaradas ou assestam canhões, os espiritos enfiçam-se numa convergência fulgurante que destimbra o barbaro.

Sim! Cerremos fias, nós, os representantes da mentalidade greco-latina, beligerante e não neuterante, ainda mesmo aquelles que, de raças diferentes, slavos ou anglo-saxónios, uniram os labios no mel divino, segregado pelas abelhas do Hymeto. São nossos irmãos esses todos. E é num coro fraternal que cantaremos os peans da vitória!

E por isso que se me affigura singularmente oportuna a vinda do grande poeta brasileiro á velha patria portugueza. Ele entra abaixo das plantas o entremecimento deste solo que alimentou seus antepassados, na face a aragem que inflou as velas de Cabral, na alma o fluido que, esparzido por herois incomparáveis, perfumou o globo inteiro. O avezinho encanecido, que se enfiava sobre o animo ao beijar, num impeto de ternura, o neto que o glorifica.

Olavo Bilac, sentimos nele a immortalidade da nossa raça. Vemos nele um penhor seguro de revivescência para o genio lusitano. E os nossos braços, ao estreita-lo, crescem na musculatura, como se a eles relinhasse um sangue que já conhece as nossas veias. E a inversão do simbolo mitológico de Anteu. E a florescência meliosa que restitue ao velho tronco a seiva exuberante. E a vida que se alenta na consciência da eternidade.

Saudando Olavo Bilac, nele saudamos o genio brasileiro, genio do nosso. Sobram no grande poeta qualidades para esta personificação ambiciosa. Eu, se alguma virtude possuo, é a de ter minha alma acessível á admiração, nobre sentimento descolheido dos espiritos lacanhos. E quando a admiração me empolga, dominadora e absorvente, como perante a obra do grande poeta brasileiro, ella offuzca-me no espirito as ansias de análise. Diante de uma flor, eu derdenho á botânica; em presença de Venus de Milo, sinto horror aos preceitos anatômicos. Como poderei pois decompor, segundo as regras da critica, a admirável carinhosa que me inspira a obra de Bilac? Apenas um sentimento sobrenada, bem visível: o reconhecimento pelo culto fervoroso que o poeta de alem do Atlantico presta á lingua que é nossa, e que, graças ao seu genio, retumbará pelos séculos fora, para testemunhar á humanidade a grandeza da nossa raça.

Quando no mais, não rei distellar a minha devoção entusiastica, senão num grito que me acode aos labios, unção de lagrimas de ternura, grito em que me acompanharão com alvoroço todos os presentes:

— Viva Olavo Bilac! Viva o Brasil!

DISCURSO DE JAIME CORTESAO

Em nome da "Renascença Portuguesa"

Meus senhores: Para além deste ar que respiramos, sobre invisível do nosso foz, há um outro ar de beleza e misterio dentro do qual arde mais abrazada a nossa vida humana. Não há fato mais humilde na aparência, que desparecendo do tempo e das contingências que o obscurecem, não ganhe, quando penetrado desse eter vivificante, um esplendor occulto. E' ali que eu quero ver desenhado-se este bello acontecimento. E' que hoje dão-se aqui o bello fraterno duas patrias, que, sendo irmãs, mal se conhecem ainda. — uma representada por um grande numero dos seus maiores pensadores e artistas, e a outra por um só homem, é certo; mas não esquecermos que é por um poeta e que é na obra dos poetas, quando eles cantam, que se afirmam as mais profundas verdades e aspirações dos povos.

E oja me lembra aquella antiga lenda, na qual se conta que em velhos dias o bom dum frade saiu do seu convento e meditando se foi até ao denso dum foresta. Lá, no recesso misterioso do arvoredor, atento ao canto dum rouxinol, de tal sorte se extasiou, que anos e anos, por séculos se ficou ouvindo a divina toada mássical. Quando voltou, longos tempos volvidos, ao

bater á porta do seu convento, nem ele nem os frades, uns e outros se conheciam.

Assim esse poeta magnifico, enviado dum povo irmão, vem até nós, passados quatro séculos de ausência, e olha para de olhar surpresa, quase como quem vê desconhecidos. Tertuliano, — oh! grande poeta, nos somos teus irmãos e arde no nosso peito o mesmo sentimento que enternece, exalta, torna quozosos e sublimes os teus versos.

Ha quattr séculos uma rajada de vento mysterioso, ou um bravo impulso de ansiedade e orgulho desviou ao largo os vellos e fez voltar os rostos impavidos das naus em direção a tua terra, guiadas pelos marinheiros de Portugal que iam ás aguas do mar. Lá, separados viveram, cresceram e fortes se tornaram. Hoje, aqui se reconhecem, na profunda irmandade da mesma lingua, o que vale dizer do mesmo genio, cultura e altitude.

E, pois, que é essa harmonia e justo equilibrio que dá aos teus versos o polido, a sobriedade e nobreza dos marcos helénicos, senão a clara celsão do genio latino, através do nosso sangue, carrado pelos tempos nas lentas gerações?

E se é certo que na tua obra a terra brasileira inonda de vidas novas, se uma ardente voluptuosidade casa os teus versos em rimas de beijos e que eles toam, cantam, prorocam, espungendo-se ao céu, como o frondoso hino das florestas da nossa patria, queiram ouvir bem os mais intimos acordos da tua lira; os sonetos de amor, essa "Via Láctea", Jorro de lágrimas astrais, que te animam cantadas pelos mesmos olhos de Deus, e a veres como, entre fulgores, também deriva em hirturas silenciosas a mais que humana ternura portugueza. E hoje, indidos os séculos numa só hora, nula a distancia imensa, unidos os interesses diversos, carados os destinos num bello fraterno, hoje que as nossas mais nobres paixões acendem á velha dum lado o ideal humano, eu te saúdo, oh! poeta sublime, erador de beleza, enviado do Céu, que, como um semiduz, ajudaste a dar eternidade á minha lingua — e saúdo o teu destino, o teu esta, a tua gloria, que é também a gloria imortal das nossas duas patrias!

O DISCURSO DE ALBERTO D'OLIVEIRA, CONSUL DE PORTUGAL NO BRASIL

Meus senhores: A circumstância accidental de ser eu o representante de Portugal no Brasil presente á festa de hoje, impõe-me o dever, difficil, mas gratissimo, de erguer também, entre tantas vozes eloquentes, a minha voz sem brabo para saudar em Olavo Bilac, principe eleito dos poetas de Brasil, a primeiro embaixador que as modernas letras brasileras acudam junto das letras portuguezas em missão extraordinária e em hora providencialmente oportuna.

A pessoa e a categoria do novo enviado do Brasil não podem ser mais gratas ao nosso coração nem mais dignas da tarefa que lhes foi confiada: Olavo Bilac encarna tão completamente o sentimento e o pensamento brasileros que para nós é como o coração Brasil que na sua figura vemos e pela sua boca ouvimos. Vor todos conhecidos e admirados o grande poeta. Eu admitto-o como vos; mas conheço-o talvez mais de perto, porque há dois anos que ele é para mim, não apenas, como hoje o é aqui, um hospede insigne, mas como um companheiro de casa e um confratello. Quotidianamente o encontro das esplêndidas avenidas do Rio de Janeiro, que são o seu jardim de Academias, lidoado dos seus discipulos, ensinando-lhes o verbo divino da beleza e da poesia. A cada instante o oíço articular, com impenvel dício, os seus versos diamantinos, nas festas literarias da capital brasileira, e vejo com que fervor se suspendem dos seus labios, como de favo ou nectário inexgotáveis, as animas seculosas das mulheres e dos moços.

Sei como é poderosa a sua influencia e incontestada a sua magistratura intelectual e artistica, em todo o imenso territorio do Brasil. Ainda há poucos meses, ao calor da sua voz que o ritmo da arte e do patriotismo por igual impelliam, vimus levantar-se a mocidade académica da culta S. Paulo numa entrada nova, numa bandeira nova, em prol do desenvolvimento da educação civica pela instituição do serviço militar obrigatório.

Toda a nação vibrou a esse grito de alarme e de unção patriótica. A opinião unânime, o apoio immediato do exercito, do governo federal, dos Estados, provaram logo a Olavo Bilac que o seu aviso era previsor e que nos tempos de hoje, pretendidamente prosaicos, como nos tempos heróicos de outrora os poetas continuam a ser não só trovadores, mas vates, isto é, profetas e guias seguros da alma nacional.

Mas Olavo Bilac é ainda, para nós homens de letras, á completa encarnação da poesia brasileira nas suas mais caracteristicas manifestações. Direi até que os seus versos fariam falta á nossa poesia. O grande movimento literario chamado parnasiano, que de Franca irradiou por todas as nações latinas, não tem em lingua portugueza representante mais eminente, mestre mais autorizado do que Olavo Bilac. Ele é o nosso Gauthier, a quem iguala se não excede na soberba profissão de fe que serve de portico ao seu livro de versos. Ele é o nosso Heredia, filho dos tropicos como ele, como ele oulives e lapidario de verso, e o tesouro da nossa lingua poetica deve-lhe ritmos novos, imagens e evocações novas, sonoridades novas que para sempre a enriquecem.

Os poemas de Bilac tem lugar marcado á frente das nossas antologias e ninguém poderá de futuro ser poeta portuguez sem aprender também neles a arte entre todos difficil e laboriosa do verso. Acresce que se a nossa poesia parece em geral caracterizar-se pela sujeição da forma á idéia e do ritmo ao pensamento, se somos mais sentimentais e filisofos do que artistas, se todos ajoelhamos perante os conceitos sublimes dos sonetos de Antero do Quintal, sem repararmos um instante em quaisquer imperfeições ou frouzidezes técnicas de alguns desses, no Brasil, pelo contrario, o ouvido, dos poetas é mais aguçado ou exigente e quer encontrar no verso toda a perfeição exterior imposta ás obras das outras artes. Uma rima pobre, um verso baço, um soneto de pallido fecho, apparecem como sinais de desleixo ou impotência aquellas almas eretas no seio da natureza que lhes enlaçam o segredo de todos as pompas e de todos os esplendores. E se o excesso em qualquer sentido é condenavel e perigoso, porque a arte é o equilibrio, não há dúvida que a nossa poesia, sempre transbordante de seiva, mas por vezes insufficiente ou tumultuosa de expressão, só ganharia ao receber a influencia disciplinadora dos poetas do Brasil, cultissimos estudantes da nossa literatura clássica, sabedores profundos das mais occultas riquezas da nossa linguagem. O famoso movimento de Coimbra, iconoclasta como todas as revoluções

EM PORTUGAL

ESPIGAS - Olavo Bilac HISTÓRICAS

XXIV
OLAVO BILAC
(Pregão)

El-Rei, Sol, senhor do Espaço, daquem, dalem infinito, traçou no seu régio paço este pregão que ora cito:

"Nós, El-Rei, ao povo atroz das Estrelas e Cometas, muito saudar amistoso mandamos em etiquetas; o porque. Nós somos caulos, exporemos num discurso a razão porque o oratou convoca para um concurso o nosso povo adorado que habita o azul do espaço."

Régio pregão assinado por Nós, El-Rei, neste paço, nos anos tantos e tantos do nosso reinado tateiro.

Leua o solo dos Encantos. SUA LUZ REI SOL PRIMEIRO SOL

Planetas, fides vasallos, deste concurso eu vos digo a razão. Nos intervalos do diurno giro em que digo, sabei que jamais dormita e que na inóxia suprema, há certo tempo medita na solução de um problema.

CORO DAS ESTRELAS Senhor, que problema é esse? SOL

Eu vos digo: Complacente à terra que me obedece, eu quero dar um presente. Qual será. Eis o problema.

DIANA Eu vos lembro, El-Rei amado, dei-lhe um belo diadema de um vosso raio formado. SOL

Isso é nada! JUPITER

Com respeito, eu lembrarei por meu turno presente de mais presente: — o rico anel de Saturno. SOL

E' muito pouco! ALDEBARAN

Então lembro dar-lhe sempre as belas flores, de janeiro até dezembro. SOL

Quero, senhores, senhores, que sejam de mala noite as meus presentes, já disse! CASSIOPEA

E se em vez da noite o dia desce sempre? SOL

Que tolce! Natar-me em trabalho eterno... E o meu descanso? Que ideia! Era eu ter um negro infernal. Tens lembranças, Cassiopeia!...

SYRIUS Se as rosas, cravos e lírios transformassem em mulheres? SOL

Pois tantas existem, Syrius, e tu no mundo mais queres? (Continua na pág. 457)

O BURRO

(Continuação da página anterior)

que um homem tem o cérebro tapado como um muro de enxovia, — chamam-lhe... burro! Agora, já te não falta calamidade nenhuma; já há uma companhia que te segure a vida e a saúde, em proveito... de quem te possuir. O carroceiro, agora, já nem terá medo de multiplicar sobre o teu pobre lombo as jagaladas; — saberá que, se morreres, uma companhia lhe pagará a tua vida por dinheiro.

Ah! Desgraçado! Até agora, quando morrias, estourado, o teu dono derramava lágrimas sobre o teu cadáver. Não eram lágrimas sobre o teu cadáver... Não eram lágrimas de compaixão; eram as lágrimas do interesse lesado. Mas sempre eram lágrimas. Agora, nem isso. Burro morto, burro posto. E assim como há quem ponha fogo às casas, para haver o dinheiro das companhias de seguro, haverá quem mate burro — porque haverá burros que mais valham mortos que vivos... O burro no seguro! — Não é verdadeiramente fim de século?

subtrain por longo tempo ao nosso estudo a obra contida tão interessante e educativa de Castilho: mas hoje, como mais de uma vez ouvi observar finamente a Era de Queiroz, fazem-nos falta, ser-nos-iam muito úteis alguns Castilhos. E essa corrente Castilhana das letras brasileiras poderá cruzar-se com as nossas tendências de diversa índole, para proveito de todas.

Mas Olavo Bilac, a quem chamarei lapidário e ourives, a quem chamarei o novo e vilorioso caçador de esmeraldas, mais afortunado que o do seu poema, não cinzela senão ouro puro como e das minas do seu país, não lapida senão pedras autenticamente preciosas. O que da sua obra flue para a nossa arte é o fulgor tropical, exuberante, o sentimento filial e impetuoso da natureza, o amor da mulher levado até ao delírio idealista e ao paroxismo sensual. Os poemas de Bilac encerram todos os murmúrios e perfumes, todas as formas e cores, toda a luz e calor da terra e do céu da sua Pátria. As suas figuras femininas são modeladas como estátuas num mármore mais perfeito que o das estátuas, porque é quente e tem os movimentos da vida.

E lá é a prestigiosa personalidade que o Brasil nos envia a esmerdar-nos mais generosas de amigo certo, na hora incerta que atravessamos. O embaixador, repito, é digno da embaixada. Compreendo que ele se orgulhe de ser quem é perante a nação ilustre que o acolhe. Grande poeta, patriota ardente, prova viva da cultura e da autonomia mental do seu país, o orgulho que legitimamente o enche é o mesmo que nos enche a nós. Na sua obra nós vemos também a nossa obra. Este brasileiro não o recebemos com indiferença ou com ciúme, como a um estrangeiro, mas com ternura e alvoroço, como a um filho. A terra que lavramos, a árvore que plantamos, a semente que prodigamente espalhamos, dão já frutos assim definidos e completos?

Quanta glória e desvanecimento para nós! Uma ilustre senhora brasileira, com quem me encontrei na Europa há anos, e a quem uma vez tive ocasião de dizer que tentava pelo seu país um ocasião de dizer que tentava pelo seu país um carinho que só sabia definir como paternal, respondeu-me, entre satisfeita e embaraçada, para conhecer um Brasil tão imenso cabendo dentro de um Portugal tão diminuto: — "Que filho grande!" E eu não tive dificuldade em replicar-lhe que o gosto do país só é perfeito quando os filhos medram e crescem mais do que eles. Pois ao pensar agora em tudo quanto é, e em tudo quanto aos meus olhos de apuçado português, representa e simboliza Olavo Bilac, eu repito, como a sua espirituosa patricia, mas com diferente intuito e sentido: — "Que filho grande!"

Obrigado, meu amigo, por terdes vindo a nós no momento em que o concurso moral do Brasil nos é mais precioso. Obrigada por terdes vindo com a vossa presença confirmar o que a Europa, habitualmente esquecida dos fracos e dos pequenos, toda, porventura, perdido de vista: que não há no mundo só um Portugal, mas dois Portugais, um em cada hemisfério, ambos vibrando do mesmo patriotismo. Obrigado, por nos terdes recordado, na hora própria, que o brilho do nosso passado, longe de extinguir-se, refugiu inteiro no vosso presente. O nosso grande cosmógrafo Pedro Nunes, ao descrever as maravilhosas navegações dos nossos maiores, celebrava a audácia com que os nossos "cometer o grande mar Oceano, entrar por ele sem nenhum receio, descobrir novas terras, novos mares, novos povos, e o que mais é, novos céus e novas estrelas". Tinha razão Pedro Nunes. Com efeito, mais ainda do que as novas terras, povos e mares, valem as novas estrelas e os novos céus. A grande casa lusitana tem por teto, não apenas metade do firmamento, mas toda a abóbada celeste. A luz de todos os astros se derrama sobre ela. O fulgor de todas as constelações a acorda e vivifica. E deixem-me já, senhores, extrair a parcela de verdade que se encerra no símbolo, chamando céu a todo o ideal e a toda a beleza, chamando astros a todos os focos de cultura e progresso, e apontando em vos próprio, o egregio poeta, uma das estrelas mais fulgurantes do outro hemisfério, que aqui estamos hoje engastando no nosso céu boreal, e a quem estamos ouvindo e entendendo como aqueles ares privilegiados que seguem o vosso celebre soneto:

...podem ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas!

A vossa visita tem de ser retribuída, quanto antes, por alguma que no Brasil nos represente como vós representais o Brasil. Preparem-se depressa alguns dos nossos maiores poetas e escritores para essa embaixada. O protocolo internacional tem de inventar novas fórmulas para significar perante o mundo a firmeza e intimidade dos pactos que nos unem, o tratamento privilegiado e exclusivo da nação mais estremeada, que reciprocamente nos queremos assegurar em todos os campos — e tantos podem eles ser — da nossa acção comum. E' tempo de voltarmos a explicar nos demais povos que Portugal-Brasil não constitua uma vulgar aliança, uma qualquer união, mas são uma simbiose de novo e talvez nunca visto género, a associação inelutável de duas vidas coletivas que uma à outra se completam.

Sem dúvida, partilhámos com a Inglaterra e a Espanha a glória de ter gerado outras nações; sem dúvida, a língua portuguesa é um dos três únicos idiomas europeus que a História Promoveu de mediterrâneos a transatlânticos, e cujos abecedários nos parecem, por isso, conter mais letras, e os vocabulários celetualmente mais palavras, e as palavras mais conceitos, que nas outras línguas. Mas eu creio que nem a Inglaterra nem a Espanha mantêm com as nações de que foram mães-pátrias a conformidade perene de sentimentos, a continuidade de peboenação e assimilação, que tão singularmente caracterizam a história e a vida luso-brasileiras.

O influxo materno, repartido por tantos descendentes, diluiu-se e enfraqueceu-se. Portugal, ao contrário, teve um filho único — o Brasil — e deu-lhe todo o seu sangue e toda a sua alma. E, assim, nem o espanhol que se fala na América espanhola, nem o inglês que se fala na América inglesa, tem para nós os ouvidos das antigas metrópoles o encanto mágico que para nós encerra o pequenino e obscuro português, falado de norte a sul, no imenso continente brasileiro, defendendo-se triunfantemente da concorrência e da inveja de todas as línguas do mundo. E a Inglaterra é grande e poderosa; e a Espanha é grande e orgulhosa; mas Portugal é pequeno e modesto, e multiplica, talvez se sente com mais intensidade crescer, e multiplicar, e imortalizar na colossal nação, sua filha.

Por isso, também, a repercussão da vida brasileira sobre a nossa há de progredir sempre e assumir cada dia formas mais

variadas. E o Brasil terá sempre para nós uma escola de energia, de patriotismo, de todas as virtudes cívicas, onde os nossos emigrantes tiveram de aprender o provérbio que mede pelas distâncias da vista as do coração, onde eles nunca esquecerem, como ainda agora o provou exemplarmente a nossa colônia no Rio de Janeiro, que o sentimento nacional é um fogo sagrado, a cuja ardente temperatura devem fundir-se todas as divergências de opinião ou de interesse.

Graças ao Brasil, a nossa vida de nação não se restringirá nunca mais à cultura piácida deste nosso doce jardim à beira-mar, nem nos deixaremos vencer pela tentação de uma sesta cómoda e indolente no campo da Europa, que o destino nos traçou como território continental. Sempre os nossos irmãos americanos nos atraíram à luta e à atividade no campo ilimitado, e de limitados horizontes, que no seu seio nos oferecem. E sempre estaremos ao seu lado para os ajudar a construir, a povoar e a manter português o Brasil!

Foi assim, decerto, sr. Olavo Bilac, que os vossos compatriotas pensaram e sentiram, ainda há poucas semanas, ao estenderem-nos insintivamente os braços, num gesto enternecedor de afeto e auxílio, quando a afronta estrangeira nos veio recordar a todos, aos de Portugal e aos do Brasil, que todos, por igual, eramos portugueses.

As chancelarias europeias entretem-se por vezes, segundo ouço, com o que umas chamam o sonho, e outras o pesadelo, de uma imaginaria Iberia. Melhor fariam, e com mais acerto adivinariam o futuro, se meditassem sobre uma outra entidade, menos afamada, mas mais concreta, menos hipotética e mais real, que tem por nome antigo a Lusitânia. Assim tantas vezes nos assustam os fantasmas, que só existem na nossa imaginação delirante, e passamos, distraídos, junto de realidades tangíveis e evidentes. Pois que é a Iberia além de uma expressão geográfica? E pode alguém negar que a Lusitânia, representada em Portugal-Brasil, seja um consumado facto histórico? A Iberia define, sem dúvida, um agrupamento de povos afins de raça, mas cujo destino nunca foi concientemente comum, e logo se diferenciou desde que foi conciente. A Lusitânia, essa é já um passado várias vezes secular, um presente vivo e forte, e nada a detêrá de ser um futuro glorioso e indelétrico.

Por ele, por essa maior Lusitânia, temos de trabalhar com fé e com afinco, dando às relações luso-brasileiras no terreno económico, jurídico, intelectual, afetivo, o carácter de uma cada vez mais radicada união, solidariedade e mútua defesa. A Iberia é uma abstracção e uma teoria, mas a Lusitânia é um facto, que acaba de definir-se aos olhos do mundo inteiro na mais fecunda, na mais prometedora das suas modalidades. Consiñem-na, a essa Lusitânia, e não mais a esqueceremos, dois corpos numa só alma, duas nações numa só Pátria!

DISCURSO DE JOÃO DE BARROS

Meus senhores — Saúdo Olavo Bilac em nome da Atlântida, dos seus directores, do seu editor, dos seus colaboradores, tanto de Portugal como do Brasil. E agradeço-lhe a honra que nos dá aceitar este homenagem, que a fortuna quis tornar valiosa e digna do poeta — não por quem a promoveu, mas por todos aqueles que vieram hoje aqui significar-lhe a admiração e o respeito que o seu nome e a sua obra merecem a todos os verdadeiros portugueses. Essa obra é vasta e profunda. Não somente a obra poética, onde genialmente passa e freme uma das mais puras emoções e uma das mais altas sensibilidades que tem havido na literatura da nossa língua, mas também pelo apostolado que representa, em defesa de um ideal nacional, em combate por um mais forte e mais esclarecido patriotismo. Bilac, meus senhores, pertence à família de Camões, de Garrett, de Junqueiro e de Gabriel d'Annunzio: poeta admirável, é um patriota não menos admirável. O seu arroubo lírico, a infinita ternura dos seus versos, a perfeição inegalável da sua arte, não afastaram a sua consciência dos seus deveres de homem e de cidadão. Nunca os versos lhe serviram — como a tábua que serve — para se esquecer da vida social, para fugir a quaisquer responsabilidades ou trabalhos. Muito pelo contrário. Cheio de fé no futuro do seu país, Olavo Bilac é actualmente o mentor das novas gerações, o orientador do povo, o símbolo mais alto da alma do Brasil. De norte ao sul do seu enorme território, ele iniciou uma campanha patriótica das mais fecundas consequências. Pede, reclama, exige — como base indispensável para a educação cívica de que o Brasil, como nós, carece — o serviço militar obrigatório. Por que seja militarista? Não... Mas porque só assim amalgamará definitivamente, criando-lhes um espírito comum de patriotismo, as raças várias que no Brasil afluem, e que do Brasil precisam de receber, para a completa vitória da nacionalidade, um ideal coletivo que se aproxime e confunda de vez. Defendendo, em discursos que são modelos de eloquência patriótica e de elegância de palavra, o serviço militar obrigatório, Olavo Bilac deseja também que cada quartel seja uma escola; e que em todas as escolas se ensine, esmerpulosamente, cuidadosamente, o português. A língua o principal fator da nacionalidade, pensa Bilac. E tem razão! fazer de todos os homens criaturas aptas a manter pelas armas a honra e a dignidade do seu país — é belo! Mas dar-lhe também na faculdade de compreenderem e amarem o maravilhoso instrumento de cultura intelectual — e por que não moral? — que sempre foi a língua pátria, é mais belo ainda. No seu apostolado fervoroso, Bilac ligou estreitamente essas duas aspirações. E de tal modo elas correspondem à necessidade íntima de progresso para o seu país, que Bilac tem a seu lado toda a juventude, todo o exercito, todo o Brasil que sente e pensa. Com a sua obra poética, a sua obra cívica há de ficar imortredura; e se uma tem o brilho das estrelas prodigiosas do céu prodigioso dos tropicos, a outra resplandece com a luz quase humana dos faróis, que mãos de homens acendem para salvar outros homens — da escuridão da noite e da fúria das tempestades... Poeta e cidadão no que estas palavras tem de mais elevado e vasto — eis o que é Olavo Bilac! Por isso pertence à família genial de Camões, de Garrett, de Junqueiro, de d'Annunzio. Uma das suas Musas é a Pátria, e não só a canta e celebra, nas tradições e na beleza, como seria capaz de se bater por ela, com a coragem heroica daqueles que sabem que a Pátria não é somente a terra em que se nasceu, mas a civilização em que nos educamos, mas o ideal de que vive e se alimenta a nossa alma.

Precisamente porque o sabe — Olavo Bilac é também um grande latino. A França foi a sua segunda Pátria — e dentro (Continua na pág. seguinte).

Olavo Bilac na evocação de Ramalho Galvão

(PALAVRAS PRONUNCIADAS NA SESSÃO PÚBLICA DA ACADEMIA, EM 28 DE DEZEMBRO DE 1934)

Obedecendo a uma ordem do Fianário é mister que se encontre esta sessão pública prestando a devida homenagem a Olavo Bilac, com cuja perda se cobriram de fato as letras brasileiras, há 15 anos, nesta mesma data — 28 de dezembro.

Antes de dar a palavra nos dignos confrades, que desta manhã gentilmente se incumbiram, permiti que eu recorde os méritos desse magno poeta e insigne patriota com quem trafei de perto.

Quando, de 1894 a 1899, fui secretário da redação da "Gazeta de Notícias", então dirigida pelo grande jornalista Ferreira de Araujo, tive o grato ensejo de conhecer Olavo Bilac, que depois de Machado de Assis foi colaborador brilhante e sempre aplaudido daquela folha.

Por essa ocasião a 3 de maio de 1899, celebrando-se a primeira sessão magna da Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil, da qual era eu vice-presidente e cuja presidência pouco depois assumi, pedi a Bilac que nos lesse uma poesia adequada ao assunto e ele aquiesceu sem demora compondo a bellissima cantata "Ao Brasil", que é de grande beleza.

No ano seguinte, em 1900, entre as brilhantes solenidades da comemoração centenária, efectuou-se a 4 de maio, no vasto e esplêndido salão do então Casino Fluminense, nova sessão magna, na qual ainda uma vez ouvimos Bilac. Este, com aquela dicção perfeitissima e a voz vibrante, que todos lhe conhecemos, ergueu-se majestoso na tribuna e leu o admiravel poemeto "O caçador de esmeraldas", episódio da epopéia sertanista do século XVII, com que extasiou o numerosissimo auditorio, o qual freneticamente, ritoriou o poeta.

Esse poemeto e o "Y-Juca-pirama", de Gonçalves Dias, o patrono da sua cadeira n. 15, são jóias inestimáveis, que sem dúvida passarão à posteridade.

Anos depois nos encontramos na administração da Instrução Municipal, em que Bilac colaborou com êxito, — e mais tarde o admirei ainda naquela campanha civica a que se votou a sua alma de patriota e a sua palavra de intenso fulgor. Esses discursos foram brados demostênicos que levantaram o espirito da sociedade patriota.

Olavo Bilac é, consequentemente, e por muitos títulos merecedor da significativa homenagem, que neste dia lhe presta a Academia, sempre fiel ao seu programa, render preço de justiça aos grandes nomes das letras nac...

OLAVO BILAC EM

(Continuação da pág. anterior)

do critério nacionalizador de Bilac cabe o mais profundo amor pela França e, neste momento, por todos aqueles países que ao lado dela se batem pela civilização que é a civilização do Brasil, como é a nossa própria civilização portuguesa. Assim — o espirito patriótico de Bilac mais nos comove, mais nos entusiasma agora. E mais reclama ainda — nesta hora de tão graves, mas tão magnificas responsabilidades para Portugal — a sinceridade das suas homenagens ao poeta da "Via Lactea", ao educador e orientador da consciência brasileira.

Eu pertencio a uma geração, à geração de Afonso Lopes Vieira, de Mayer Garção, de João de Deus Ramos, e de tantos outros poetas e educadores ardentemente patriotas, que — depois da ironia, do ceticismo ou da melancolia que há uns trinta anos era moda em Portugal — pela primeira vez proclamou a dignidade, a beleza e a alegria da Vida. Dos poetas que nos precederam, só Junqueiro anunciava já a confiança nos destinos da Patria, de que nós fizemos a nossa força, como da confiança na vida fizemos a nossa alegria. Podemos hoje dizer — e aqui estão muitos, que não me deixarão mentir — podemos afirmar que tinhamos razão em acreditar e em crer! Portugal vence, Portugal vencerá apesar da tormenta e da tragédia que passa, porque nele triunfa, esplendidamente o ideal da nacionalidade!

A Atlântida é ainda uma obra dessa geração. E é por isso que eu, saudando Bilac em nome da Atlântida, invoquei o seu civismo admiravel, irmão do nosso civismo e, como o nosso, contribuindo para o progresso da mesma valorosa raça, a quem e alem Atlântico edificando os seus lares.

Mas, meus senhores, a consciência da fraternidade de ideais com Olavo Bilac, e a minha profunda, a minha enorme admiração pela sua obra — não me permitiriam nunca saudá-lo de igual para igual, como eu o estou saudando. Há uma razão, porém, que me força quase a fazê-lo: — é que eu, alem da Atlântida, represento tambem Guerra Junqueiro nesta festa de confraternização. Junqueiro, dizendo-me a sua pena de não poder estar hoje conosco por motivos de saúde, rematou: — "Entrego-lhe a minha alma — para saudar Bilac em meu nome. A alma de Guerra Junqueiro é grande, é formidavel demais para que minha voz possa interpretá-la, para que as minhas palavras possam exprimi-la. A alma de Junqueiro é toda a alma de Patria... No entanto — alguma coisa dela vive hoje em mim. Cerebra-me, pelo menos, o seu resplendor augusto. E, na luz que me envolve, dele dimanada e refletindo-se no meu espirito — sinto orgulhosamente que já não posso saudar Olavo Bilac em nome da Atlântida ou em nome da minha geração, mas unicamente em nome daquelas aspirações supremas que Junqueiro simboliza e significa — em toda a plenitude do seu genio e em toda a nobreza do seu patriotismo. Em nome, pois, da Patria e da Democracia Portuguesas — em nome de Junqueiro — eu saúdo Olavo Bilac, o poeta máximo, o patriota insigne, o defensor e apóstolo da civilização latina!

DISCURSO DE JOAQUIM PEDRO MARTINS, MINISTRO DE INSTRUÇÃO PÚBLICA

O ministro de Instrução Pública saudou em Olavo Bilac a neutralidade brasileira, e o Brasil, povo fraterno, que tão generosamente ama e compreende Portugal.

Olavo Bilac — disse — é um cidadão sgrégio. A sua figura de patriota é uma nobre e rara figura, como a sua figura de Poeta é das maiores da literatura luso-brasileira. Neste momento, em que Portugal atravessa a angustia duma crise que, sendo grave, é tambem redentora, todo o pais exulta ao celebrar e acarinhar o embaixador intelectual da nação brasileira, da nação que sofre conosco as nossas dores, que vive conosco as nossas alegrias. Não definirá a obra literária de Olavo Bilac: — já outros o fizeram antes e com raro brilho. Mas quer ali levantar a sua taça, em nome do governo português, por Olavo Bilac, o grande poeta e o grande cidadão, e pelo Brasil, que deve orgulhar-se do seu admiravel representante.

DISCURSO DE OLAVO BILAC

Um escritor português, João de Barro, e um escritor brasileiro, Paulo Barreto, depois de ter inventado muitas páginas de encantadora literatura, tiveram um schado geográfico: encontraram essa misteriosa Atlântida, nunca marcada no roteiro dos navegadores, mas sempre sonhada e vagamente citada por historiadores e cosmógrafos de ardente imaginação. Uma ilha, ou um arquipélago, ou um continente, terra nebulosa nebulosamente apontada nos fantásticos mapas da mitografia... Um único dado preciso apparecia em todas essas indecisas citações: aquelle esquivo torrão deveria existir no meio do Atlântico, a oeste de Gibraltar... — no meio do Atlântico? A oeste de Gibraltar? — por consequência, entre a Europa e a America, entre Portugal e o Brasil...

Para homens de ciência era pouco; mas, para dois poetas, foi bastante: não é o primeiro, nem será o último dos milagres da poesia. O fato é que foi descoberto, abordado e conquistado a Atlântida, em cujo solo verde e risonho os dois Colomboes plantaram o seu pavilhão estrelado, tecido de sonho e de arte. Novissimo continente moral, de amor e de defesa. Atlântida liga o velho e o novo, e a principalmente Portugal e o Brasil, as duas pátrias eternamente irmãs. Este banquete, de que sou apenas pretexto, é um dos instrumentos do vasto programa da admiravel revista.

Todo o resto de vida que ainda teréi no mundo, e uma outra vida nova que me fosse dada, não me bastariam para que eu pudesse pagar-vos, em gratidão e devotamento, a dívida de que me oprimis. O que ontem me foi dito, na Academia das Ciências, e o que acabo de ouvir, nesta sala, é um universo que a minha alma não pode conter. Ao Brasil entregarei as vossas palavras e os vossos beijos. A toda a minha patria, nos meus companheiros de trabalho, aos homens que dirigem a nação, a todos os que vivem e labutam nas cidades tumultuosas e nos sertões pacificos, a todas as almas que estão criando, em esforço, em sofrimento, em esperança, a grandeza do nosso futuro, direi que Portugal, neste supremo instante de fervor patriótico e de luta sagrada, estende ao Brasil, através das aguas imensas, os seus braços, a sua alma, toda a sua infinita confiança e todo o seu infinito amor.

Permiti, senhores, que eu não dissipe estes minutos de divina gloria em palavras inúteis de agradecimento vulgar. Não desejo que esta reunião seja apenas um "outeiro", como

os que se realizavam nos pátios dos conventos, na era mais brilhante do Elmanismo — torneios frivolos, em que moles e glosos lampejavam sem ter idéias e morriam sem deixar lembrança. Somos felizes, intensamente felizes, porque vivemos este ciclo heroico; e ainda mais felizes seremos os que não tivermos fechado os olhos sem ter assistido ao epilogo do drama, sem ter visto as revoluções politicas, sociais e artisticas, que nascerão, em florações sublimes, desta trágica sementeira de sangue e de gloria. Aproveitemos a boa fortuna que nos é dada! Não sejamos agora, unicamente, trovadores sentimentais, como aqueles que, em lingua de oc, rimavam sonetos e pastorais inocentes; sejamos tambem trovadores, como aqueles que, em lingua de oit, se dedicavam a alta poesia lirica, ao estro épico, ao louvor dos heróis e dos grandes gestos da bravura e da bondade. Não desejo que deste ágape se diga que foi um arremedo do "Banquete de Platão", formosas mas futeis divagações socraclonas sobre o amor... Nesta época, a arte pela arte seria uma monstruosidade moral. Ermaram-se todas as torres de marfim; todos os verdadeiros poetas, todos os depositários da chispa divina saíram dos seus acetérios entre nuvens, e baixaram a esplanada em que se decidem os destinos da humanidade.

Se não podemos estar ao lado dos que se batem nos campos da luta, pensemos, meditemos e empenhemos a força da nossa alma em cogitações dignas deste momento.

Falemos da vossa literatura, que é a minha, espelho vivo, e vivo resumo de toda a nossa civilização. E falemos do futuro da nossa raça.

A vossa literatura é um rio soberbo, estendido no leito do tempo, pelo curso prodigioso de sete séculos. Vejo-o, tremulo fio de agua, brotando das humildes taliscas da agreste rocha da Idade Média, sepultada na floresta da barbarie brava e lntensa, desordenadamente vifando sobre as ruínas dos templos da civilização romana devastada: — os primeiros trovadores portugueses, as lendas medievais, e Vasco de Lobeira. — o admiravel "Amadis de Gaula", onde transmitem as grandes virtudes da raça, a força e a generosidade, a fúria e o lirismo, o interesse e a fidelidade da cavalaria andante. Adensa-se o arroyo, e já o seu caminho se bifurca: e o idioma português separa-se do castelhano. Nascem os poetas palacianos e os primeiros historiadores... Logo depois, engrossado, expande-se o ribeiro; liberta-se do ergástulo da selva nativa, espande no livre sol, retrata na toalha liquida o infinito azul do céu. E a era clássica: três séculos de fecundidade e de magnificência: os quinhentistas, os seiscentistas, os arcades. As margens do curso risonho, rebenta uma flora suave. Bernardim Ribeiro, alma formosa, sorri. Todo o vale, em cujo fundo desliza a corrente fresca, ressoa; cornamusas e charmelas enfeitam o ar com a sua harmonia ingênua; povoa-se os prados de bucolias, de novelistas da Cavalaria, de rimadores de pastoras. E a idade da graça e da inocência, a primavera da lingua, a puberdade da raça. Mas, em breve, o rio, mais demorado, romanço-se e espraia-se; mais grave é a sua voz, e majestoso o seu fluxo: parece que o seu vigor se concentra, apertando-se para próxima crise. E o melo dia, o trabalho depois do devaneio, o pensamento depois do sonho. Gil Vicente funda o teatro; surgem os autos e as farças; e Sá de Miranda, Ferreira e a Plêiade dão sangue e fibra ao idioma já feito. E el-la, de repente, a crise... O terreno levanta-se, alcantila-se, suspende-se e escava-se. E a massa formidavel das aguas eleva-se, roda no ar, cascata em rebojos rutilantes, precipita-se em mos atrozadoras, ganha o espaço em saltos, em rugidos, em remoinhos, em vórtices, e rebosa, e desaba, e cal, no augo da força, no supremo poder do sangue e do genio: é Camões que enche o século, "Grande evação". A calma, em seguida, e o remate e o pólo da obra: o seiscentismo, o culteranismo, e a Arcádia; as tragicomedias, e as comedias; o apuro da idealização, o apogeo do classicismo, o latinismo de Filinto Elisio, a métrica incomparavel de Bocage. Opulenta, a corrente ainda mais se enriquece, recebendo o tributo dos afluentes do Romantismo francez, como antes acolhera a subsidio dos acorrentes da Renascença italiana: os dramas românticos, os romances de ardente amor, a poesia dos ultraromânticos, o tradicionalismo de Herculano, o nacionalismo de Garrett, e, depois, o naturalismo de Eça, e, enfim, o moderno lirismo de João de Deus e Guerra Junqueiro... Hoje, estamos na luz imensa, no radiante estuário. Alongo os olhos para todos os lados, e não vejo raias no horizonte sem fim. Vejo apenas as águas... E vejo-vos, admire-vos e amo-vos, meus mestres e meus irmãos, que sois as ondas cantantes e triunfais deste glorioso rio da nossa civilização!

Infelizmente, houve um momento em que, a lona destas aguas puras, baniu uma vegetação verde-negra, estenda de sarças venenosas. Foi a literatura da ironia, mãe da desceença e do impatirismo. Amaldiçoada e sinistra, esta germinação de ervas daninhas! A ironia é, às vezes, nobre e criadora, quando, nascida da revolta de um grande amor mal tratado, é fundamente temperada de piedade, e amassada de amargos lágrimas de sangue. Mas a perversa ironia vulgar, a ironia mordaz, fria, conciente e calculada, sem sofrimento, sem choro, sem gritos, — essa maldade de matar pelo único amor de matar, esse envenenamento gradual, sarcástico, infecundo, estiolador de toda a crença, toda a esperança e toda a bondade da communhão, — essa ironia é um crime torpe, que não pode obter perdão nem misericórdia...

Mas rejubilemo-nos! A fase ignobil passou. Fatalmente devia passar. A duração longa de tal moléstia seria a senescência nacional irremediavel, o marasmo, e a morte; e uma nação, — todo um povo forte, toda uma raça no pleno vigor do amoro, — não poderia ser sacrificada por um bando de loucos amargos, sem coração e sem genio. Porque os ironistas relapsos e destrutivos sem-patria nunca são homens de coração e de genio. Os grandes homens, e os homens ao menos equilibrados, não deixam o seu espirito naufragar nesse destreze sem honra. Às vezes, uma perversão passageira pode extraviá-los; mas a última consciência e o natural pudor arrancam o seu talento e a sua dignidade do trapadouro imundo. Ouvi dizer, alguns vezes, que Eça de Queiroz, o maravilhoso curives da nossa lingua, meu bem-amado mestre, foi um ironista desamoravel do seu pais e dos seus irmãos... E' falso! A sua ironia foi aquela que é dolorosa e santa, aquella que fere para curar, aquella que mata mais o magoador do que o magoado. Mas acietemos que, acidentalmente, desnaturalizado pelo exilio, ele tenha deixado, por algum tempo, sem trato e sem culto o seu nacionalismo. Se o pecado existiu, a redenção foi completa e admiravel. Porque, antes de morrer, Eça de Queiroz teve a fortuna de deixar esse definitivo poema de graça e de ternura A Cidade e as Serras



Olavo Bilac, num desenho de um artista português

PORTUGAL Olavo Bilac e Guerra Junqueiro

em cujas últimas páginas o seu grande espírito, depois de matar todos os ridículos do exagerado estrangeirismo e da desmoronadora desnazionalização, entou o seu extremo suspiro de bom filho de Portugal, num hino incomparável de adoração e de megalhe a beleza do seu céu, à bondade da sua terra, à generosidade do seu solo, ao carinho das suas árvores, à franqueza e à honra dos seus homens, e à misericordiosa e puríssima brandura das suas mulheres.

Dispon-se o pesadelo. Varramos de nós a lembrança dessa literatura, que nasceu e morreu sem ter vivido. A nossa literatura, aqui, e no Brasil, é hoje nacionalista, e será nacionalista. Na vastidão do seu domínio, o rio soberano recorda e venera as suas origens, e, essencialmente, sente-se o mesmo fio de água nascente, o mesmo arriolo infante, o mesmo ribeiro adolescente que foi outrora.

Os vossos poetas e os vossos prosadores, como os brasileiros, querem ser da sua terra. Que poderemos valer, se todo o nosso valor não vier do valor da nossa terra? O diretor da *Atlântida*, João de Barros, — esse generoso poeta, que me dá hoje a ventura de dar-me a vossa companhia e a vossa amizade, — deu a um dos seus lindos livros de versos um título que é uma bandeira e uma profissão de fé: *Antea*.

Que força espantosa alimentava o corpo daquele gigante, filho de Netuno e da Terra? Podia Heracles subjugar-lo, quando o levantara do solo. Mas, quando os seus pés tocavam o chão, e ajudador ganhava novo alento; revalorava-o a Terra; o contacto do seio materno tornava indomável o seu corpo e divinizava o seu espírito. Só é grande homem quem é bom filho.

A moderna literatura portuguesa não é apenas um templo de arte; é também uma escola de civismo. Na poesia, no romance, no drama, a alma nacional está enchendo cérebros e corações. Os exemplos são tantos, que a citação é impossível. Basta a indicação de dois artistas, ao lado dos quais tantos outros resplandecem e perduram: entre os menos novos, Henrique Lopes de Mendonça, esse nobre historiador-poeta, que transplantou para o peico a vida de tantas páginas dos anais do país, e, entre os mais novos, Julio Dantas, o admirável escritor da *Pátria Portuguesa*.

No Brasil, esta mesma corrente sagrada liga todos os verdadeiros homens de letras, dignos da profissão e do nome. Daqule imenso território, revestido de espessas florestas, — outras florestas morais estão vigiando, novas gerações literárias pulberas de intenso brasileiro. A história e o folclore, a natureza e a imaginação, a graça da terra e o estudo das fontes da nacionalidade dão seiva a aquelas selvas de Beleza. Dois nomes bastariam para enriquecer toda uma literatura: o de Alberto de Oliveira, o glorioso artista das *Meridionais* e dos *Sonetos e Poemas*, meu gu'a e meu conselho, — e o de Coelho Neto, meu querido irmão, prodigioso romancista, pintor e poeta dos nossos séculos. Já temos três séculos de cultura e de patriotismo. Crentes e confiantes, encaramos sem receio os séculos e séculos que engrandecerão a nossa pátria.

Mas, portugueses e brasileiros, não sejamos apenas artistas, e bons artistas; sejamos educadores, e bons educadores. Somos não os legítimos depositários da nossa civilização. Demos o nosso carinho, o nosso conselho, a nossa direção aos talentos que se estão formando e aos que teem de nascer. Devemos dizer-lhes: "Sede vós; sede a vossa terra! Sede vós, e não sejais imitadores dos outros; sede vós, nos assuntos da vossa idealização; e prezai a vossa língua, respeitanda-a, e libertanda-a de felas atleções, do calão pesado que a deshonra, e dos estrangeirismos inúteis que a sobrecarregam!"

Não sou inimigo irreconciliável de todos os peregrinismos, porque amo e admiro enxertos formosos, que possam opulente e alindar o nosso idioma. Mas o exagero é sempre hediondo. As línguas são como as mulheres: vestidas com pureza e simplicidade, são enlevo para todos os olhos artistas e para todas as almas finas; mas, como coitezas ou ídolos bárbaros, arreladadas de europeus vistosos e untadas de cosméticos enganadores, são apenas agrado de sentidos grosseiros e instintos baixos. Também não sou purista extremado, de um purismo que se abeira do castidade. Será ridículo que os nossos netos falem e escrevam exatamente como falaram e escreveram os nossos avós; também seria ridículo que o nosso estilo de hoje fosse a reprodução fiel do estilo dos quinhentistas. Mas se o tesouro do vocabulário, o movimento das locuções, o ritmo das frases podem e devem ser variados e aperfeiçoados, — a sintaxe, que é a estrutura essencial do idioma, é perpétua e imutável.

Digamos isto aos nossos continuadores. Digamos-lhe ainda: que somos latinos, e que queremos ser latinos em nossa descendência. E para isto, pelo exemplo e pela lição, parguemus a decência do pensar e do dizer, a graça, a justiça e a sobriedade, — virtudes máximas do génio latino.

El, senhores, estas palavras — o génio latino — devem transportar-nos, em espírito, para os campos heróicos, em que milhões de homens estão lutando e morrendo em favor do nosso ideal. Não é somente a sua própria vida e a sua própria independência que a França e as suas aliadas estão salvando. Estão em jogo a existência e a liberdade, a honra e o futuro de todas as nacionalidades, disseminadas pela Europa e pela América, nascidas da antiga civilização do Mediterrâneo, irmanadas pela arte e pela filosofia, e ligadas pela afinidade dos idiomas brotados do tronco do Lácio.

Saudemos Portugal e o Brasil! Mas não nos separemos hoje, nem que os nossos corações se voltem, unidos num mesmo afeto e numa só esperança, para os exércitos aliados, e para todos os soldados anónimos, para todos os heróis obscuros, que, em torno de Verdun, defendem a glória e a força perpétua da Grande Loba, nutriz da nossa cultura!"

DUAS CARTAS SIGNIFICATIVAS

Por ocasião da visita de Bilac a Lisboa, duas cartas significativas teve ocasião de publicar *Atlântida*, enviadas a João de Barros. El-las:

"Lisboa, 31 de Março de 1916.

Meu caro João de Barros. Não posso comparecer no jantar promovido pela *Atlântida* em honra do Brasil e homenagem a Olavo Bilac. Como sabe, o meu estado de saúde não me consente o tomar parte em festas desta natureza. Pena tenho, porque a grande República sul-americana julgo do meu dever, como português, prestar o maior culto; e ao seu representante intelectual, o grande lirico e pro-

Por ocasião de sua visita a Portugal, em 1916, Olavo Bilac pronunciou, no teatro República, de Lisboa, uma conferência, que alcançou o maior êxito. Nosso patrio foi apresentado ao público lusitano pelo grande Guerra Junqueiro.

Aqui está o formoso, alto e eloquentíssimo discurso em que o autor de "A Lágrima" saudou o autor de "Textação de Xenocrates".

DISCURSO DE GUERRA JUNQUEIRO

Da essência ideal que imortalizou as nossas descobertas, e fez por um instante, na história do globo, dum punhado de marinheiros e de cavadores o maior pátria do mundo, a eletta do Eterno, a encarnação heróica do Divino, três momentos de beleza augusta nos ficaram um retábulo, um templo, uma epopéia. Três Lusíadas: os de Nuno Gonçalves, os de Camões, os de Santa Maria de Belem, Criámos Esquilto e Prometeu, o redentor e o cantor, o herói opante que liberta, e o génio irmão, que o traduz em música. A música da luz, a do mármore, a da palatrea.

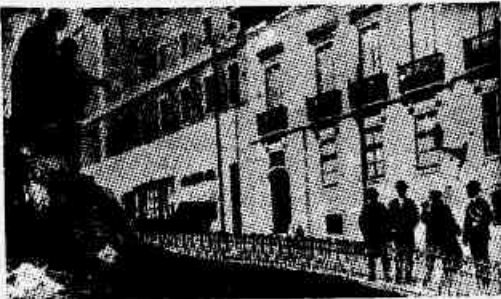
E ao mesmo tempo que geramos as duas grandes epopéias equivalentes, uma na ação, outra no cântico, reproduziamos a pátria maravilhosa que lhes deu alma, criando um novo Portugal, o do futuro, debaixo do novo céu, no mundo novo. O Brasil é a eucaristia sagrada dos Lusíadas.

Ficemo-lo à nossa imagem e semelhança, com torrentes de vida, — o nosso sangue; com um hino de aurora, — a nossa lid com estrelas de dor, — as nossas lágrimas.

Ficemo-lo com beijos e canções, lavrando, batilhando e roçando, dormindo na mão, e mãos postas. Viver é conviver, viver é amar. O grau de amor é o grau de vida, e a vida infinita chama-se Deus, — infinito amor.

Mas não vai para Deus quem tira unicamente nos lábios a sílaba suprema. A invocação não basta. Quem o não realiza não o adora. Há homens bons, que se julgam ateus e são deístas, como há deístas rancorosos, que são ateus e o não conhecem. Luisa Michel foi deísta, e Torquemada foi ateu. Os homens e as pátrias valem, pois, mais ou menos, conforme o seu grau de religião, quer dizer, o grau de fraternidade, o grau de amor.

A pátria mais perfeita será a



Olavo Bilac com Guerra Junqueiro, diante da estátua de D. João I.



Olavo Bilac em Portugal. No banquete da "Atlântida".

mais local, pelo amor à plebe, a mais universal, pelo amor ao mundo.

O meu amor à pátria começa nas amizades do meu corpo ao ar que respiro, à água que bebo, ao pão que me alimenta, ao fruto que deçojo, à flor que me embalsama, à luz que me deslumbrava. Depois vem o amor à minha casa; desde os avós aos netos, dos berços aos sepulcros. Depois a minha aldeia, — chonpanhas e cavadores, a igreja de Deus ao centro e o cemitério ao lado. Depois o amor à província, à região, à pátria toda, — nos mortos, aos vivos e aos vindouros.

Mas a chama do meu amor espiritual beijará com mais devoção os que mais enobrecem a pátria, isto é, os que mais honraram a humanidade.

Portugal é uma pátria esplêndida, porque é a mãe divina do Condeatani, a mãe do Infante-descobridor e do Infante-mártir, de Nuno Gonçalves e de Fernão Lopes, de Bartolomeu Dias e de D. João II, de Gama e de Camões, de São Francisco Xavier e de Alvaro Cabral, de D. João de Castro e de Albuquerque, de Fernando de Magalhães e de Gil Vicente, de Soror

Mariana e de Bernardin Ribetiro, de Miguel de Almada e de Pombal, de Fernandes Tomaz e de Mousinho, de Herculano e de Sá Nogueira, de Passos Manuel e Garret, de Camilo e de Antero, de José Falcão e de João de Deus.

E, acima de tudo, ela é a mãe do Povo português, do povo de Aljubarrota, das Descobertas, de Montes Claros, do Bussaco, da Terceira, da Rotunda, criador marcial de heróis anónimos, e de sanos plebeus e pobresinhos, que guardam oulhas, semeiam serras, dormem nos estrados e falam com os anjos; do povo cândido e cristão, amoroso, meigo, melancólico, impregnado de Deus e de natureza, e tão abismado em sonhos e saudades, que deixando gemer a alma numa fruta, é o maior lirico do mundo, o maior poeta de Portugal.

Es o povo que fêz nas terras de Santa Cruz a Pátria irmã.

O Brasil não chegou a ser uma colônia. Foi logo nação, foi logo pátria: a nova Pátria portuguesa, com novos heróis e descobridores, com novos santos e novos Orfeus, novas cruzadas e novas lírias.

O Brasil em 1645 ergue-se grande como Portugal em 1640, e a mesma fé que nas conduz à revolução em 20, o arrasta à independência em 1822. Abraçou-nos o mesmo ideal, ardemos na mesma chama, Fernandes Tomaz e José Bonifácio, em vez de inimigos, eram irmãos. As nossas pátrias desligaram-se para melhor se casarem. Desuniram os corpos, para estreitarem as almas. O amor creceu em beleza, porque aumentou em liberdade. Vendo tão livres e distantes, fraternizamos hoje como nunca. Na glória e no sonho, nos aís e nos beijos, no riso e na dor. Amando-nos através das ondas, vencemos o espaço. Amando-nos através da história, vencemos o tempo, que já foi. E, com a imortalidade do nosso amor, venceremos a morte no porvir.

Quando Portugal, honrando duas alianças, a aliança humana e a aliança inglesa, entra na salame das nações heróicas que se batem pela causa augusta do Direito imortal e da Justiça eterna, sente-se, forte, ovari, esplendoroso, porque leva na alma, hostia sagrada, — a alma bendita do Brasil.

Esultemos em coro imenso a Pátria-irmã, aclamando Olavo Bilac, o seu grande poeta. Eu, beijando-lhe a fronte, beijo o Brasil no coração.

Viva, pois, o seu futuro intelectual, moral e económico. Teixeira de Queiros.

Ao velho e saudoso companheiro de Paris, o grande brasileiro Olavo Bilac, envio as minhas fraternas saudações, sentindo que o meu estado de saúde me não permitia ir pessoalmente glorificá-lo, como seria o meu maior desejo. Lisboa, 31-III-1916.

Magalhães Lima.

FLECHAS DE OURO - OLAVO BILAC

I

E' como um astro na treva
O disco do meu broquel;
E um largo cinto se eleva
Das patas do meu corcel.

O bronze ardente e sombrio
Da minha herculeia armadura,
Chico de estrelas, fugura
Como uma noite de estio.

Atraves dos descampados,
Das planicies atraves,
Corro; e colinas e pradus
Palpitam sob os meus pes.

E quando pelo caminho
Passo, a toda disparada,
A ave se enia assustada
Na alcova quente do ninho...

A caça! O sol resplandece;
Vibram milhões de asas no ar;
A terra toda parece
Estremecer e cantar.

A aljava que trago ao colo
Da flecha de ouro transborda;
E cada flecha é uma corda
Da lira de Phebo-Apolo.

Por isso, no ardor da caça,
Quando o arco verga, e, afinal,
A flecha, silvando, passa
Para ferir o animal.

Quando o animal cai sem vida
Tinto de sangue e arrojando,
— O Sangue espalha cantando
Da sonora ferida.

E' uma floresta infinita
A vida humana: a paixão
Sobre ele, que arde e palpita,
Passa como um furacão.

Floresta imensa, estendendo
Braços de heras movediças;
Cerrada como as selvas
Do filosofo Rosendo.

Corro-a em todos os sentidos,
E em todas as direções,
Para subluagar, feridos,
Os veados e as leões.

— Tigre fuminto, que os dentes
Afias, cauto e maldoso;
Tu, moita verde do gozo,
Bela, e cheia de serpentes;

Ciarcira fresca do sonho
Onde canta o rouxinol,
E onde, num bando risonho,
Dormem as corças ao sol;

Panteras e borboletas
Sabias e leopardos...
— Sus! cautela com os meus cardos!
Cautela com as minhas setas!

A caça! A aljava está cheia.
Para ferir, por ai,
A quem ama e a quem odeia,
A quem chora e a quem sorri.

Já sob as verdes ramagens
Sotto o sófrego gineite,
E o meu alto capacete
Toca as primeiras folhagens...

De cada chaga uma rosa
Farei brotar e crescer.
E uma rima esplendorosa
Voar e resplandecer.

Que a aljava, que trago ao colo,
De flechas de ouro transborda;
E cada flecha é uma corda
Da lira do Phebo-Apolo.

(Novidades de 24-1-1939)

NEMROD.

II

Vinham chegando, chegando
Navios e mais navios;
E o mar calava, chorando
Os seus vagalhões bravios.

Vinham de longe, das plagas
Secas e ardentes do norte;
Vinham, negros, sobre as vagas,
Como o presépio da morte.

E as ilhas verdes sorrindo
A flor das águas, os astros
Feixes de raios abrindo
Sobre o mar e sobre os mastros.

Os ventos que se arrojavam
Sobre as rochas escuras,
— Pasmos e mudos ficavam,
Vendo essas náus misteriosas.

E eles, de noite e de dia,
Vinham correndo, arquejantes;
E um longo choro gemia
Naqueias velas errantes.

Do seio esteril e ardente
Da pátria — os filhos saiam;
E se no areal inclemente
Nem as palmeiras viviam!

Ora, um ministro — homem sério,
E primeiro entre os primeiros,
Geria a pasta do Império
Com gáudio dos confeiteiros.

Cara piedosa e barbada,
Fisionomia divina;
Vestia a farda bordada
Por cima de uma batina.

Amava o cartaz bulhento;
E tinha no olhar, nas frases,
No gesto e no pensamento,
Cartazes e mais cartazes.

Quando ele ia de viagem,
O seu coupé soberano
Era como a carruagem
De um dentista americano.

— Meus filhos! vindes! estou cheio
De brandura e de piedade,
Vinde beber no meu seio:
Matai a sede a vontade!

Assim falou: A ordenança
Corre a levar a noticia
Ferve a reclame. A esperança
Enche as almas. Que delicia.

E para enlugar o pranto
Dos que combatem com a morte,
Convoca o ministro santo
Os periquitos do norte...

Disputas sérias e rudes
Se travam. Eis, dando um grito,
Diz um: — "Façamos açudes,
Porém... só no meu distrito!" —

— "Não! só no meu que é o primeiro
(Diz, bracejando, o segundo)
— "No meu, (regouga o terceiro)
Que é o primeiro do mundo!" —

Morre o sol, a noite desce,
Reponta o sol. E na luta,
Arde, flameja, recresce,
Entre berros, a disputa.

Mas dá o ministro um salto,
No peito, em cruz, as mãos pousa:
E, ao ver que o dia vai alto,
Resolve... ir pensar na cousa.

Vai almoçar. E, pensando
Nos que a miséria consome,
No bife os dentes cravando,
Diz: "Como é bom não ter fome!"

NEMROD

(Novidades de 26-1-1939)

III

A sea espalmada, o olhar ardente,
Em punho a foice luzida,
Ruge a treva, surdamente,
A epidemia.

Dentro da lúgubre mortalha
Sacode os olhos com fragor:
Por onde os passos move, espalha
Morte e pavor.

A foice rígida e assassina
Prepara para a ceifa humana:
Mas... para diante da batina
De frei Viana.

Fois frei Viana o dedo eleva
Diante dela; e ela, ao lhe ver
O dedo fúlgido na treva,
Foge a tremer.

Foge a tremer, chela de medo
Presa de pasmo e de demência:
Porque esse dedo é como o dedo
Da Providência.

Não cairão vítimas novas
Fracas e exanimas no chão.
Nem de cadáveres as covas,
Transbordarão.

Podes seguir para outra parte
Com toda a tua corte horrível:
Vai Frei Viana debelar-te,
Febre terrível!

Porque ele às cousas faz com jeito:
E já por entre aclamações,
Tem convocado a teu respeito
Três reuniões.

Sábio ministro! O que, lutando,
Não faz nenhuma das ciências,
Faz ele, apenas empregando
As conferências.

Recama os pântanos de flores,
Rega e fecunda os areais,
E paga a todos os credores
Municipais.

Mais conferências, frade! Rufe
Rouco o tambor, tudo e aclame!
E viva a bique! e viva o puff!
Viva a reclame!

Mais conferências, pio frade!
Mais conferências: neste andar,
Conquistarias a eternidade,
Sem trabalhar.

E' numa estátua iluminada,
Hás de ficar, eterno e forte,
Sobre uma caixa de pomada,
Livre da morte.

NEMROD.

(Novidades de 29-1-1939)

FLECHAS DE OURO

I V

Em vão, no ar cálido, a rima
Sacode as asas inquietas,
Sorrindo aos astros, em cima,
Sorrindo, em baixo, as violetas.

Em vão, na aljava abraçada
No incêndio vivo de dia,
Ruge a flecha repassada
Do veneno da ironia.

Em vão! Abafado e morno,
O ar se estende, sufocante:
Vinde assar-vos neste forno,
O' condenados de Dante!

Versas! apenas, a custo,
Rompels da astrofe cantando:
— Passaros tontos de susto,
Calam no chão arquejando.

Debalde as asas formosas
Vibrais, nos ares dispersos:
Pois se nem vivem as rosas,
Como háo de viver os versos?

Com a muleta no braço,
Difíceis passos movendo,
Tropeçando a cada passo
E a cada passo gemendo.

— Bambaletantes, trementes,
Desconjugados e reles,
— Sois legítimos parentes
Dos do Barão de S. Felix.

E, quando passais, — caramba! —
Parece que a caravana
Passa, menciona e bamba,
Dos versos da "Camoneana".

Repousem aves e flores!
Que hoje, no seio da mata,
Não se ouvirão os clamores
Das minhas trompas de prata.

Ea pas! Suspendo cansado
A caça; a aljava deponho.
E vou dormir, embalado
Na rede branca do sonho.

E enquanto, em torno, o ar cheiroso
E fresco se desenrola,
E enquanto, perto, a palmeira
Move a inquieta ventarola.

Passaram as rimas, rindo,
— Entre as papoulas vermelhas,
E as rosas brancas — zumbindo
Como um enxame de abelhas.

NEMROD.

(Novidades de 31-1-1939)

V

Recapitulo
Toda a semana:
Porem não huio
Com frei Viana

Porque ele, em suma
De manhá cedo,
Apenas te ergues,
Vais, em segredo,
Ver os Albergues.

Onde estiveste,
Modesto frade?
Nada fizeste?
— Calamidade!

Eis, a estudar-te
Sempre te vi
Por toda a parte,
Aqui e ali.

Da asa do vento
Estás de posse:
— Eras mais lento,
Grande Bargarso! —

O' voz da fama!
O' albatroz!
O' telegrama!
— Como és veloz! —

Tu ao cansaço
Nunca das treguas,
Pois com um só passo
Corres cem leguas

Conheça a história
Que podes tu
Estar na Glória,
E no Cajú.

Vais sem barulho
De um salto ousado,
Do Pedregulho
Ao Carcovado.

Onde estiveste.

Modesto frade?

Nada fizeste?

— Calamidade!...

NEMROD.

(Novidades de 4-2-39)

VI

(A UM POETA)

Vem! à porta do templo iluminada
Bate! terás entrada, peregrino!
No amplo recinto fulgido e divino
Todos te esperam, caminhante ousado!

De cada canto sobe o som de um hino:
E derramando a luz, de lado a lado,
O Amor, por toda parte, inquieto e alado,
Canta e ri, como um génio pequenino.

Brandos acordes, trémulos harpejos,
Uivos, gritos horriísonos e atrozes,
Rumor de prantos e rumor de beijos...

Entrai! Deve ser belo, amplo e violento
Ouvir, inesperado, entre essas vozes
O ornejo repentino de um jumento.

NEMROD.

(Novidades de 6-2-39)

A VIUVA

VII

Domingo, Chove. Como é triste a chuva!
Como é triste e monótono o domingo!
Ouço a chuva cair, de pingo em pingo...
Ah! se chegasse, pállida viuva!

Sonho que chegas: — Livro-te da capa,
Todas as vestes úmidas te arranco!
Dispo-te. Enfim! O teu péssimo branco
Da bota, como um pássaro, se escapa.

Tremes de frio, entrecrocando os dentes,
— Hátegas água, trepidas, lá fora
Rufam nas pedras, encharcando a rua —

E dos meus lábios, sófregos e ardentes,
Outra chuva te cai, quente e sonora,
— Chuva de beijos — sobre a epáfua
Inna...

NEMROD.

(Novidades de 11-2-1939)

OLAVO BILAC - Humberto de Campos

I O HOMEM

Pela definição que dela oferecem os entendidos, a elegância é, no homem, ou na mulher, uma espécie de graça cristalizada.

O homem e a mulher elegantes não são distiguídos na multidão sinão pelas pessoas de cultura social apurada. O indivíduo cujas roupas e maneiras se impõem a toda gente, e a primeira vista, é a negação da elegância perfeita. Entre o rasteirismo e a elegância, a distância é imensurável. O primelro é filho do escândalo, do exagero, da falta de gosto, a segunda é filha da discreção, da sobriedade dos sentidos, e constitui a flor mais suave da roseta da Civilização.

As indústrias modernas tornam tão o impossível para obtenção de certas maravilhas, que ao tempo e a natureza produzem.

Documentos de ontem, guardados por mãos que ainda se movem à superfície da terra, são submetidos a processos químicos que os envelhecem, dando-lhes uma feição secular. Artistas de todo gênero, que seriam notáveis na sua época, reatam para o passado, trezentos, quatrocentos ou quinhentos anos, para viverem a vida e repõem a obra dos grandes mestres italianos. Em pleno século XX, há, na Itália, na Alemanha, na França, na Inglaterra, quem fabrique, com arvores plantadas no século XIX, castelos viciados do século XVII. A imaginação dos homens repete, nas indústrias, nas artes, nas múltiplas modalidades da atividade e inteligente, o mitage do novela de fio da fábula, em cuja extensão se achavam, impalpáveis, ou elásticos, a vontade de quem o desenrolasse, os misteriosos limites do tempo. Não há, entretanto, obra artificial que substitua, de modo satisfatório, a naturalidade. Esta, como a tónica de Cécile, que a legenda fez interica, uma, sem omeadas, não será, jamais, imitada. Por maior que seja o talento do artista, ele não ultrapará nem o tempo, nem a natureza. A perfeição simulada consentânea, sempre, ante um exame detido, severo, melancólico, com as marcas da agulha e os elnhavos da costura. Só é completa e perfeito o que é sincero e natural.

Da graça, unida à naturalidade, é que nasce a elegância. A magnificência, o luxo, a santuosidade, matam-na, destroem-na, deavintam-na. Primeira, na sua índez, pode ser elegante, sem que o seja Cleopatra, nos espiandores da sua riqueza oriental. A elegância é, finalmente, aos olhos do corpo e do espírito, como aquele volano mágico do poema de Vitor Hugo, que, vibrado à distância, no glécio de um bosque maravilhoso, vinha embeberdar suavemente, aqui fora, os viajantes, que se detinham, indecisos e encantados, sem saberem a origem daquelas vozes.

Como expoente da elegância na civilização brasileira, nada há, e ninguém, como a obra e a individualidade de Olavo Bilac. Raros homens foram, na terra, tão harmônicos, ou melhor, tão harmônicos, apresentando um espetáculo tão uniforme, pessoal, moral e intelectualmente. A impressão deixada pelo seu convívio era que a sua alma, o seu corpo e o seu espírito obedeciam ao mesmo ritmo, no mesmo rumo, sem a mais ligeira disparidade de movimentos. A música dos seus versos estava na distinção das suas maneiras, na correção das suas roupas, na capritualidade jovial das suas atitudes. Ele constituía, em suma, um sistema planetário inteligentemente disposto, em que se completavam, realizando o milagre da

harmonia, o peso, o tempo e a distância.

Poucos homens, no Rio de Janeiro, vestiam tão elegantemente como Olavo Bilac. Os seus ternos, de cores discretas, particularizavam-se, nas rodas de amigos, por melhor vestidos que estes estivessem, por um cunho de graça, de mozoza, de distinção. A gravata, escolhida entre os pa-ros menos vivos, nunca patentou, sob o colarinho baixo, o trabalho que o laço exigira. Nada, na sua indumentária impecável, denunciava pena, esforço, tortura. Ele realizava no vestir o conselho dado a um poeta, nos tercetos de um soneto famoso:

Não se mostre na fábrica o lampião
Do mestre. E, natural, o feição agrado,
Sem lembrar os andaimes do edifício.

Porque a Beleza, gêmea da Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

Os seus versos, dos primeiros, na juventude risonha, aos últimos, na maturidade luminosa, restaram, igualmente, esse programa de vida. A sua obra não tem rimas precisas, imagens imprevisíveis, conchas escandalizadoras.

Parado nos classicos, ele foi, na beleza do conceito, na pureza da lingua, na discreção da imagem, um clássico da ideia e da linguagem. A corrente harmoniosa que vinha de Petrarca, através de Garcilaso, de Lope de Vega, de Quevedo, de Camões, de Boeage, dos sonetistas liricos universais, chegou até ele com a sua pureza originária. Nada de arrebatamentos. Nada de exageros. Nada que fizesse, pelo estrondo do vocabulo ou pelo fulgor da ideia tapar o ouvido e fechar os olhos. A medida que lhe regulava os gestos na vida d'aciplinavel, exata, o tôn do pensamento.

Moralmente, o homem completava o poeta. Sereno diante do ataque hostil, não se apalmeava, não se exaltava, não transpunha os limites que a vida modesta, mas feliz, lhe traçara. Abominava a polémica, a disputa, a discussão nos jornais, com o horror de um homem habituado à mais perfeita compostura. Uma controvérsia literária assumia, aos seus olhos, as proporções de um combate corporal em público. Evitava-as, por isso, com todas as forças, com o pavor de quem, habituado a viver num salão, se visse repentinamente desafiado para uma luta remansa, quase despido, exposto aos remoques de uma platéia. Nunca discutiu, nunca literatara, unicamente para não amarrar a canetas de seda que volava as delicadezas do seu caráter. Caluniado, atacado, injuriado, perdoava e sorria. As infâmias que lhe eram lançadas não as repelia a murro, a bala, a bengalada; sacudia-as de leve, com as pontas dos dedos, com o gesto de quem põe fora, sem auxílio de escova, as partículas de poeira que lhe altera o assoio impecável do fato.

Olavo Bilac constituía, assim, no Brasil, o legítimo expoente da elegância, no seu triplice aspecto, físico, intelectual e moral. Em um dos seus sonetos mais lindos e profundos, lamentava ele não poder, jamais, atingir a perfeição. E gemia:

Eternamente ao meu olhar
Impompelas,
E olho-te em vão, maravilhosa e bela,
Adornada de altíssimas
lamelas.

E à noite, à luz dos astros,
fa horas mortas,
Rondo-te, e arqueo, e choro,
ó cidadão!
Como um bárbaro vivando
[as tuas portas]

Se a alguém se abriram, na civilização brasileira, as portas da cidade fechada, foi esse bárbaro, até hoje, o único mortal que as transpôs. No alto das torres encantadas, drapejam, n'elas hornas, únicas e eternas, zembaldas de estrelas, as cores do seu pavilhão.

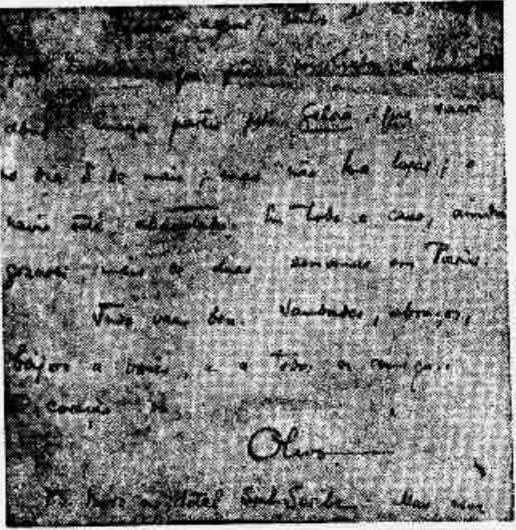
II O POETA

Quem examina, sem paixão, a inteligência de Olavo Bilac mentalidade brasileira, observa que ele ficou sendo, para o povo e, mesmo, para os círculos representativos do nosso verdadeiro estado social, o poeta da primeira fase. Isto é, o sonetista sensual, impetuoso, ardente, dos versos da mocidade. Com o correr dos anos e a passagem das estações, que lhe iam dando, à força, outra filosofia e outro conhecimento da vida, foi Bilac, pouco a pouco, modificando a sinceridade da sua inspiração poética. Depois dos quarenta anos, a sensualidade elegante, que constituía o alicerce de ouro da sua popularidade literária, começou a desaparecer das suas rimas. Quem lhe observasse a evolução da poesia, teria a impressão de um salão de baile de que as mulheres se fossem retirando gradualmente, mas que ficasse iluminado pelo resto da noite, quebrando a solidão silenciosa com a maravilhosa deslumbrante dos seus cristais.

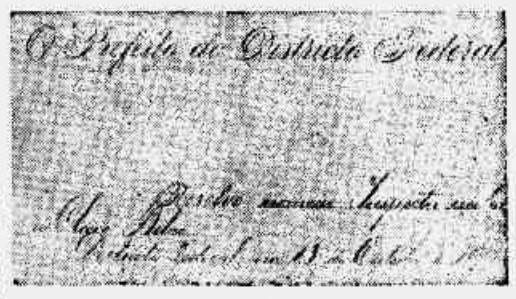
A última frase de Olavo Bilac condensada nos noventa e nove sonetos da "Tarde", editada postumamente, aparece, aos meus olhos, como as últimas horas de uma grande festa. Eu vejo, nela, o santuoso salão abandonado. Os pares que ali valçavam de braços entrelaçados, desapareceram entre rumores de beijos, na doçura da noite convidativa. Em torno, tudo é distinção, é graça, é bom gosto. A disposição dos móveis, a escolha dos quadros, o tecido dos tapetes, a música ainda aberta sobre o piano, falam, na sua mudez, da alegria ruidosa das horas extintas. Os espelhos não guardam, porém, os vultos que por ali deslizaram. Onde estão os lídios daquela noite? Quem nos repetirá os juramentos, as promessas, as palavras de amor ou de dúvida susurradas naquele ambiente? Ninguem! Apenas, aqui e ali, um lenço, um broche, um leque esquecido, uma flor machucada, revelam, numa saudade, aos nos olhos experientes, a presença das mulheres...

Há, com certeza, quem prefira, na obra de Bilac, os deslumbramentos do salão santuoso e deserto, que é a "Tarde". A mim, maravilham-me, sem dúvida, a filosofia, a fatura, o requinte artístico dos seus últimos versos. "Dante no Paraíso", "Beethoven surdo", "Milton cego", "Proce", "Diálogo", "A velhice de Aspásia", são, indubitavelmente, os sonetos mais perfectos da lingua. Eu continuo, entretanto, a preferir o poeta ao artista. E se Olavo Bilac preferiu, nos últimos anos, os labores da arte estava à simplicidade de inspiração, isso foi menos, com certeza, por necessidade do seu temperamento e da sua convicção, do que pelo respeito, talvez exagerado, às exigências do tempo e do meio.

A poesia, em Bilac, trazia, desde a origem, a santa mácula do pecado. A sua musa era puramente pagã, e dançava nua. Os véus da conveniência prejudicavam-lhe a graça harmoniosa dos movimentos. Os encantos da sua mudez, do seu erotismo apurado, da sua sensualidade polida, eram-lhe a metade da



Trecho de uma carta intima de Olavo Bilac



Título de nomeação de Olavo Bilac para inspetor do ensino no Distrito Federal

glória. Com esse aspecto, falando no coração e aos sentidos, coexistenciava ela, no momento, a forma estética mais representativa da emotividade da raça. Sepultada no lodo (a ignorância ou afogada pelo assalto dos preconceitos, a alma brasileira, insavia, líbrica, voluptuosa, desabrochava em perfumes e em cores na rosa vermelha daqueles versos. Com a idade, porém, e o equilíbrio moral que foi, na vida, o feno que o levou ao triunfo completo e definitivo, Bilac sentiu, como homem, a necessidade de traír o poeta. O outono, que chegava, não lhe permitia mais a liberdade das embebedas. O exemplo de Luiz Delfino, troygo e sensual, paralisava-lhe o surto da imaginação. Continuar, na naturalidade, a ser o mesmo espírito ardente dos seus dias de juventude, o mesmo fauno corado de pámpanus e rodeado de ninfas, seria expor-se, talvez, ao ridículo, à moia, à combaria da gente nova. O século, severo nas maneiras e intransigente nas convicções, podia tomar, na sua prevenção, a moiciedade florida de Anacreonte pela senectude viçosa de Salomão. E como fosse, em tudo, escrúpulo e ponderado, dissimulava com o cílio da preocupação estética e da meditação filosófica a tumultuosa juventude do sangue.

A sua poesia verdadeira, a que lhe deu glória e popularidade porque constituía, realmente, a expressão da sua alma, o grito das suas artérias, a voz do seu temperamento, era aquela que alguém chamou, uma vez, o seu "erotismo dorado". Bilac sempre foi, com a ronda voluptuosa dos corpos sensuais e fugitivos, dos bocas simples e dos braços ostendidos como tentáculos do pecado, não seria Bilac. A sua força literária, como a de todos os grandes liricos, estava na sede dos sentidos, o melhor, na mulher, que é a fonte em que ela se deslata. No dia em que lhe exigiram tacitamente a temperança mental, afastando os erros femininos que lhe povoavam os ver-

ses maravilhosos, o poeta começou a viver do pensamento, fazendo funcionar as máquinas da Arte onde se manifestavam, antes, a espontaneidade do sentimento, a singularidade do instinto, a voluntariedade do coração.

Conta Edmond de Goncourt, que, instado, aos sessenta anos, pelos amigos, para que voltasse a fazer versos, repousando nella a fadiga do prosador, Theophile Gautier os interrompeu, exclamando:

— "Oh! pour cela, mes idées sont complètement changées. Je trouve que la poésie coll être fabriquée, à l'époque où l'on est hereux. C'est pendant la période de la jeunesse, de la "force, de l'Amour, qu'il faut faire des vers".

Bilac conservava nos sentidos, no poente da vida, os ardores característicos da sua alvorada. A paixão pelas mulheres conservou-se, nele, a mesma à mocidade. Era com olhos de vinte anos que ele acompanhava, discreto, o movimento flexuoso de um corpo esgalegado ou silenciosos projetos da virgindade na ondulação graciosa de uns seios. A sua musa tornava-se, porém, pudorosa. Ela, que lhe servira de amante apaixonada, passara a ser, mais tarde, companheira coitadada. E como ele não compreendia amor sem desejo, aficou sem ânsia, paixão sem arrebatamento, escondia-se no mistério doatado da arte para ver passar, do longe, como Sôledos, o vulto da casta Suzana...

A "Tarde" é, assim, não um complemento, mas uma feição inteiramente nova da poesia de Olavo Bilac. Depois de ter sido um grande poeta, quis ele ser, na velhice, como derivante da antiga virgindade, um grande artista, um assombroso orives literário. E coronou, numa apoteose, o caminho que abriu pela terra, fez cair sobre as rosas do seu jardim de mocidade a cinza de ouro do seu crepúsculo, que a morte transformou, de repente, numa gloriosa noite semeada de estrelas...

A CAMPANHA NACIONALISTA

Ao Exército Nacional

Discurso proferido no banquete que lhe foi oferecido pelas classes armadas — 8 de novembro de 1915 — Rio.

Não sei como poderei agradecer esta comorante prova de afeto. Recebei-me, como vósso, como filho da grande família militar, cuja maior alicerce deve ser sempre a glória, e cuja melhor riqueza deve ser sempre a virtude e já esta honra me engrandece. Mas, para aumentar a minha dívida de gratidão, collocastes a frente desta manifestação os nomes de três dos mais illustres generais do Exército; e escolhestes, como interprete da vossa estima, e como parainfante meu, um dos meus mais queridos amigos, meu irmão bem amado, em cujo espirito e em cuja coração sempre encontrarei, nos mais duros dias da minha vida, consolo e conselho, energia e coragem.

A vossa generosidade estendeu o préstimo do meu nome e a importância do meu trabalho. Nada fiz, que merecesse tão alto prêmio. O que disse e fiz já estava no pensamento de todos os Brasileiros bons, e já tinha sido proclamado. A lei do sortido militar, que sempre reputa benéfica para a necessidade da coesão nacional, está decretada há mais de sete annos; e já muitos homens de espirito claro e de leal patriotismo, estudando e annunciando os perigos que nos ameaçam, apontaram o remedio e a salvação. Nada inventei, nada criei. Meirel de novo, apenas, e com menos brilho, a fidelidade da doença do tempo, a desmoralização da nossa gente, a fragueza dos governos, o desenvolvimento do entusiasmo a julga da coragem e da fé; e apenas procurei recender a propaganda esquerda. Acredito que o valor da minha acção nasceu unicamente de uma prospera conjuntura do tempo e do lugar. — da occasião feliz em que foram pronunciadas as minhas palavras. Cercavam-me corações em flor, espiritos em revolução, e ambiente era propicio, de mocidade e de ternura; e a velha Faculdade de Direito de São Paulo escovava ainda antigos clamores de creença e de combate; a minha revolta ressuscitou, entre aquelas paredes, a grandeza e a febre de campanhas mortas. Assim, o passado e o presente, num encontro milagroso, acolheram, agradeceram, e representaram com efficacia o meu grato...

Não posso agradecer-vos. Mas posso, ao menos, dizer-vos como vos amo, e quanto me comove a orgulha o apreço que me mostrais. Sois os meus soldados, que sempre enobreceam o Brasil, desde a época difficil da fundação da patria; sois o mesmo exercito, que, em todas as crises graves da nossa historia, estê a proclamação da República, deus as boas causas a sua força material e a sua força moral, nessa longa serie de altos servicos nacionais, que o vosso orador acaba de lembrar; quando vos fallo, fallo ao vosso presente, como ao vosso passado, e ainda ao vosso grande futuro.

Quando nasci, o Brasil vibrava, no apogeu da sua era epica, entre a batalha do Riachuelo e a batalha de Tuiuti. Findava o ano de 1865. Todas as energias do pais estavam nos campos do sul. Meu pai, poucos meses antes, partira para a guerra. No lar atribulado e pobre, havia sustos e esperanças, lágrimas e sonhos: as cartas, que vinham do teatro da luta, traziam a familia moralmente desamparada, sorrisos e raios de fé; mas, entre as raras noticias, entulhava-se a casa, e apertavam-se os corações. Em toda a cidade, a mesma inquietação, o mesmo sobressalto, a mesma alternati-

va de clamores e jubilo e queixas de desesperação. Nessa pesada e angustiada atmosfera moral, correram os primeiros quatro annos da minha vida... Depois, a minha meninice viveu da vossa gloria. As festas que coroarão a victoria, os hinos e as flores que recebiam os batalhões, a paz e a fortuna reorganizando a cidade e todo o pais, as fardas e as condecorações, os arcos de triumpho e os cortejos, as narrativas dos combates, o desempenho dos vencedores, o orgulho dos mutilados, o entusiasmo dos moços, o enternecimento dos velhos, o enlevo das mulheres, — todo esse espetáculo de heroismo, dominando a vida nacional, e por muitos annos abntando a alfinete do povo, encheu e maravilhou toda a minha adolescencia... Depois, já homem, vi que as vossas espadas, recusando a noticia dos mercadores de honra e força e o seu brilho a paucos, e defendendo a miseria dos escravidãos, apunaram a dedicação dos abolicionistas, e apressaram a victoria da sagrada campanha... Depois, encontráreis-vos, de novo, na alvorada de 15 de novembro, e vi toda a vossa bravura e toda a vossa beleza, irradiando, concentradas na figura legendaria de Deodoro... Foi assim que vos amei!

Se alguma vez diminua a minha admiração, se de algum modo me ajastei de vós, foi porque, com tristezas, vi alguns de vós, arredados do nobre terrão de da augusta missão em que sempre deveis honrar-vos e honrar o Brasil, preferirem ao rudo e magnifico sacrificio da vida militar o facil e grosseiro proveito do mandato partidário e da pequena politica das facções e das intrigas... Mas o desalencimento não durou muito. Quase todos os transviados já estão desiludidos e arrependidos. Na consciencia de todos deve estar a convicção da inutilidade, e, mais ainda, do criminoso erro dessa dispersão de energias e de desvotamentos. Sei, — e é preciso que todo o pais saiba — que um habito saueador e criador percorre hoje todo o vosso quartel. O pensamento e a acção, o estudo e o exercicio, a vontade e a disciplina, animando os officiaes, e deles emanando, inflamam e fortalecem os soldados; o trabalho e a esperança, a confiança e o estímulos succederam à inercia e ao desánimo; e, nesse ambiente de agitação fecunda e de reconstrução salvadora, não podem e nunca mais poderão medrar as murmuraciones, os despeitos, os descontentamentos, as mesquinhas rivalidades, as desmoralizadoras ambições, que só vivem bem nos arratals do candidismo e da desordem. Deste modo, querendo colaborar com todos as outras classes do nosso povo na grande empresa do revigoramento cívico, que todos devemos iniciar e executar, estais realçando o fio luminoso das tradições militares, que são o patrimonio da vossa classe... E' assim que vos amo!

Se praticastes erros, tambem os praticamos nós, os civis. Se desses erros comuns nasceu o funesto diácono, que separou durante tantos annos o elemento civil e o elemento militar, nasce agora da confissão e da reparação de todos os desvios e de todas as faltas um consorcio firme e perpetuo. E que este consorcio seja proclamado em palavras e em atos, desde já, enquanto não se organiza a indispensavel generalização do servico militar transformado em servico nacional, — de modo que, como excellentemente acaba de dizer o vosso interprete, "consolidarizem todas as classes, desapareça para sempre o espantinho do militarismo, seja a nacção o exercito e o exercito seja a nacção".

Já disse repetidas vezes que não quero, nem quero pretender o papel e o titulo de apolo: o papel é superior ao meu valor moral; e o titulo, dado a mim, traria consigo uma ironia, que a minha sinceridade repele. Já disse tambem que não sou sociologo, nem filosofo: não posso idear nem executar um programa de remodelação social. Sou, apenas, poeta, e poeta sincero e patriota. Se posso ser professor, quero ser e serei exclusivamente professor de entusiasmo. E dentro deste papel, não terei polemista, nem agitador de popularidade. A minha humilde missão está cumprida a mocidade do pais agita-se, todas as classes despertam, os homens superiores estudam o problema, o movimento generaliza-se; posso agora sair da frente da batalha, e entro na massa da legião, casando o meu esforço obscuro aos esforços anónimos dos outros legionários.

Se apparei em evidencia, foi porque havia em minha alma uma revolta, que me sufocava. Em minha consciencia: acredito que o Brasil está atravessando hoje a mais grave de todas as crises de sua historia. Oprimem-me um grande medo. Não é o da miseria publica; porque, com trabalho e honestidade, alguns annos bastarão para remediar a devastação causada pela inercia ou pela improbidade. Não é tambem o da guerra, da invasão estrangeira, da perda da liberdade, da mutilação do territorio por sequestro ou conquista; tal perigo, se existe ou existirá, será talvez o mais afastado e o mais improvavel de quantos nos rodeiam; além disso, essa desgraça ainda seria uma fonte de grandes bens; porque, em falta de um perfeito patriotismo colectivo, conciente e coesivo, ao menos há no Brasil, felicemente, a bravura propria, o pundonor pessoal, um patriotismo individual; e a guerra, apesar de todos os seus males, seria uma ventura, porque seria uma formidavel força de ligação nacional... O que me aterra é a possibilidade do desmembramento. Ameaça-me este espetáculo: este intento terrífico, povoado por mais de vinte e cinco milhões de homens, que não são continuamente ligados por interesses correntes de apoio e de accordos, pelo mesmo ideal, pela educação cívica, pela coesão militar; conflitos ridiculos sobre fronteiras, dentro da integridade da patria, explorados pela retorica, envenenados pelo fanatismo, originando guerras fratricidas; a desigualdade entre Estados irmãos, desmoralizados pela differença das fortunas e das prendas, — estes rios e felizes, prosperando e brilhando, desenvolvendo o seu trabalho e a sua instrução, e aqueles pobres, sem ventura, sem pão, sem ordem, sem escola, assolados pelos flagelos da natureza ou talados pelos desmandos da governação; e descontentamentos, e rivalidades, e indiferença, desamor, falta de unidade...

Este é o meu terror. Porquê sem unidade não há patria. Quatrocentos annos de esperança e de tortura fizeram esta nacção, dada à humanidade pela continuação de infinitas acções generosas: pelo esforço de um pequeno povo, — menos de dez milhões de almas, em uma estreita faixa de terra, — descobrindo, povoando, explorando, artilhando, defendendo mais de seis mil quilômetros desta costa; pelo impeto das bandeiras e pela bondade dos apóstolos, desbravando as selvas, as dguas e as almas; pelo sangue dos filhos e dos netos dos povoadores, derramado em prol do patrimonio; pelo suor e pelas lágrimas de uma raça martir, arfancando do solo bruto a riqueza, a felicidade e o luxo; pelo heroismo de successos ge-

racões, combatendo pela liberdade, pela integridade, pela justiça e pela gloria... E' horrível pensar que esta esplendida construção de quatro séculos possa ser desmantelada pela inercia, pela ignorância, pela preguiça moral, pelo egoismo!

Mas, não! Unamo-nos, nós, os das classes cultas, nós, os que temos instrução, pensamento e consciencia. Unamo-nos, trabalhemos, e venceremos. — e dentro do regime republicano. O desenvolvimento e o desánimo de algumas almas apela para a restauração da monarchia, como para uma panacea de efeitos prodigiosos e instantaneos. Se o advento de um Messias pudesse agora levantar, rejuvenecer e felicitar em poucos minutos ou em poucos annos todo o Brasil, todos os patriotas, convencidos do supremo poder de tão divino coadju, deveriam aceitar de braços abertos esse enviado do céu. Mas as influencias são impossiveis. O trabalho, que nos incendeia, é longo demorado, difficil. Não podemos transformar de subito esta geração que está vivendo. Devemos trabalhar para o futuro: somente outras gerações, mais felizes, gozarão o bem que tivermos criado. Se os antigos remedios para a dorça nacional são o tempo, a tenacidade e o despotismo, — por que não empregamos, nós, os republicanos, esta terapeutica ao alcance dos nossos meios?

Façamos nos a ressurrecção da gloria do Brasil! Não a podemos fazer em poucos dias nem em poucos lustros, por um prodigio de taumaturgia social. Mas inevitavelmente a faremos, se inspirados pela nossa creença e pelo nosso patriotismo, lavrarmos a alma do Brasil, como os agricultores lavram o seu campo: com o tempo e a paciência, com a vontade e a arte, dando toda a força do braço e a aliceria do coração a todos os longos e subimes trabalhos que o solo exige. — o derrote e o amanho, a avadura e o alqueive, a sementeira e a rega — antes do dia nobre em que, roando e abençoando o sacrificio, surge o esplendor da seara. O programa está assentado, e é simples e velho: a educação cívica, firmando-se na instrução primaria, profissional e militar. Mas não esqueçamos que do ensino devem ser dignos os professores.

A educação cívica, devemos ser os primeiros a aprendê-la, meditá-la e praticá-la. Melhoraremos, antes de melhorarmos o povo. Procuramos inaugurar uma nova politica, a virandela e "sa politica, filha da moral e da razão", nacional e não corrilheira, sincera e digna, condenando e abolindo os artificios em que vivemos, fraudes electoraes, frequentes governamentalismos, paliativos economicos e softismos judicatórios. E não são os politicos os únicos responsáveis pela descalabro. Quase todos somos, pecamos, e ultrajamos a Patria, civis e militares, politicos e homens de letras, professores e jornalistas, artistas e operários, quase todos os pais de familia e cidadãos. Uns por maldade ou indiferença natural, outros por afecção ridicula ou tola jactância, outros por imitação — quase todos deservimos o culto cívico. Esses ainda foram os menos culpados, porque se limitaram do ajustamento do tempo: os piores foram aqueles que, pregando as idéas subversivas e as palavras más, ousaram proclamar a negação da necessidade da Patria. Eu mesmo, que vos fallo, — porque é preciso que eu seja o primeiro a dizer o "confinitor" — tambem me exercei hoje da frivole e ironica litteratura, que dei por jornais, muitas vezes enviada de fermento anárquico. Confessemos-nos todos, arrependamo-nos, e não perseve-

remos no pecado! A afronta da negação da Patria, a injuria do desdém, e ainda a frivolidade e a ironia, e até a indigência e a abstenção, no que se refere a Patria, são crimes igualmente graves. A Patria é o mundo "felizico", o inviolavel "tabu", que deve ser adorado e guardado, sem ser tocado.

Regeneremo-nos, e voltemos ao culto cívico. Amemos ao Brasil, nós que o dirigimos. E, arrependidos, vamos ao encontro do povo, e aperfeiçoemo-lo. O povo possui energias e virtudes mais fortes e mais puras do que as nossas; o que cumpre é estimulá-las, é extrai-las, como se extraxem os metais da ganga nativa.

Nós, que vivemos no litoral, e nas zonas mais accendidas do litoral, nestas cidades, em que vivem o trabalho e a ambição, os esplendores e os vicios, todos as belezas e as facilidades da civilização, não podemos suspellar a vida que arde no coração da terra brava. Neste momento, um de vós, senhores, o coronel Rondon, está proseguindo a sua longa peregrinação pelo bruto seio das brachas. Com ele, vai um punhado de heróis obscuros. São, ao mesmo tempo, a bandeira e a missão, as sortidas do século XV e do século XVI, redividas no século XX. Em cada um desses homens vibra um Fernão Dias e sorri um Anchieta. E, nos seus serões, tudo é misterio. Tudo é encantamento, tudo é espanto e riqueza. Nestas maravilhosas entradas de conquista e de catotese, cada passo é uma revelação e uma ciração, o descobrimento de um rio, de uma terra, de um aldeamento de indios; o achado imperioso de um tesouro natural, a invenção de um recurso para a riancia ou para a industria; a plantação de uma roça, de um poste telegrafico, de um nucleo de povoação civilizada, de um edificio de escola e colheita de novas forças materiais e morais para o Brasil. — um mundo imenso que jazia em trevas...

Pois bem! A alma brasileira tem a mesma grandeza e os mesmos segredos dos serões. Não a conhecemos, porque não nos conhecemos. Entremos por ela, empregamos através dela a grande e destruidora magia da Fé! Descubriremos perlipens e delicias, assonhos e consolações, energias desconhecidas e piedades não adivinhadas. Encontraremos a cada passo uma vontade, uma vibração, um impulso, uma resistência, uma coragem e uma dedicação. E todas estas forças estarão conosco. E, quando regressarmos da expedição maravilhosa, materiais criados a mais bela e a mais viva de todas as nacções da terra.

Peço-vos, senhores, que vos levantéis. Com toda a alicia, com toda a creença e com toda a esperança, saudemos o passado glorioso do Brasil, que respaldará em vossos uniformes; o presente sofrido do Brasil, que enche todos os nossos corações; e o futuro incomparavel do Brasil, que viverá no orgulho dos nossos descendentes. — a Grande Patria, que será forte para ser boa, armada para ser justa, e rica para ser generosa!

EM MARCHA!

Aos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo. — 9 de outubro de 1915.

Ser-me-la facil, para agradecer a vossa carinhosa recepção. Improbriar algumas frases de bruto fugaz que morressem aqui ao nascer, mudeira sem idéias, fútil e amável, parecia sem fundo e sem coo. Mas

DO GRANDE POETA BRASILEIRO

que dar alguma vida, mais calor e duração às minhas palavras e exercê-las, para que elas, empilhadas agora aos vossos ouvidos e às vossas almas, possam extender-se a ouvidos distantes e a almas afastadas, a todos os brasileiros de vossa idade, crescendo, estudando, sonhando, debruçado do intenso e inquieto coração do Brasil.

O momento não quer discursos secos e retumbantes, sonolências estontecedoras, rotando na vacuidade do vácuo. O que se vê agora é a simplicidade de algumas frases em palavras claras, que, na sua dura tricotagem, levam, com a revolta, um estorvo para a esperança, para a crença e para o heroísmo. Não podéis, talvez, perceber uma perfeita consciência a guilhotina da nossa situação moral. Vireis numa rica metáfora, entre o sorriso e a gela da mão culta; e não podéis esquecer a causa, a confusão e os perigos que encham toda a nossa maravilhosa e inconsciente Pátria. Na juventude, tudo é graça e facilidade, espontaneidade e embebecimento; uma força natural, que do intimo se estende para o exterior, para os seus filhos, um fascínio que se espalha sobre o ambiente e embelza o espetáculo da vida real... Mas é tarde, agora, antes do tempo de dar alguma crueldade aos arcanos da paz e do arreio. Vede que na Europa, hoje, quando a guerra abre diariamente largos abismos nas fileiras dos combates, os governos chamam às armas os mais novas classes dos exércitos, as falanges dos adolescentes, reservas fulgentes da juventude nacional; aqui, outra situação, mais triste, oprime o país; e outra morte, pior, esmaga os filhos válidos, — destruição de caráter e morte moral e física que os torna incapazes ou indiferentes, deixam o Brasil devastado sem guerra e cadáveres antes da vitória, — nenhum ao campo os efeitos, em que o ardor sagrado contrabalança a experiência, e em que o impulso da fé supera a imaturidade dos anos!

Não vos deixeis deslumbrados do magnífico progresso desta cidade e deste Estado: São Paulo não é todo o Brasil; e a verdadeira grandeza de um país não é a sua riqueza. Por outro

lado, não imaginéis que o que me assusta seja o desconforto, a falta de dinheiro, a falta de trabalho organizado e produtivo na maior parte da União, nem o ónus formidável das dívidas oprimindo o nosso futuro. Ainda há muita ventura e dignidade nas coisas em que não há muito pó; mas nada há, quando não há amor e orgulho. O que me ametralha é a mistura de ideal que nos abate. Sem ideal, não há nobreza da alma; sem nobreza de alma, não há desinteresse; sem desinteresse não há coesão; sem coesão, não há pátria.

Uma onda desmoralizadora de desânimo assola todas as almas. Não há em cada alma a centelha criadora, que é a consciência da força e da bondade; e de alma para alma há uma corrente de solidariedade, de crença comum e de entusiasmo, que congrega todos os peccos em uma mesma aspiração. Hoje, a indiferença e a lei moral; o interesse próprio e o único incentivo. O "arrivismo". — hediondo estrangeirismo com que se exprime uma enfermidade ainda mais hedionda, — epidemia moral, que tende a transformar-se e a criar-se como evidência, crendena todo o organismo social, e mata todos os germes da dedicação e da fé: cada um quer pensar e viver sozinho, e crescer, prosperar, ganhar, enriquecer, depressa, seja como for, a qualquer de todas as trações, por cima de todos os escrúpulos. Assim, a consciência desfaz-se, e transforma-se em acompanhamento bárbaro e mercenário, governado pelo conflito das cobaiças individuais. E os políticos profissionais, pastores egoístas do rebanho tremelhado, não fazem para impedir a dispersão; e quando não se apropriam do regabofe generalizado, e quando se locupletam, imitando a gula comum, apenas se contentam com a passiva e ridícula vaidade do mundo fictício...

mais bruta ignorância, mordacaram as classes cultas. As outras, as mais humildes camadas populares, mantidas na mais bruta ignorância, mostram só inércia, apatia, superstições, absoluta privação de consciência. Nos rutes sertões, os não são brasileiros, nem

no menos são verdadeiros homens. São videntes sem alma criadora e livre, como as jenas, como os insetos, como as árvores. A maior extensão do território está povoada de analfabetos; a instrução primária, entregue ao poder dos governos locais, é, muitas vezes, apenas, uma das rodas da engrenagem eleitoral de campanha, um dos instrumentos da marionetaria política. Quanto à instrução profissional, — essa, na maior parte dos Estados da União e um mito, uma fábula, uma ficção. Lembat-vos que, se a escravidão foi um crime hediondo, não foi menos estúpido o crime praticado pela imprevidência e pela incapacidade dos legisladores, dando nos escravos apenas a liberdade, sem lhes dar o ensino, o carinho, o amparo, a organização do trabalho, a habilitação material e moral para o exercício da dignidade cívica...

Que se tem feito, que se está fazendo, para a definitiva consolidação da nossa nacionalidade? Nada.

Os imigrantes europeus mantêm aqui a sua língua e os seus costumes. Outros idiomas e outras tradições deixam raízes, fixam-se na terra, vivem, prosperam. E a nossa língua fenecerá; o nosso passado apagará-se...

Ha sete anos, houve um rebate ansioso e febril. Na tribuna e na imprensa, vibrou um alto clamor, um toque de alarma a todas as energias adormecidas. E uma lei apontou a nossa esperança e o entreluz de uma promessa de salvação: a lei do sorteio militar, se não a providência completa do serviço militar obrigatório. Ao menos um ensaio salutar, o primeiro passo para a convalescência e para a cura. Então, como ainda hoje, eu considerava que era esse o único providencial remédio para o nosso decaimento. Nunca fui, não sou, nem serei um militarista. E não tenho medo de militarismo político. O melhor meio para combater a possível supremacia da casta militar é justamente a militarização de todos os civis; a astrotocracia é impossível, quando todos os cidadãos são soldados. Que é o serviço militar generalizado? É o triunfo comple-

to da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo. É a instrução primária obrigatória; é a educação cívica obrigatória; é o assento obrigatório, a higiene obrigatória, a regeneração muscular e física obrigatória. As cidades estão cheias de ociosos descalços, maltrapilhos, imundos da carta de "ab" e do dinheiro, — animais brutos, que de homens tem apenas a aparência e a maldade. Para esses rebolchos da sociedade e caserna seria a salvação. A caserna é um filtro admirável, em que os homens se depuram e aguçam; dela saíram conscientes, dignos. Brasileiros, esses intelectuais sem consciência, sem dignidade, sem pátria, que constituem a massa amorfa e triste da nossa multidão... Mas nada se fez. O mesmo homem, o mesmo marechal, que, quando ministro da Guerra, promoveu esse movimento salutar em favor da nacionalidade, — no fim em que subiu ao supremo poder foi o primeiro a esquecer a sua missão, deixando-a morta no berço. E hoje, depois de um quatriênio de lutas estérteis e de política sem moral, — o problema terrível permanece sem solução: uma terra opulenta em que muita gente morre de fome, um país sem nacionalidade, uma pátria em que se não conhece o patriotismo.

Moços de São Paulo, estudantes de Direito, sede também os estudantes e os pioneiros do ideal brasileiro! Uní-vos a todos os moços e estudantes de todo o Brasil; num exército admirável, seréis os escolteiros da nossa fé!

O Brasil não pode esperar da falta de dinheiro; padecer e sofrer da falta de crença e de esperança. O apoucado não quer morrer; quer viver, salvar-se, recuperar, refluorescer, reconstituir-se em nova e fecunda frutificação. Dai-lhe os vossos braços, dai-lhe as vossas almas, dai-lhe a vossa generosidade e o vosso sacrifício! Não especie o dia em que, deixando esta casa, iniciardes a vossa efêmera existência cívica, para o trabalho público, para a agitação social, para a política. Trabalhai, vibraí, protestai, desde já! Protestai, com o desinteresse, com a convicção, com a renúncia, com a poesia, — contra a mesquinha, contra o egoísmo, contra o "arrivismo", contra a baixez da indiferença!

Desta velha casa, de entre estes sagrados muros, que esplendem de tradições venerandas, deste quasi secular viveiro de tribunos e de poetas, — daqui saíram, em rajadas de heroísmo, em impetos de entusiasmo, as duas campanhas gloriosas, que foram coroadas pela vitória da Abolição e da República. Estruja de novo a casa! estremeçam de novo os muros! e de novo palpitem e ressoem o avôrio canoro, cheio de hinos de combate e de gorgoros de bondade! Inaugurai, moços de São Paulo, a nova campanha!

Perto de vós, entre vós, o começo da minha velhice, tocado da graça milagrosa da vossa mocidade, tem gomos verdes, feiticeiros rebentos de ressurreição.

Escuta e acolhe a revolta e a esperança do meu outono, ó primavera da minha terra! Em marcha vitoriosa, ó meus irmãos, para o Ideal!

A' MARINHA NACIONAL

No edifício do Batalhão Naval, na "festa da bandeira", — 19 de Novembro de 1915.

Senhores. Não me engano sobre a significação deste ato de fraternidade. Os vossos lou-

vores e a vossa afeição não vem para mim, mas para todos os que trabalham comigo, e para a grande causa que defendemos. Hoje, entre vós, como ontem entre os vossos irmãos do Exército, e como há pouco entre os moços de São Paulo e do Rio de Janeiro, sinto o coração suspenso em sobressaltos que me doem e me deltam, e vejo-vos através de lágrimas que me enfunecem e me consolam; uma intensa felicidade e uma suprema gratidão me arroubam; tenho a impressão de ser levado e embaldado por uma onda de simpatia, humilde folha perdida rotando num rio de carinho... Mas nenhum orgulho se mistura à minha ventura. Sinto-me cada vez mais obscurecido na minha alegria, menos saliente na minha força. Tão íntima e tão perfeita é a comunhão entre a minha alma e as vossas almas, que nem acredito na minha existência individual; sou apenas um efêvulo da vossa presença, uma emanção da vossa concórdia; a minha crença, o meu entusiasmo, a minha poesia saem de vós; o que digo é o vosso pensamento; porque, quando estou convosco, Brasileiros de fé, sois todos o Brasil e eu, sou, pessoalmente, um simples instrumento inconsciente de vigor nacional, um mequinhão raió de luz, uma fraguíssima vibração, um insignificante sorriso da prodigiosa vitalidade da Pátria.

Não tratemos de mim... Que valem nomes? O que vale é o cemitério confuso e venerando, em que repousam, depois das pelotas sublimes, as dedicações desconhecidas e as renúncias heróicas, que criaram o nosso nome coletivo; e a massa volumante e sussurrante das energias que nos rodelam, e reclamam a nossa direção, o nosso conselho e o nosso amparo; e a infinita nobreza em que ardem sementes de miríades de astros humanos — o futuro do Brasil, que, esquecido da vaidade dos ambiciosos, e perdoando os erros ou a inércia dos brasileiros maus, somente abençoará o trabalho heróico e anônimo dos construtores do nosso civismo.

Vós, gloriosos marinheiros do Brasil, fostes, sois, e sereis dos melhores operários desta construção abençoada.

Nos outros versos (*), com que o jovem e brilhante intérprete da Marinha acaba de encerrar o seu vibrante discurso, procurei um dia sintetizar o amor e a admiração que vos devoto. Sois, de fato, a alma errante da Pátria pelo mar. O mar, que é o perpétuo movimento, a perene vibração, a eterna vida, reservatório de turbilhões de vidas, e sêio primordial em que nasceram todas as vidas do planeta, sendo uma escola de energia e de bravura, é uma escola de civismo. A grande poesia das águas largas, a atração do desconhecido, a curiosidade do infinito e do mistério, o sentimento da liberdade, o ar puro tonificando o corpo, a solidão fortalecendo o espírito, o desencantado e cativante espetáculo das calmas e das cóleras do oceano, o horizonte sem raias aberto para a imaginação, a imensidade do universo contrastando a pequenez do homem, apuram a inteligência, educam a atenção, retêm o caráter, aperfeiçoam a bondade e acrisolam o patriotismo. O silêncio, o recolhimento, o mudo diálogo com os ventos presentes e invisíveis, com os astros serenos e perturbadores, e com as vagas sempre movidas e cambiantes, dão à meditação uma intensidade de êxtase religioso. E, o apartamento e a saudade dão ao marinheiro um novo enternecimento, uma nova piedade filial, uma nova gratidão fervorosa pelo distante e para o berço deixado, que mais enle...

(Continua na página seguinte)



Albums oferecidos a Olavo Bilac. No centro, livros de madeira oferecidos pelo governo do Paraná.

A campanha nacionalista do grande poeta brasileiro

(Continuação da página anterior)

A medida que se apagam da retina. Sols bem a alma da Pátria, quando ela vai convocando pela extensão do mar; ela vive no bojo dos vossos navios, fala pela voz dos vossos canhões, braceja e exulta na insignia auri-verde que vos protege; e com ela, é convoco, vai a lição incomparavel dos vossos maiores, — a memoria dos heróis de Riachuelo.

Que posso dizer-vos, para agradecer o fútil que me dão hoje a vossa compenhia e a vossa amizade? Para servir-vos e glorificar-vos, não vos trago palavras de vulgar cortezia. Venho dar-vos o meu coração, e peço-vos que o depositéis pot terra, junto da bandeira do Batalhão Naval. É hoje o dia festivo do sagrado simbolo da nossa nacionalidade. Adore-

mo-lo! Concentremos toda a nossa intelligencia e todo o nosso afeto nesta adoração. Dizel todos comigo a nossa

ORAÇÃO A' BANDEIRA

Bendita sejas, bandeira do Brasil!

Bendita sejas, pela tua beleza! És alegre e triunfal. Quando te estendes e estalas à viração, espalhas sobre nós um canto e um perfume: porque a viração, que te agita, passou pelas nossas florestas, roçou as toalhas das nossas cataratas, rolou no fundo dos nossos grotões agrestes, beijou os pinheiros das nossas montanhas, e de lá trouxe o bulicio e a frescura que entrega ao teu seio, carinhoso. És formosa e clara, graciosa e augusta. O teu verde, da cor da esperança, é a per-

pétua mocidade da nossa terra e a perpétua meliguice das ondas mansas que se espregulham sobre as nossas praias. O teu ouro é o sol que nos alimenta e excita, pui das nossas serras e dos nossos sonhos, nume da fartura e do amor, fonte inesgotavel de alento e de beleza. O teu azul é o céu que nos abençoa, inundando de suavidades ofuscantes, de luazes mágicas e de exumas de estrelas. E o teu Cruzeiro do Sul é a nossa historia; as nossas tradições e a nossa confiança, as nossas anuidades e as nossas ambições; vir a terra descoberta, o nascer do povo indiano, a inquietude alvorada da Pátria, o sofrimento das horas difíceis e o delirio dos dias de victoria; para e'e, para o seu fukor divino ascenderam, numa escadaria anisosa, quatro símbolos de beijos e de preces; e pelos absculo em fora irão para e'e a viração comovida e o culto febril da das multidões de Brasileiros que hão de viver e lutar!

Bendita sejas, pela tua bondade! Creemos em ti; por esta crença, trabalhamos e pensamos. A tua sombra, vigem os nossos sertões, cavados em vales melhos, regados em serras fecundas, levantados em serras majestosas, em que se escondem torvelins de existência, e tesouros virgens, fluem as nossas aguas vivas e vertentes, eta que circulam a nossa soberania o o nosso comércio, agora derramadas em correntes generosas, agora precipitadas em rebujos esplendidos, agora remansadas entre seivas e colinas; e sorriem os nossos campos, cheios de lavouras e de gados, cheios de casais modestos, felizes no suado labor e na honrada paz. E, sob a tua égide, rumorejam as nossas cidades, colmeias magnificas, em que tumultuam ondas de povo, e em que se estendem braços, e se escaifam corações, e ardem cérebros, e refozgam fabricas, e esturgem cataleiros, e vozeiam mercados, e solotram escolas, e retem igrejas.

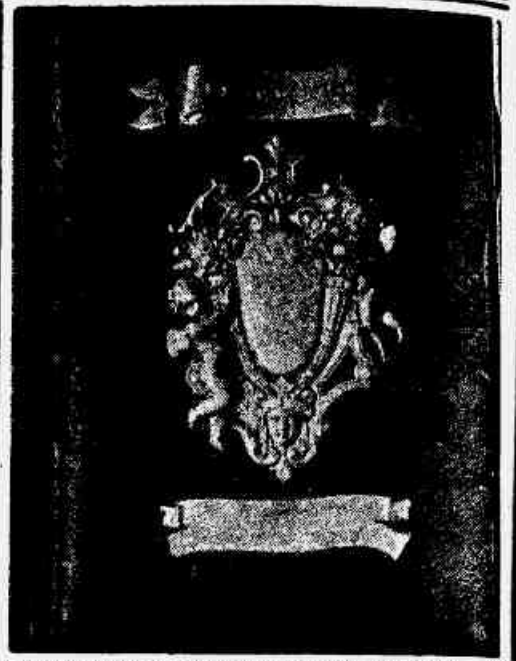
Bendita sejas, pela tua gloria! Para que seja maior a tua gloria, juntam-se, na mesma labuta, a enxada e o livro; a espada e o escopro, a espingarda e a lralha, o alvivo e a pena. Para o teu regaço piedoso, elevam-se, como uma obisita, os aromas dos jardins e os rolos de fumo das chaminés; e sobe o hino sacro de todas as nossas almas, ressoando o nosso estorço, o nosso pensamento e a nossa dedicação, vozes altas concertadas, em que se casam o ranger dos arados, o chiar dos catros de bois, o retilhar das máquinas, o fever das engenhos, o clamor dos sinos, o clangor dos clarins dos quartéis, o rufar dos ventos, o ramalhar das matas, o murmurejo dos rios, o regoço do mar, o gorgolejo das aves, todas as musicas secretas da natureza, as cantigas innocentes do povo, e a serena harmonia criadora das lirás dos poetas.

Bendita sejas, pelo teu poder, pela esperança, que nos dá; pelo valor, que nos inspira, quando, com os olhos postos em tua imagem, batalhamos a boa batalha, na campanha augusta em que estamos empenhados; e pela certeza da nossa victoria, que canta e chiapa no fremito e no lampejo das tuas dobras ao vento e ao sol!

Bendita sejas pelo teu influxo e pelo teu catinho, que inflamarão todos as almas, condensarão nuna só força todas as forças dispersas no terrilrio imenso, abafarão as invejas e as rivalidades no seio da familia brasileira, e darão coragem aos fracos, tolerância aos fortes, firmeza aos crentes e estímulo aos desanimados!

Bendita sejas! e, para todo o sempre, expande-te, desfraldade, patipita e respandece, como uma grande asa, sobre a definitiva pátria, que queremos criar forte e livre; pacifica, mas armada; modesta, mas digna; dadasiva para os estranhos, mas antes de tudo maternal para os filhos; liberal, misericordiosa, suave, lirica, mas escudada de energia e de prudência, de inspiração e de civismo, de disciplina e de coesão, de exército destro e de marinha aparelhada para assegurar e defender a nossa honra, a nossa intelligencia, o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz!

Bendita sejas, para todo o sempre, bandeira do Brasil!



Alma africana a Unico Bão pelo governo do Rio Grande do Sul, contendo todas as madeiras do Brasil

SURDINA

No ar sossegado um sino canta,
Um sino canta no ar sombrio...
Pálida, Venus se levanta...
Que frio!

Um sino canta. O campariño
Longo, entre névoas, aparece...
Sino que cantas solitário,
Que qu' dizer a tua prece?

Que frio! Embuçam-se as colinas;
Choro, corrente, a água do rio;
E o céu se cobre de neblinas...
Que frio!

Ninguém... A estrada, ampla e silente,
Sem caminhantes, adormece...
Sino que cantas docemente,
Que quer dizer a tua prece?

Que medo pânico me aperta
O coração triste e vario!
Que esperas mais, alma deserta?
Que frio!

Já tanto amei! Já sofri tanto!
Oh, porque toda estás molhada?
Porque é que choras, a ouvir-te o canto,
Sino que dobras a finados?

Trevas, caif que o dia é morto!
Morre também, sonho erradio!
— A morte é o último conforto...
Que frio!

Pobres amores, sem destino,
Soltos ao vento, e desamados!
Inda nos choras... E, como um sino,
Meu coração dobra a finados.

E com que magua o arco canta,
No ar sossegado, no ar sombrio!
— Pálida, Venus se levanta...
Que frio!

OLAVO BILAC

CANÇÃO

Dá-me as pétalas de rosa
Dessa boca pequenina:
Vem com teu riso, formoso!
Vem com teu beijo, divino!

Transforma num paraíso
O inferno do meu desejo...
Formosa, vem com teu risol
Dikina, vem com teu beijol

Oh! tu que tornas radiosa
Minhelma, que a dor domina,
Só com teu riso, formosa,
Só com teu beijo, divino!

Tenho frio, e não dicto
Luz na treva em que me vejo:
Dá-me o clarão do teu risol
Dá-me o fogo do teu beijol

Olavo Bilac

Da alma da Pátria errante sobre o mar!

O VELHO REI - OLAVO BILAC

Houve, em tempos que vão longe, um rei poderoso, senhor de muitos povos e de muitas léguas de terra. Ainda que viajasse sem cessar por muitos e muitos anos a fio, não conseguiria ele correr todos os seus dominios. E todos os povos o temiam, porque era conhecida de todo mundo a fama das suas riquezas.

De mês em mês, chegavam ao seu palácio os emissários dos súditos, trazendo-lhe, com as homenagens deles, os presentes riquíssimos: marfim e pérolas, ouro e diamantes, sedas e rebanhos.

E os seus celeiros estavam tão abundantemente providos de grãos, que ele poderia, numa época de fome geral, abrindo-a a todos os seus vassallos, que não tinham conto, alimentá-los fartamente durante todo um ano.

Esse poder sem limites e essa riqueza sem termo haviam embriagado a alma do velho rei. Já se não supunha homem, mas Deus. Toda gente vivia a seus pés, adorando-o, que o seu coração se habituara a desprezar a humanidade, imaginando que ela só fora feita para o servir e temer. Só se lembrava dos súditos para os oprimir. Aumentava os impostos e alargava as prisões. E a sua mão direita, que a tanta gente podia fazer feliz, distribuindo esmolas e bênçãos, somente servia para assinar sentenças de morte. Condenava à pena última cem homens sem ler ao menos os seus nomes. E, se os lia, esquecia-os dali a um minuto, para só pensar na febre de festas e de loucuras, em que empregava as noites e os dias, e em que perdia a saúde e a alma.

E sucediam-se as festas. Do escurecer ao alvorecer, seu palácio, imenso como uma cidade, suntuoso como um templo, resplandecente de luzes como um céu estrelado, ecoava com o barulho das danças, da música e do tinir dos copos.

Um dia, no esplêndido terraço em que costuma dormir à sesta, o velho rei tinha diante de si uma lista de accusa-dos. Não sabia nem queria saber quem eram, se eram innocentes ou criminosos, se tinham cometido alguma falta ou se eram apenas homens ricos, cuja fortuna os seus ministros cobijavam. E preparava-se para, com indiferença, assinar a lista, quando se deteve a olhar um momento o filho mais moço, que brincava junto dele. Era um principezinho louro e branco, de olhos azues e innocentes como os de um anjo. Ajoelhado sobre o mosaico precioso, que ladrilhava o terraço, estava inclinado para um aquário e divertia-se vendo dentro os peixes dourados que nadavam. O velho rei, com um sorriso que lhe illuminava as barbas, ficou mirando com amor a criança tão bela e tão casta, filho do seu sangue, e do sua alma. E tinha esquecido na mão a pena fatal, de cujo bico pendia a vida de tantos homens...

De repente, o principezinho teve uma exclamação affi-tiva. O rei o viu curvar-se mais sobre o aquário, e meter na água as mãos ansiosas. E a criança veio para ele, segurando com os pontos dos dedos alguma coisa que se não via, de tão pequena que era.

— Olha, pai! salvei-a! ia afogar-se... salvei-a!

O velho rei curvou-se para ver o que o filho trazia na mão. Era uma mosca feia, negra, pequenina, miseravel naja. Tinha as azas molhadas e não podia voar. O principezinho colocou-a na palma da mão microscópica, e virou-a para o lado do sol. Dai a pouca a mosca reanimou-se e voou. A criança batia palmas:

— Não fiz bem, pai? Não é um crime deixar morrer uma criatura qualquer por falta de piedade, pai? Disse-ram-me que há homens que se matam uns aos outros... pai? Como é que se pode ter a malade de matar um homem? — E o principezinho fixava no velho rei os seus olhos azues e innocentes, como as de um anjo.

Nessa tarde o velho rei não assinou nenhuma sentença de morte.

Amorte de Olavo Bilac - *Mario de Alencar*

Recebo a noticia da morte de Bilac, e vejo como lhe queria bem, mais do que eu mesmo advertia. Não é o pensamento do grande poeta que me comovente e me faz estender os olhos turvos sem rumo, sem vontade de olhar, sem gosto de falar ou de ouvir, desinteressado, e estranhando que os outros tenham ainda interesse nas coisas circunstantes. O que esta noticia accorda em mim é o pensamento penoso e confuso da cessação da pessoa, que eu não veria mais nem ouvirei mais. Andávamos separados muitas vezes em lugares distantes: não nos faziamos visitas. Mas, distante ou perto, nunca ele esteve alheio ao meu sentimento; e uma carta, um recado, um encontro, enchiam as distâncias atuais e anteriores. Alguns minutos recompunham o estado de atenção reciproca e antiga de muitos anos. E era ele quase sempre quem os fazia reviver e reagitalava desde a data remota em que nos conhecemos, e ele já famoso poeta, eu colegial adolescente. Foi em principios de 1938, quando ele voltou de São Paulo com o volume das "Poesias"; a sua plena mocidade exuberante de vida não requeria nenhuma vaidade de gloria, nenhuma inveja, nenhuma interesse que não fosse o da sua poesia. Era como uma ave contente a cantar ao sol e contente de que outras aves cantassem ao sol. Não tinha nada que entibasse a aproximado, não tinha exclusivismo literario. A palavra vivaz e civilizada costumava discretar sobre livros, com agudeza critica ou chistosa, ou com repentes no remoque; sobre pessoas tambem, se lhe desagradavam, mas rapido e só na ausencia de lras. O seu trato afavel e simples não feria em face por abuso do espirito. Ninguém jamais deixava a sua companhia levando queixa de mau gracejo ou dor de amor proprio. Era a mesma figura que lhe transparecia nos escritos da imprensa. A um dos seus livros de crônicas deu de mais tarde o titulo de "Ironia e piedade". Eu não lhe conheci essa ironia. Ironia é a expressão do desenganço concentrado e cético; e Bilac appareceu-me sempre com um encantado expansivo. Versejador bônho que eu era, senti-me bem ao seu lado, sem vexame, confiado na sua complacência e simpatia de mestre anigo. Um que quer que era de despreendimento juvenil que havia nele permitia familiarizar a admiração e combinar o respeito pelo talento com a camaradagem desenvolta. Seria essa mesma a impressão sentida pelos seus companheiros, todos homens de letras, e quase todos mais velhos do que ele, e excellentes em prendas de espirito? Tem havido agrupamentos literarios, aqui e em outras partes, mas duvido que fossem mais harmonicos, mais espontaneamente formados do que era aquele por afinidade de gosto, mútua simpatia e confiança reciproca. Em 1888, quando me cheguei ao Kruppo, com uma timidez que se me afigura hoje ousada, Bilac era o mais recente dos habitantados: Patrocínio, o maior da familia boêmia; e os outros eram já para mim grandes nomes: Murat, Coelho Neto, Pompeia, Aluizio e Artur Azevedo, Pardi Mallet, Guimarães Passos, Paula Ney e Alcindo Guanabara. Só Artur Azevedo tinha posição segura; dos outros, um, Aluizio, era exclusivamente escritor de livro, Murat, iniciava a advocacia, os mais fluviavam no jornalismo, colaboradores ou redatores, levados de esperanças ou de sonhos que não faziam sentir muito os apertos cotidianos. Entre todos, Bilac surgiu-me como uma

tudo o que era seu. Escrevia crônicas para a "Cidade do Rio", onde Patrocínio pagava então os colaboradores pontualmente com um farto almoço na própria casa do jornal e em promessas infinitas, que eventualmente reduzia a dinheiro em horas incertas de fortuna e prodigalidade. Bilac morava em casa de cômodos, como um estudante, pois nem tinha livraria. Mas era dos mais lidados e cultos do grupo boêmio; as suas leituras eram feitas em livro de empréstimo, ou nos volumes pequeninos da "Biblioteca Nacional", que se vendiam naquele tempo a 300 réis, e cabiam sem constrangimento num bolso de paletó. Lia-as em boude ou em casa; e assim conheceu o que havia de maior e melhor na extensa biblioteca minúscula. Lembro-me bem do exemplar de "Romeu e Julieta", que o acompanhou alguns dias, e sobre o qual ele traduziu com apaixonada vida a cena do balcão. Lido e ás vezes reido o voluminho, perdia-se, e Bilac ia continuando escoteiro em seu caminho boêmio, leve, despreocupado, mas levando consigo uma cabedal literario que aumentava sem ele dar por isso e que podiam invejar outros, pesadamente instalados na vida e nas bibliotecas. Não pensava em alardear leitura, nem sabedoria, nem coisa nenhuma. Era sempre como uma ave contente de cantar ao sol e contente das outras. Por esse tempo, trabalhava Patrocínio num plano de levar à Europa, em vapor especialmente fretado, os seus amigos de letras, da "Cidade do Rio", e os que a frequentavam. Iríamos todos, mas no cabo só pôde ele mandar Bilac, em vapor comum, como correspondente da "Cidade do Rio", em Paris; e all este enquadro deu a aura da caprichosa fortuna de Patrocínio. De volta da Europa, Bilac era a mesma criatura, despreocupada, libtuante, simples, a viver no seu mundo de sonho, de poesia e de espirito, alheia à revolução que se operava em torno dele, menos no que podia converter-se em materia de gracejo. Entretanto, as circunstancias fizeram dele vítima absurda da politica rancorosa daqueles tempos. Colaborador literario do "O Combate", sofreu a culpa de ser senigo de Pardi Mallet e pagou-a como imaginaco cumplice da conspiração, numa prisão na fortaleza da Lage. Atribuiram-lhe uns versos, de que era autor Guimarães Passos, e que celebravam, com as mesmas rimas e fecho em todas as quadras, as atitudes do admirante Custódio de Melo. Dizia a primeira das quadras:

Tipo seróido
E amarelo,
Quem é? Custódio
José de Melo.

Bilac desforçou-se com bonhomia, chincoteando em paletros, depois de solto, o ridiculo dos fanfarrões do poder. A sua vingança não foi alem do remoque e não assumiu a forma de rancor. A simples extravagância dessa prisão levava pô-lo a salvo da suspeita na revolta de 1893; pois ainda all ele sofreu. No mesmo dia 8 de setembro, á tarde, encontrei-o em companhia de Guimarães Passos e de um moço, de nome creio que Freire, camarada recente dos dois. A nova da revolta surpreendia-nos a todos e fomos curiosamente observar o que se passava no largo do Paço. Assisti ao jantar dos três no Hotel Globo e todos comentávamos com espanto e galhofa o novo levante. Dir

por aquele Freire como partidario de Custódio, Guimarães Passos fora recrutado e Bilac fugira para Minas. Aquele Freire foi depois o emissário que levou para o Paraná a ordem de fuzilamento de Serro Azul e outros revolucionários. Bilac permaneceu em Minas até passar a borrasca de delações e, chegando aqui tranquilamente, foi por maior precaução apresentar-se ao chefe de policia, que era seu conhecido. Não o recebeu o chefe e reteve-o preso dois dias. Foi vello e passei algumas horas ouvindo-o rir da sua própria ingenuidade e da estupidez medrosa do poder publico. Supponho que entretanto a policia revolvia o seu arquivo, á esta do libelo de culpa de Bilac, ou porventura maquinava na relemção do poeta um motivo de notoriedade do seu zelo pela salvacao do Brasil. Bilac sorria surpreso da atribuição perigosa que davam á sua presença. Era como se a uma cigarra, que só se alimenta de orvalho e de sol, atribuissem a açao sastrá e clandestina de uma saava ou raiosa.

Mas, enfim passaram as revoltas, e, effeito da lãde ou da dispersão dos companheiros, a cigarra aprendeu a ser tambem formiga. Inspetor excetor, secretario da Prefeitura, secretario do Congresso Internacional, Bilac foi modelar em diligência, exatidão e método de trabalho. Trabalho administrativo, incumbência que tomasse a seu cargo, particular ou publica, era cumprida com a nitidez pontifical com que ele acompanhava os seus versos. O artista desdobrou-se tambem num paciente construtor de dicionario, e o orador acadêmico surgiu um dia construtor de civismo. Foi a surpresa que mais irritou os que não podiam ou não queriam entender a irisação de um espirito luminoso. Não lhe levariam a mal que ele se devanessesse em malicias, em malignidades, em diatribes, ou em coisa nenhuma; enfadaram-se, porem, injuriaram-no porque a sua poesia, que até all enlevava os leitores de poesia, derivava, numa guinada improvisa de entusiasmo, para uma eloquência que tocava e comovia a gente do povo. Os seus discursos eram como rufar de asas no espaço azul; e cá de baixo não queriam que ouvissem e acompanhassem com os olhos palpitações os sons aliados do seu surto. Acendeu-se a raiva dos que não podiam voar tão alto e tão á vista de todos; mas a gloria do cantor eloquente foi subindo sobre a grita dos ralvosos. O poeta, no en-

Dois sonetos, em francês, de Olavo Bilac

FEDORA

A SARAH BERNHARDT

Ange! Femme! Démon! Au fond de tes prunelles
Gronde et se tord l'enfer comme une mer en feu,
Et le ciel ayant sourit tranquille et bleu,
Plein de nuages, d'or, plein d'étoiles et d'ailes.

Tour à tour coressante et blasphême, ta bouche
A le trait du dédain et le trait de l'amour;
Et ta viveuse main sait semer tour à tour
Le généreux pardon, la vengeance farouche.

Ange! Femme! Démon! Songe de Poe! Ta voix
Chante, pleure, dit; meurs! et je t'aime! — à la fois...
Elle a plongé sans peur au fond hideux de l'âme...

Tu sais tous les secrets des abimes do couer,
O toi, que sais mêler, pour montrer ta douleur,
Le cri d'une lionne aux sanglots d'une femme!

"A Semana" — 10 de julho de 1886.

OTHELO

A GIOVANNI EMANUEL

Etre surnaturel, feroce et noir fantôme,
Je l'avois vu passer jusqu'ailleurs... Maintenant,
Tu me le fais comprendre: Othelo est un homme...
Eh bien! j'ai rencontré mon Othelo vivant!

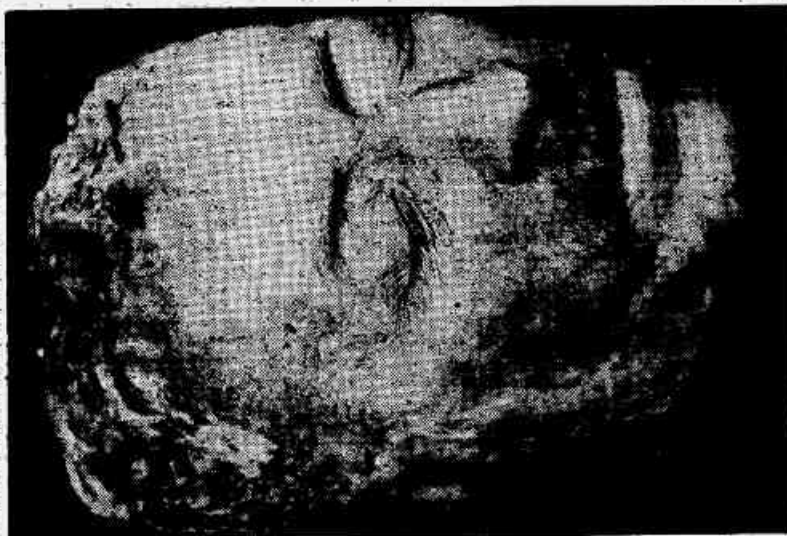
Ah! j'aime comme foi je sens ta jalousie,
Et ma bouche rougit quand je t'entends rougir!
Et puisque j'ai vecu un moment de ta vie,
Merci! tu peux partir! et moi... je peux mourir!

Pars! va-t'en! Mais toujours, comme au fond d'un abime
Brille une étoile d'or, ta mémoire sublime
Ineffaçablement brillera dans mon coeur...

Je garderai ta voix dans mon âme écrasée!
Je garderai dans mon oreille épouvantée
L'inénarrable cri de ta grande douleur

5 de agosto de 1887

tanto, não se deixou perturbar de novo renome: feita a sua obra, não se aproveitou do que a lhe daria ao menor aceno em que seu desejo. Vi-o de novo, como nos primeiros anos de boemia simples e despreocupada, compondo os seus versos. Era ainda a ave contente de ouvir cantar as outras aves que iam surgindo, apesar de que a sua voz se velava em melancolia por pressentir na tarde o seu ceaso verdadeiro. E assim acabou. E agora é que eu vejo como lhe queria bem, recapitulando impressões de fatos e gestos pessoais, entrelaçados na minha memória. As distâncias ocasionais desfizeram-se; e apparece-me aos olhos da alma uma figura total, no momento em que vai desaparecer do meu caminho a possibilidade de vê-la, como até ontem. Não digo aqui a minha admiração pelo poeta, porque o louvor nestes primeiros instantes fora talvez falseamento da saudade do homem. Nem caberia numa apreciação singular e comovida o valor de uma obra feita para todos os séculos da lingua. Teresópolis, 28 e 29 de dezembro de 1918.



Môdura mortuária de Olavo Bilac

POESIAS INÉDITAS

DEPOIS DA LEITURA DO POEMA "A NOIVA MORTA" DE ALBERTO DE OLIVEIRA

.....
 Infinita história, página sulcada
 De lágrimas sem conto.....

..... Vive do labor de outorai!
 Nera consilias que as lágrimas avaras
 Sejam: deixa-as correr como cortinas,
 Ama a tua obra e adora e adora, e adora,
 Quem nele vive, que os teus olhos vlam.

(DA NOIVA MORTA)

Abram-se as portas de alabastro. Vede:
 "Pasma! vela! o olhar extasiado!
 Que Paraiso Oriental excede
 Aquele enorme templo iluminado?

Que Olimpo iguala aquele céu aberto?
 Quem pode vê-lo sem tremer de pavor?
 Quem pode acaso contemplar de perto
 Aquilo, sem sentir o entusiasmo.

Fibra por fibra o coração tremente
 Convulsionar como possante pilha?
 Quem não experimenta, quem não sente
 Todo o esplendor daquela maravilha?

Abram-se as portas de alabastro! Esplenda
 Todo o fulgor da cena estranha e bela!
 Que a Poesia no espaço o manto estenda
 — O niveo manto que o Ideal estrela.

Abram-se as portas de alabastro. A aurora
 Irunde em fogo o espaço. A primavera
 Junque o solo de flores. Céus em fôrça
 Passe triunfante o carro da Quimeral

II

São regiões de assombros infinitos,
 Onde nos ares inflamados pairam
 Clarões, mistérios, divindades, mitos,
 Que a mente ofuscam e que o olhar desvalram;

Onde erra e corre e voa iluminada,
 Movendo a asa de cristal vibrante,
 A Fantasia envolve na prata
 Clâmide azul ao vento flutuante;

Onde os relâmpagos de quando em quando
 Passam de accessos versos inspirados,
 Em todo o espaço intermimo traçando
 Sulcos de luz e pérolas formados...

Púrpuras, sedas de intrincadas tramas,
 Belos ornatos de labores raros,
 Setins, custosos, refulgentes lhamas
 Pórfiros niveos, mármore de Paros

Astros boiando em claros firmamentos,
 Rubros Ocasos, madrugada de ouro,
 Assombros, sonhos e deslumbramentos,
 De estrelas flavi-limpido tesouro;

Fulgi-trementes, rútilos luazes
 Raios lançando como argênticas fitas
 Pelas planícies mürmuras dos mares,
 Fielas regiões etéreas, infinitas;

Densas nuvens de opalas e diamantes,
 De cor preciosa e de matizes vários;
 Pedrarias accessas, flamejantes
 Do azul caíndo como alampadários:

Verdes florestas, seculares brenhas,
 Jasmims, violetas, heliotropos, rosas,
 Cipós retorcidos, pêndulos, ás grenhas
 Presas das ramas de árvores frondosas;

Intermináveis horizontes, brumas,
 Altas montanhas, verdes campinas
 Cisnes movendo as alvejantes plumas
 Dos lagos sobre as águas cristalinas;

Crespas ondas de flancos monstruosos,
 Rólicas rugindo e rebentando a ruído,
 Em ribombantes berros horrosos
 O ar atroando num fragor infindo;

Vagas espumas, claras, murmurando,
 Correndo atoa em deslizar frequente
 E vindo um hino harmonioso e brande
 Cantar na praia sonorosamente.

Pombas correndo na azulada tela
 Como nuvens de alvíssima textura,
 Nuvens sulcando a iluminada umbela
 Como pombas de esplendida brancura;

Per'las caíndo nuns dourados crivos,
 Prástos luzindo junto de safiras,
 Mágicos sons encantadores, vivos,
 Doces suspiros de sonoras liras;

O acorde ameno, suspirado e brande
 De alaras dolentes e queixosas,
 Harpas, cálamos, frutas murmurando
 Aíras, canções, balatas melodiosas;

Coros de faunos na floresta umbrosa,
 Ninfas saltando as ondulantés comas,
 Venus surgindo bela, esplendorosa
 Mostrando as curvas das divinas pomas.

Baco nas mãos o leuco tíro tendo,
 Grutas da Grécia, Sátiros, Silenos,
 Cupidos nús os arcos distendendo
 No ar agitando os brancos pés pequenos;

Tudo isso passa nos seus versos, tudo,
 Nos versos do cantor apaixonado
 De Afrodite surgindo á flor do rudo,
 Fero e bravo Oceano ora domado.

Tudo passa nos versos inspirados
 Deesse cantor das gregas formosuras —
 Versos divinos, límpidos, atados,
 De corretas e belas cinzeluras...

Versos gravados com divino esmero
 Por penas de ouro em azuladas telas,
 Lembrando os cantos geniais de Homero,
 Lembrando a luz das rútilas estrelas.

Tudo isso passa nos seus versos. Ora
 Vê-se um zombrio e pavoroso claustro!
 Ora ao rubor das chamas de uma aurora
 Surge uma deusa num dourado plaustro.

Tudo isso passa nos seus versos, onde
 Sente-se ao vivo o palpar da Idéia...
 Onde a um cántico triste corresponde
 O estrondo, o silvo, da Onomatopéia,

Que ora ribomba no estertor ruidoso
 o rudo ronco, o bruto, rouco estouro
 o horrído raio, do trovão raivoso,
 Que ulula e ruga e berra como um touro,

Ora das aves canta no píplio
 De uma seta que zune o céu cortando,
 Ora das aves canta no píplio
 Trépido, triste, estridulo, trinando...

As vezes, como em pleno azul, revoa
 Uma águia enorme, aqui também de quando
 Em quando, ouve-se o ruído que atordoa
 De duas asas pelo espaço voando:

E o sol se anima. Num fulgor estranho
 Converte os raios para um ponto. Agora
 Surge uma imagem no púrpuro banho
 Sanguinolento e rubro de uma aurora.

Vêm-se colozes de olhos faiscantes,
 Montes sustendo nos hercúleos ombros:
 Metáforas grandiosas, corascentes,
 Como infinitos, rútilos assombros.

E o templo enorme, o império sacrossanto,
 Sempre banhado de uma luz rubente,
 Sempre repleto de um estranho encanto,
 Fulge radiante, iluminado, ardente...

III

.....
 Io sono la Beatrice!.....

Vestita di color di fiamma viva.....

(DANTE)

Súbito, os ares recortando, passa
 um soluço e mais outro e um outro ainda...
 Surge o espectro da livida desgraça
 Bóia no espaço uma tristeza infinda.

Derrama a luz dos astros de repente.
 Calam-se as frutas. Tão somente a lua
 Suspensa espalha silenciosamente
 A claridade que no céu flutua.

Do glauco Oceano as ondas suprando
 Gemem, como se acaso houvesse neias
 Triste gemendo um suave o terço bando
 De serenas undicolas e belas.

E os raios do luar sobem e descem...
 Espraim-se, recurvam-se, balfando,
 Como fios de prata se entrecem,
 Uma rede finíssima formando.

Anjos de fronte brancas como a neve
 Olhos azues e cabeleira loura,
 Passam batendo em movimento leve
 Asas que a lua levemente doura.

Que tristesa infinita a tudo invade?
 Quem espalha por todo o templo o manto
 Desta infinita e lúgubre saudade,
 Desté infinito e dolorido pranto?

Quem se aproxima? Quem és tú? Responde!
 Que nome tens na terra, se é que a terra
 Pertences? Quem és tú? Quem és e donde
 Tiraste a luz que o teu olhar encerra?

Quem te arrancou, ó divina e casta
 Beatriz! ó divindade desalabrante!
 Quem te arrancou do seio dessa vasta
 Epopeia imortal, virtú do Dante?

Laura formosa e sorridente, fala!
 E's tu, és tu, quem atravessa o espaço?
 Quem te arrancou, ó face cor de opala,
 Dos belos versos de Torquato Tasso?

E's Leonora, Natércia, Madalena?
 E's tu a doce e pálida Maria?
 Quem és tu, que iluminas toda a cena?
 Quem és, visão Imaculada e fria?

E' ela! é ela — a Noiva morta — é ela!
 — Ela, que se aproxima e o véu arranca...
 — Ela, que surge iluminada e bela,
 Sentada ao trono de uma nuvem branca!

Espirito, que, o corpo abandonado,
 Voou ás regiões miseriosas!
 Fronte que a morte empaleceu, c'roando
 De virgíniais camélias e de rosas!

Visão querida! Imaculada santa!
 Alma feita de lírios e de beijos!
 E' ela! é ela — essa visão que encanta
 E passa ao som de uns trémulos harpejos.

E' ela! é ela que aparece em meio
 De um bando aliado e triste de lamentos.
 Volo das regiões cerúleas, veio
 Relembrar os pasados sofrimentos!

Andam-lhe os anjos revoando á roda
 Num coro imensamente dolorido,
 E toda a terra, e todo o céu, e toda
 A imensidade é um lúgubre gemido!

Formam o seu tristíssimo cortejo
 Versos de Tasso e de Petrarca, escritos
 No reinar suavíssimo de um beijo
 Nas asas dos arroubos infinitos.

Segue-a calado o vulto lacrimoso
 Da Poesia; chora, ao vê-la, a Arte...
 E ouve-se o ruído surdo e doloroso
 De um coração que se despedaça e parté.

Resoa! resoa! harpas divinas!
 Alaúdes e cítaras gementes!
 Cálamos doces, frutas argentinas,
 Cantal! choral! gemel, liras dolentes!

E' ela, envolto em névoas — ela a rosa,
 A pomba, o lírio, a cintilante estrela —
 Ela — a inocente, a angélica, a formosa,
 — E' ela! é ela — a Noiva morta — é ela!

MÃE

Devo tudo o que sou a essa querida,
 Santa mulher: tudo o que tenho é seu
 Porque quando nasci, por dar-me a vida,
 Todo o sangue que tinha ela me deu.

Quem os passos me guia no escabroso
 Caminho da existência é o seu amor:
 Sei que dará por me fazer ditoso
 Todo o seu sangue se preciso for.

E ela, que deu-me a vida, e o amor primeiro,
 E o sangue, e o leite, quando a morte vier
 Há de me dar no instante derradeiro
 Todo o segredo pranto que tiver.

DE OLAVO BILAC

AO ESTATUÁRIO ALMEIDA REIS

(Sobre a fundição em bronze
d'O Progresso)

El-la triunfante e bela... Os séculos passaram,
Sumiram-se as nações — como ao soprar do vento
Vão-se as folhas no inverno — e os povos se
abismaram

No pó do esquecimento...

Outros vieram... Seguiu-se a um rito um outro
rito...
Foi neste inquieto mar da vida humana, crescem
As ondas e depois no pélagio infinito
Fogem, desaparecem...

Em tudo a rude mão passou do tempo, em tudo?
— Ela, intacta, porém, ficou — formosa, o louro
À frente, o céu no olhar, numa das mãos o escudo
E na outra o cetro de ouro.

Pela boca de Homero entoou sob as muralhas
De Tróia o sacro Pean; cantou a argiva Glória
E as façanhas de Heitor e os choques das batalhas
E os hinos da vitória.

O escopro conduziu nas mãos de Praxiteles
E pôs no Partenon, sobre áureo trono, o erguido
Vulto da Juno ovante aos pés calcando as peles
De um fulvo leão vencido.

Com Esquilo buscou a origem da verdade
E o Prometeu criou que aos céus rouba o segredo
Do fogo e geme após — martir da liberdade —
Encadeado a um rochedo.

Pela inspirada mão de Fidias trabalhando,
As fróes esculpiu tranquilas e serenas
De Paia colossal e altiva dominando
O Acropolis de Atenas.

Habitou a alma hercúlea e o cérebro fecundo
De Buonarroti; à pedra inanimada e fria
A figura arrancou do que outrora no mundo
Os Hebreus conduzia.

Acompanhou Petrarca, andou a par de Dante,
Foi Laura e foi Beatriz — essa mulher divina —
E Sanzio viu sorrir o seu olhar radiante
No olhar da Fornarina.

Fassou com o Fiorentino o Flégeton; as dores,
Os soluços ouviu do sofrimento eterno
E num poema imortal de risos e de horrores
Cantou o céu e o inferno.

Nos versos de Camões o estrépito horrórico
Das guerras celebrou e o encapelado Oceano...
E leu com Shakespeare o livro misterioso
Do coração humano.

Cantou com Vitor Hugo a treva e a luz, a aurora
E o poente; — pois o artista estuda o bem e o crime,
Tem uma alma que ri, tem uma alma que chora,
Une o horrendo ao sublime!

— Sim! que no mesmo céu em que o luar cintila,
Renta às vezes a voz horrenda da tormenta...
E anda o cene a bolar na mesma água tranqüila
Que os tigres desdentada...

E em tudo a rude mão passou do tempo, em tudo!
— Ela intacta, porém, ficou — formosa, o louro
À frente, o céu no olhar, numa das mãos o escudo
E na outra o cetro de ouro.

E el-la, que vive em ti! El-la, que a pedra talha,
Quando lhas a pedra... El-la, que alma ferida
Te reanima e consola em meio da batalha
Impiacavel da vida.

Chora e sorri contigo: A sua mão a tua
Conduz, quando — genial, para uma pedra morta
E morte, o teu burla a imagem, que flutua
Em teu crânio, transporta.

Fitava a teu lado, quando absorto e mudo, um dia
Te em febre, moldando o inanimado gesso.
Viste que, pouco a pouco, ao teu olhar se erguia
A estátua do Progresso!

Fu' ela quem talhou daquele atleta o oustado
Vulto, os músculos de aço e as formas palpantes,
Fu' ela quem lhe pôs no braço levantado
Os raios flamejantes.

Du-te a força e o valor, quando palpaste as trevas
No desânimo atroz que as forças prende e gela...
E hoje que a tua ídola, a palpitar, se eleva
No bronze, eterno e bela.

A Arte, que te seguiu na desventura, agora
Encue-te no triunfo, o teu orgulho sente,
E paga o teu esforço e o teu labor de outrora
Com os louros do presente!

8 de agosto de 1885.

"A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL"

I

Aportara ao Brasil a esquadra de Cabral.

Havia mais de um mês que, abrindo ao vento as
velas,
As européias naus, deixando Portugal,
Tinham o largo mar sulcado entre procelas...

Uma noite a tormenta a amplíssima extensão
Do Oceano encapelou. As nuvens as estrelas
Encobriam. Reboava o ronco do trovão.

Bruza e noite de um lado e de outro. Só de quando
Em quando se avistava ao rápido clarão
De um relâmpago em torno as ondas encrespando

Os dornos e a rugir num tom ameaçador...
No medonho estampido as vozes de comando
Perdiam-se. Gelava as almas o pavor...

Treva espessa impedia a perturbada rota
E o tufo, que partiria os mastros com fragor,
A uma ilha arremessou a portuguesa frota.

O dia viera. O espaço o tormentoso véu
Da véspera despira e na região ignota
Firmou Cabral de El-Rei as armas em troféu.

II

Fere e deslumbra o olhar dos passmos navegantes
A paisagem radiosa. O americano céu
Arqueado brilha. O sol nos topos das distantes

Serranias resvala e as aves matinais
De variado matiz, aos raios fulgurantes
Da luz, vão despertando em cores festivas.

Vê-se como uma fita intermína de prata
Ao longe a extensa praia. Oscilam palmeiras,
Fecha no fundo o horizonte a entrecerrada mata.

Traz o vento, que sopra, a música sem fim
Do mar. O penetrante aroma se deslata
Dos ramos. Vê-se aqui o calix de cetim

Da garganta silvestre; alem, a parasita
De uma excêntrica forma as flores de carmim
Nos troncos dos pequiás ostenta. Eis que crepita

Um estranho rumor e surge a cascavel
Que coleia por entre a grama que se agita...
Tudo atrai a atenção. Mas ouve-se um tropel

No interior da floresta espessa que farfalha...
Vem chegando o gentio e a multidão revel
E espantada, rodeando os de Cabral, se espalha.

Murmura suspetosa. Um velho indio-feroz,
Decrépito guerreiro o maracá chocalha,
Outro valente e moço, alevantando a voz,

Aos companheiros fala. E' o chefe. Retalhado
Tem o rosto brutal de uma expressão atroz
E ao pescoço um colar de dentes enrolado.

Aos outros causa medo e espanto o rudo tom
Com que fala. Sustenta o imenso arco entesado
De rijo ari e a frecha envenenada com

O curare fatal. Os olhos move, e erguendo
Nas largas mãos a inúbia, a sopra e o cavo som
Da trombeta de guerra eleva-se, fendendo

O espaço e ao longe ecoando. Entanto inda os contem
O respeito. Cabral que quer o ódio tremendo
Nos ânimos austar ao seu encontro vem.

Os estofos de cor preciosa, amplos colares
De contas, o algodão, e a lã domam por bem
Os rudes naturais das selvas seculares.

Já sem grande temor da gente alva que os fez
Revoltarem-se há pouco e veio, os grandes mares
Cortando, e os perturbou, do chefe português

Que com o gesto os anima achegam-se contentes,
Faz-se então abater um tronco, que a com pés
Elevava do solo as ramas viridentes,

Rutila do machado a lâmina a ringir
No cerne que se parte. Os cubos resistentes
Vão-se amarrando e, em breve, a cruz, sem resistir

Aos que latam, reunindo as forças por alça-la,
Por sobre a multidão ergue-se lenta a abrir
Os grandes braços no ar como que a abençoá-la.

Cada vez mais a turba aumenta. Aos mil e mil
Atônitos, baixando humildemente a fala,
Os guerreiros de aspecto indomito e viril

Aproximam-se: tem nos olhos a surpresa.
— Uma piroga vê-se a face cor de anil
Cindir da água. Remando, os músculos reteza

Dois braços indio nú: e leve a resvalar,
A ranoa veloz vencendo a correnteza
Deixa um sulco de espuma alvissima no mar.

E outras, inda outras veem. Os leitos remadores
Tem na erguida cabeça o largo canitar,
Que agita à viração as plumas multicores.

De espaço a espaço vê-se um rosto de mulher.
Esta formosa e nua os seios tentadores
E amorenados deixa à luz aparecer...

Ainda é virgem: mais de um guerreiro contra a
morte

Tem cem vezes lutado em balde por poder
A taba conduzi-la e tê-la por consorte.

Estas aqui são mães. Os débeis e infantis
Filhos trazem ao colo e do seu corpo forte
O trabalho roubou as graças feminis.

E veem mais e inda mais... A missa, no entanto,
Já começou. Espande a alva sobrepeia
Do velho sacerdote e o calix sacrosanto...

III

Reina o silêncio. Brilha o céu escampo e azul,
Só a um lado, sulcando o imaculado manto,
Algumas nuvens como um lesto bando exul

De pássaros, que voasse, estendem-se. A sombria
Voz do oceano ronqueira. O vento que do sul
Vem soprando, remexe a espessa ramaria.

Da floresta e o rumor das folhas, como os sons
De um órgão, o hino grave e agusto preludia.
Veem-se aqui e ali, em várias posições,

Os indios, fito o olhar atônito no erguido
E improvisado altar. As pátrias orações
Dizem os Europeus, o ar sério e compungido,

Fervorosos, as mãos cruzadas, os chapéus
Pousados sobre o chão. Solene e recolhido,
O sacerdote avança, erguendo a vista aos céus.

Volta-se. A hóstia consagra e, majestoso e lento,
A rezar abençoa a multidão. E a luz
Do sol, que fulge e invade o mar e o firmamento,

Cinge de raios de ouro a venerada cruz...

27-janeiro-85.

Uma poesia esquecida de Olavo Bilac

IDOLO DE OURO

Quando a camisa fina lhe coia
— Sob o reflexo do cabelo louro,
Ela, na sala, plácida, fulgia
Como um idolo de ouro

Eu não falava... ela ficava muda...
Muda... e os dois seios claros aprumava,
Armas terríveis, cuja ponta aguda
Ardia e fulgurava.

E quando, enfim, eu lhe entreabria os braços
— Saltos no ar, os cabelos ondulando
Ela, ao correr, precipitava os passos,
Vaava, delirando.

Que ardente o fogo do primeiro beijo,
Que eu lhe arrancara ao lábio rescendente!
Calmava-se um desejo; outro desejo
Nascia mais ardente.

Fogo extinto, ventura dissipada,
Tão loucamente... A alcova está deserta,
Mas inda com o seu cheiro perfumada,
Do seu fulgor coberta.

E inda só, inda triste, inda a chorá-la,
— Cega-me a luz do seu cabelo louro...
E cuida vê-la iluminando a sala
Como um idolo de ouro.

(O GLOBO — 10-5-926)

Estudo grafológico de Olavo Bilac

Alice de Serpa

(Da Sociad. de Grafologia de França)

Escrita de clareza e relevo muito preponderantes: Notáveis lucidez e penetração de espirito.

Muito grande designação da mesma: Traçado mais vertical do que inclinado: Intensa vibratilidade intelectual.

Simplificação, curva e sobriedade dos movimentos gráficos: Moderação, cultura e sentimento estético.

Escr. pequena: Meticulosidade.

Escr. Trêmula; pausada: Dúvida; reflexão.

Escr. Arredondada e essencialmente ligada: Razão predominante; memória; dedução.

Escr. muito cuidada: Cuidado; esmero.

Maiúsculas ligadas às palavras: Sentimento dedicado.

Escr. fechada e rubrica num traço longo, sobreposto e adiante do nome: Grande reserva; desconfiança.

A escrita do tão ardente quanto frígido, muito primoroso e iluminado autor de "Via Látea", "Sarcas de fogo", "Alma inquieta" revela, desde logo, notáveis dons de superioridade e predominância da inteligência.

A clareza, a penetração e a nitidez; o sentimento estético e a intensa sensibilidade intelectual são os seus traços os mais preponderantes de diversas e constantes manifestações.

Os notabilísimos relevo e precisão; o traçado em extremo matizado e como vibrante (sinónimo grafológico daquelas qualidades) parecem dever gravar-se na mente de quem uma vez a tenha visto. Fica o

grafólogo desde logo convencido do preclaro talento do escrevedor: do garbo, do método e da notável precisão dos seus meios de aplicação.

Tão fundo intento de penetração da ideia, do realce da forma e do colorido da expressão deixou-o maravilhado unte essa escrita, tão incontestavelmente a de um artista de raro poder.

Muito consequente dessas qualidades do espirito e da inteligência, patenteia-se a sinceridade da concepção do artista na legibilidade perfeita da sua letra — e ninguém melhor, decerto, apuraria o método do seu extremamente minucioso labor do que ele próprio, na 2ª e na última estrofe do soneto que, com um conselho, oferece "A um poeta":

"Mas que na forma se distorce o emprego Do esforço; e a trama viva se reconstrua De tal modo que a ninguém fique nua, Rica mas sóbria, como um templo grego.

Porque a Beleza, gêmea da Verdade, Arte pura, inimiga do artificial, E' a força e a graça na simplicidade".

Para aqueles — se ainda os há — que atribuem aos poetas apenas as qualidades do idealismo e sentimentalidade, a letra de Olavo Bilac será talvez um desengano.

Mais vertical do que inclinado, forte de pressão e de relevo, traduz ela belamente uma natureza, de razão e materialismo predominantes, muito adversa a toda a tendência de ordem abstrata ou espiritualista.

Mas para os mais exigentes, para todo o "dilettante", para o verdadeiro "Connaisseur" ou os afluídos à sua arte, os seus versos — de intenso sentimento e indefectível construção: "rica mas sóbria" — realçaram como gemas puras da Ideia, irradiantes das mais belas citações da aprimorada lapidação da Forma.

A moderação era, indubitavelmente, condição como inerente ao seu método de aplicação

O esmero acabamento de cada letra, a quase lentidão do traçado, tendente à sua mais concisa clareza, sugerem à memória o preceito tão admiravelmente submetido à rima, do autor de "l'Art poétique":

"Travaillez à loisir quelque ordre qui vous presse, E ne vous piquez point d'une faute velle Un style si rapide et qui court ten rimant Marque moins trop d'esprit que l'peu de jugement".

Não permite a brevidade do modelo avaliar da preverança ou da energia — de que não se pode, grafologicamente, ter a exata medida senão pela continuidade da escrita ou diversidade dos documentos.

No entanto, a mesma muito preponderante feição da escrita que agora analisamos, essa como que estudada moderação a que acabo de referir-me, assim como a evidente preocupação da forma, que tão minucioso cuidado traduz, fazem crer que aquelas qualidades não só existiam mas de certo presidiam na construção sólida, sóbria e magnífica da obra de Olavo Bilac.

Os seus sonetos "As nuvens" (que adiante copiarei por inteiro), "Os rios", "Dualismo", "Inania Verba"; esse outro — tristíssimo — "Jesus", como tantos dos seus versos, perfeitamente exprime, parece-me, ao mesmo tempo que o ardor do seu temperamento, a violenta repressão da sua razão predominante, magoada de dúvida e de descrença.

Mas, a dúvida!... Não é ela, ainda, como a sombra projetada pela Ideia no campo vasto e iluminado da Inteligência?

Oceiro = colinas

"Ora (bico) mais estrelas! Cito
Pôde-se a serra!" E eu vos bico, no entanto,
Sua, por ovel as, muito ver respeito,
E abro as janelas, pallido de respeito
E' conversamos toda a noite, enquanto
A Via Látea, em um pallo abeto,
Santilla E, no rio o tel. Sautou e em pranto,
Abra as janelas pelo céu deserto.

Bicis gora: "Trabalhando amigo!
Sua conversas com elas? Sua santilla
Tem o seu bico, quando estas, contigo?
E a vos bico: "Amas para estrelas...!
Ovo de quem ama fite tu ovel
Capaz de ovel e de entender estrelas!"
Olavo Bilac

AS NUVENS

Nuvem, que me consolas e con-
Tenho o teu génio e o teu labor
Essas arquiteturas improvisadas
São como as construções em
Nunca vemos, miseráveis ar-
A vitória deste impeto insen-
A um sopro benfazejo, que con-
A um hábito cruel, que dispa-
Nuvens de terra e céu, brincos
Val-se-nos breve a essência no
Irmã, que importa? ao menos
No fastígio falaz da nossa vida,
Tu, nas miragens, e eu no pen-
Somos a força e a afirmação da
O aumento da escrita na assi-
natura, a esquisita expansão de
certas iniciais, mormente a do
seu nome, testemunham menos

do ardor e de alguma ambição
(não se mantem até o fim a
direção ascendente do princi-
pio da assinatura) do que do
sentimento muito consciente do
alto prestígio ligado aqúelle
nome.
São secundários e de someros
importância outros sinais re-
levados na escrita de Olavo Bi-
lac.
Os que mais importam são,
de certo, esses que tão clara e
sobejamente revelam a rara e
gloriosa personalidade intel-
lectual do poeta e do artista.
Di-lo algures outro, entre os
mais maviosos e celebrados,
cantadores da sublime Lara:
"Le poète est semblable aux oi-
seaux de passage,
qui ne battissent point leur aile
sur le rivage,
qui ne se posent pas sur les ra-
meaux des bois:
Nonchalamment bercés sur le
courante de l'onde,
Ils passent en chantant loin des
bords, et le monde
Ne connaît rien d'eux que leur
voix!"
(Lamartine)



Cora Bilac e Amélia de Oliveira, a irmã e a noiva do poeta

Sonetos de Olavo Bilac traduzidos por poetas colombianos

VIA LACTEA

Poco me importa, si burlás riendo
estos versos purissimos y santos,
pues en esto de amor e intimos llantos,
de niáanzas del público no entiendo.

Hombres de piedra! Alguno habrá, entre tantos,
cuno tal vez! que esta pasión sintiendo,
aqui se ponga a revirar, midiendo
la vida que palpita en estos cantos.

Esse será mi público, De cierto
exclamara: "Puede vivir tranquilo
quien ama así y es, a su turno, amado".

Y pensara, de lagrimas cubierto,
que aqueste viejo cuento sin estilo,
jamás oyo con tanto ardor contado!

GUILLERMO VALENCIA.

ILUSION

Vive dentro de mi, como en un río,
una linda mujer, esquila y rara,
de hondo mirar, en que la luz se actara,
de cabellera de oro y cuerpo frío.

Tras el bosque cómplice el espio,
y ella, al surgir de entre la onda clara,
húmedamente mirame, y avara
recata el seno ante mi desvario.

Preclitome en ímpetu de esposo,
en desesperación de gloria suma,
para estrecharla, trémulo y gozoso;

mas en mis brazos la ilusión se esfuma,
y en medio al agua, dando un ay medroso,
se desvanece en círculos de espuma...

ROBERTO LIEVANO.

EL PECADOR

Pecó, mas es el pecador sereno
que sufoca el sollozo en la garganta,
y que a los labios, sin temblar, levanta
la rebosante copa de veneno.

Manchó su excelsa clámide en el ceno
del mal. Y al cabo de flaqueza tanta,
ningun remordimiento lo quebranta
ni lo sonroja el parecer ajeno.

Lleva ocultas las lágrimas consigo,
y erguido lleva el corazón doliente
cual un penón de reto enarbolado,
Y acepta la amargura del castigo,
con la misma altivez con que sonriente
probó todo el delcete del pecado.

MIGUEL KASCH ISLA.

ESTRELLAS

-- Oír a las estrellas? Qué locura!
Y yo os respondo: -- Las adoro tanto,
que a veces en la noche me levanto
para escuchar su música en la altura.

Y el divino colóquio así perdura
hasta el amanecer, que en mi quebranto,
digo palabras húmedas en hanto
a cada estrella que en la azul fulgura.

Pero diréis: "Acaso su brillante
fulgor habla al espíritu distante?
al sereno cantor, que dicen ellas?"

Y os digo: -- Rmad y habreis advinado:
solo el oído de un amorado
puede oír lo que cantan las estrellas!

ROBERTO LIEVANO

EDAD MEDIA

Haber nacido en otros claros días,
no en esta triste edad falta de gloria,
que asesina las nobles energías
y la bella ambición hace ilusoria.

Haber nacido en era de utopias,
en los épicos ciclos de la historia,
ardiendo en generosas fantasías
y en anhelos de amor y de victoria.

Guerrero o trovador de la Edad Media,
tr. galante y audaz, a una cruzada,
alternando el idilio y la tragedia;

y caer, una noche de embelesos,
por una flor, un gesto, una mirada,
tribado de puñales y de besos.

ROBERTO LIEVANO

Olavo Bilac na evocação de Felix Pacheco

Ninguém mais autorizado do que eu para dizer de Olavo Bilac. Não que não tivesse de algum modo contacto com ele, mas porque, se lhe acompanhiei muito de perto, no fim da vida, o apóstolo de Olivença na Liga de Defesa Nacional, indaviva não lhe assisti às peripecias da formação literária.

Quando a minha geração principiava a despenhar na barulheira infernal do decadismo e do simbolismo, já ele se achava, com as duas outras grandes musas do seu tempo, Alberto e Raimundo, em pleno fastígio da glória. Só lhe faltava então o tema e o coroamento magnífico da "Tarde", para entrar de vez na galeria espelrada dos indiscutidos, sobre cujos ombros a posteridade estende o manto de ouro da fama.

Tínhamos a pretensão de inaugurar outros rumos e abrir novos caminhos, sob a égide do nosso chefe de fila, o grande ariano de azvizhe que foi Cruz e Souza. A nossa vaidade, como sempre acontece, — e é de todos os países e de todos os tempos — criou logo um valo imenso separando o que, na sua candura, pretendia que fossem duas escolas. E era ainda como positiva demonstração de pirraça aos consagrados, que admirávamos e buscávamos de preferência a Luz Delino, lisonjeando-lhe o garbo de ineditado gigante profluo.

Mais de trinta anos estão passados. Que são, porém, três decênios senão o inevitável da dispersão das almas no tempo, exatamente para juntar de modo definitivo as coisas na história da evolução do pensamento?

Escolas... Ora, escolas... As escolas, a bem dizer, nunca existiram. São os ditados, que, para comodidade de seu ens no apagado e sem vibração, criam essas diferenciações cerebrinas, estabelecendo, a seu talento, certas mediações cronológicas, tão arbitrarias quanto convencionais, como se os formadores da beleza fossem titeres dos anos e pudessem ser sujeitos à classificação dos fazedores de compêndios.

A grande arte é uma só através de todas as línguas, sempre diferente, mas, sem embargo, sempre igual a si mesma, tombando tanto da revoilta inconsciente dos moços, como da estagnação aparente das Academias, e compondo, imperturbável, os seus quadros de sucesso, com a naturalidade de quem desempenha uma tarefa que apenas continua, e nunca para.

Só uma coisa, na realidade, pode diferenciar e separar os homens de arte: a intensidade do drama intelectual que cada um tiver de viver, ou houver vivido.

Mas isso não será nunca, a rigor, uma fundamentação de escolas, antes simples afirmação de personalidade no ambiente do sonho, do sonho — segredo perpétuo da vida, encarada a vida como devermos encarar-la, isto é, como fator de beleza, gerando emoções que aleivam, escudam ou consolem.

Por maiores que sejam, na ocasião, as dessemelhanças exteriores, todos, no cabo, hão de intimamente encontrar-se, — e encontrar-se como devem, isto é, sem antinômias e sem hostilidades, nivelados na servidão da formosura, que é o único juço que nos liberta um pouco o espírito neste mundo tão contraditório, tão efêmero e tão prosaico. E as ilgações, que a princípio se não viram, para logo brotam na composição do espectáculo geral uniforme, tecido exatamente das divergências, supostas, que passaram.

Ninguém terá que se admirar, se daqui a outros trinta ou quarenta anos, um futurista de agora suba academicamente a esta tribuna para dizer mais ou menos o que eu estou dizendo. Ou a vida não seria, então, a lógica de uma continua marcha para diante, seriação, ininterrupta de conexões mentais imperiosas, das quais ninguém pode fugir e a que todos somos sujeitos, dentro da própria independência batalhadora das nossas orientações pessoais.

Ainda esta manhã tive ensejo de dizer isso mesmo, em carta, a um grande médico, que é também um admirável homem de letras, o Professor João Marinho, agradecendo-lhe a remessa de uma preciosa "plaguette", que sob o título "Recordando..." acaba de dar à estampa.

Trata-se nessa "plaguette" de Baudelaire e Cruz e Souza, e como irei depois falar de Bilac e Baudelaire, a Academia não levará a mal que lhe seja a minha missiva àquele eminente catedrático da Universidade do Rio de Janeiro.

"Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1933.

Men eminente e bondoso amigo.

Professor Dr. João Marinho.

Em vão procuraria, na linguagem comum, expressão que servisse para lhe agradecer suficientemente a esplêndida jóia com que a extrema galanteria de seu fino espírito houve por bem mimotear-me na véspera do Natal. Há favores que, pela sua excelatude, a gente não sabe ao certo sonda reconhecer, no outro lugar existe em que caibam inscrever, não outro lugar existe em que guardarei senão no mais íntimo da alma. E' aí que guardarei sempre a fidalga lembrança de sua generosidade, entre a minha gratidão, realmente confusa de tanta honra, e o meu deslumbramento pelos enlelos de beleza desse contexto a que o senhor ajuntou no repasse novos realces e primores.

"Galeotto fu il libro e chi lo scrisse!"

Não sei porque, mas, agora, fico amando ainda mais a Baudelaire, que a sua crítica sutil e percutiente soube tão bem ligar, numa diferenciação

cheia de finura e de inteligência, à empolgante individualidade de Cruz e Souza.

Porque a verdade, meu caro mestre, é que não há propriamente escolas em literatura, para quem se habituou a apreciar o complexo do sonho na sua exteriorização pela palavra ou pelo ritmo, através das idades. O que, afinal, mais admiramos em todos os grandes artistas é o esforço de perfeição que os atadiga e redoura, nimbando-os, aos nossos olhos, daquele halo dos eleitos, para além dos tempos que já passaram ou que ainda terão de vir.

As suas recordações feriram ao de leve uma porção de teclas maravilhosas, suscitando motivos cujo prolongamento interior constituiu para quem o lê um encanto mental de primeira ordem. De um modo geral, e sem medo de errar, pode-se dizer que o senhor Trou calmamente da cabeça dos parnasianos, como da de seus emulos de antes e de depois, um cetro de que jactantemente se imaginavam talvez os únicos donos, e distribuiu com equidade esse cetro por todas as outras frentes que o fulgor da ideação haja também iluminado.

Peç, assim, uma obra de justiça em relação ao passado, ao presente e ao futuro, nivelando com superioridade o mérito das sucessivas febres creadoras cujo papel é inovar neste mundo o sentido multiforme e eterno da beleza.

Ninguém chega nunca a essa lucidez de julgamento se não conformou os seus inícios com as palpitantes mais veementes de reforma da época em que nasceu, para poder depois recordar educativamente as tempestades da primeira hora. A própria melancolia das evocações se erige então numa força reversiva libertadora, continuando do sonho do começo, como está no formosíssimo soneto francês do Aloisio, que eu traduzi tão mal, e que o senhor, com tanta delicadeza emotiva, tomou para epigrafe de sua primorosa página de análise.

Não ligo demais dizendo que lhe bello agradecidamente as mãos pela magnificência de seu favor. E creio que posso afirmar que não falo só por mim, senão também por todos que entre nós prezam a arte e desejariam que os espíritos como o seu, forrados de um tão alto sentimento de cultura literária, frequentassem menos espaçadamente o fértil campo em que tanto poderiam brilhar como semeadores de sonho e de formosura.

O modesto presente que com esta lhe envio não é de modo nenhum uma retribuição. Há ofertas a que não se logrará nunca retribuir adequadamente. A minha, qualquer que fosse, ficaria sempre aquém da sua. Espere, porém, que haverá de estimá-la.

Nem toda a beleza da França está no Louvre e nas Tulherias. Eu, na minha obstinada paixão pela "rive gauche", sempre lhe preferi o jardim encantado que olha lá no fundo da rua Soufflot o Panteon, e em cujas alamedas uprosas tantas musas exultam nos falam ao sentimento e ao coração, prolongando os ecos do museu também aí enervado e em cujas galerias se guardam igualmente maravilhas da pintura e da estatuaría. Menino de seis anos levado pela mão do pai, Baudelaire costumava passar naquelas redondezas do Luxemburgo, como a crisálida ainda oboçada no seu casulo. Talvez seja como que um pedaço do extraordinário poeta que lhe remeto. Ponha pois o livro na sua estante, que é na verdade o que de melhor lhe podia mandar a minha gratidão e, com a minha gratidão, a minha profunda admiração pelas suas altas qualidades de escritor e homem de letras. Seu penhorado Amg.º At.º admor. Obmo. — Felix Pacheco."

Tomemos, agora, da obra poética do nosso inesquecível Olavo.

Ela se compõe de dois tripticos inconfundíveis, o primeiro com as *Parópsias*, *Via Láctea* e *Sarcas de Fogo*, e o outro com *Alma Inquieta*, *As Viagens* (incluso *O caçador de Esmeraldas*), e *Tarde*. São seis vastíssimos painéis intelectuais, todos eles muito ricos de cor e de desenho, e cada qual valendo por um testemunho inequívoco das excelências daquela musa sedutora e privilegiada.

Sarcas de Fogo e *Alma Inquieta* ocupam exatamente o centro dessa abundante produção, e não é de modo nenhum por acaso que aí estão nessa colocação, ao meio da edição definitiva das *Poesias* do mestre incomparável. Ao contrário, representam na realidade o feix mais significativo da obra do íngime poeta, e constituem a melhor explicação de sua variada e impressionante psicologia. O grande drama humano de Bilac, com a sua palpitante veemente, bela mistura de carne e de sonho, não reside propriamente no luzir das *Parópsias*, nem no lirismo da *Via Láctea*, com igualmente não se o achará no universalismo e no brasileiro a *As Viagens*, nem na sabedoria apostófica de *Tarde*. Só nas *Sarcas de Fogo* e na *Alma Inquieta* o toparemos tal qual era, no incontentamento da sua volúpia estuante e redourada, abrindo-se em orgulhos de virilidade nos poemas de amor truncados pelo desespero da própria energia emotiva.

A *Alma Inquieta* é, acima de tudo, a voz do Amor. Idés ouvi-la.

Nessa pupila rútila e molhada,
Refúgio arcano e sacro da Ternura,
A ampla noite do gozo e da loucura
Se desenrola, quente e embalsamada.

E, quando a análoga vista desvarada,
Embebo às vezes nessa noite escura,
Dela rompe uma voz, que, entrecortada
De zoluços e cânticos, murmura...

Num concerto de súplicas e gritos,
E' a voz do Amor, que, em teu olhar falanda,
Conta a história de todos os amores.

E vem por ela, rindo e blasfemando,
Amas serenas, corações aflitos,
Tempestades de lágrimas e flores...

E' bem expressivo que as *Sarcas de Fogo* abram com *O Julgamento de Frinêla* e fechem com *A Tentação de Xenócrates*.

Dentro dessas duas largas portas de ouro de carnalidade recalcitrante e envolvente, que não poupa sequer aos juizes e aos filósofos, tudo é o exaltado pensar de um amoroso, ao qual nem o esquecimento dá alívio:

Porque? Quem me encadeia sem piedade
No cárcere sem luz deste tormento,
Com os pesados grilhões desta saudade?

A Natureza, como Bilac a considerava, era talvez ele próprio, ou espelho de sua alma, a um tempo celeste e terrena, *Pomba e Chacal*:

Sempre o contraste! Passaros cantando
Sobre túmulos... flores, sobre a face
De azosas águas pútridas boiando...

Anda a tristeza no lado da alegria...
E esse teu seio, de onde a noite nasce,
E' o mesmo seio de onde nasce o dia...

Há um selo forte de recôndita lascívia procurando em vão disfarçar-se *Numa concha*, na *Súplica*, na *Cunção*, no *Mitagre*, em *Sobre as bodas de um seragendiro*, no *Abyssus* e nalguns trechos mais. Bilac procurava invariavelmente guardar um certo pudor nesses extravasamentos do grande desejo genésico. Mas, no fundo, não era absolutamente um insensível à saborosa tragédia do pecado. Di-lo aliás bem claro, logo na primeira poesia das *Sarcas de Fogo*, exaltando no verso inicial dessa bela peça

"Menezete, a divina e pálida Frinêla."

para concluir com o desnudá-la por inteiro no fecho

"No triunfo imortal da Carne e da Beleza!"

Dele creio bem que se poderá dizer com justiça que não saberia de certo copiar a contento o imperturbável Xenócrates resistindo aos atrativos diabólicos de Laís...

E', pelo menos, o que se pôde inferir do *Beijo eterno*, que toda gente sabe de cor e que termina deste modo:

Quero um beijo sem fim
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo!
Ferve-me o sangue: acalma-o com o teu beijo!
Beija-me assim!
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida!
Vive só para mim, só para minha vida.
Só sera meu amor!

Não indagamos o que havia de polivalmente grave nessa expansão afrodisíaca em surdina... Bilac foi sempre um homem cheio de delicadezas, ainda nos versos mais fortes, como se tivesse a preocupação de que todas as mocas nudessem lê-lo e recitá-lo sem vexame. Ficavam-lhe muito bem esses sentimentos.

Mas lá lhe escapava de vez em quando um berro de fauno na cintilância das estrofas.

Que mal havia n'isso?

O pecado original não desaparece nunca; está dentro em nós, como uma fatalidade do destino humano, nem há, para ninguém, possibilidade de exculpar-se no confessionalário, se não venes e não doma a força rudimentar incoercível que lhe conturba o corpo no frenesi delirioso.

Não é a circunstância de reduzir à música, na rima, o drama irremovível da vida, que faz o pecado.

Baudelaire, por exemplo, não o pintou no seu livro para endusar anomalias, mas para mostrar que a poesia, mergulhe embora nos piores horrores da beleza, não deve perder nunca a sua força de levitação, o seu poder de subir, que é afinal o que eleva o homem e dignifica a Arte.

Não aventure uma proposição infundada, afirmando que Bilac compreendeu perfeitamente isso quando parafrazou *La Chevelure*, a bela poesia que os fillos da mestice Jeanne Duval inspiraram ao divino Chéris. A imoralidade só existe na arte quando a Arte se satisfaz com o baixo ao lado, em vez de simultaneamente ascender Baudelaire, fingindo afundar no vício, era sempre para logo após se alar, e com ainda maior vigor, aos altos céus do espiritualismo e da religião, — da religião, repito denominadora eterna e sem contraste, diante da qual, só não se curvam os que não possuem no íntimo a força, a virtude e o desejo de se redimir, nem procuram adivinhar o sentido da perfeição sobrenadando às impurezas da terra.

PELA GLORIA DO POETA - Mario Rodrigues

BILAC - JOAO DO RIO

Filho de Almeida cometeu o roubo de Eça de Queiroz, logo após a sua morte, filando-o a título mesentérica a que ele succumbiu. E no estudo da personalidade de Guilherme de Azevedo, também feito post-mortem, julgou todo o trabalho do cronista pelo que lhe extraxou durante anos de uma chaga escrofulosa do quadril.

Como se vê, é a subversão dos processos criticos, desarvorados, sem lógica, sem directiva e sem objectivo. Paliativo a obra de um artista, só porque o artista viveu de uma solidão, ou era estrangeiro, ou jogava o poquer, não lembrou o Saint-Beuve, nem a Taine. Mas, assim como assim, não constitue novidade, mesmo na lingua portuguesa, que cada um de nós maneja discretamente, ao erigir altares ou estragando reputações, a critica dos desarranjos intelectuais e outros potimorrea, em face da expressão cultural de um livro, ou de um escritor.

Lendo o Childe Harold, por exemplo, observando caligrafias na minha sensibilidade, através de uma a uma das páginas do poema, sentindo-o - porque hei de ver no génio que o concebeu um paizão, e não um grande poeta? O outro, não, o critico moderno grita para a platéia: "Minhas senhoras e meus senhores! Puz da frente do abismo. Ali está um refinado canalla, uma alma de electivo, um verdadeiro bandido de estrada, que proscreveu a virtude e amou pelo mundo suspiros de amor e desesperos. Aproveitai do momento a vossa inocência, como eu defendo a minha". Por aí certamente, senhoras e senhoras, a vossa inocência talvez encontre escudo com que se defende. Mas se do Childe não conheceu o poeta? O Harold continuava depois da critica na mesma ignorância, o que é mau, apesar de todos os perigos.

A obra de Olavo Bilac tem em contrario esses mesmos perigos. Na obra do poeta, a critica deixou de fixar os remios altaneiros, para lhe ver só e só alguma pena quebrada de embate às arestas dos pinacros, a que ele se sobrelava. Nunca lhe apertei...

"Igrejinha" que o aclamavam, talvez o estivesse a ver para se que ainda agora infamam a sua arte bela e serena, recordando os seus criticos com pedradas garotas; via duas ou três vezes e não lhe tirou o meu chapéu. Devo-lhe, porém, o encanto das minhas primeiras leituras de arte, ainda nido e vivo no meu espirito como o seu nome, e agora que dele apenas restam as Poemas, quero consagrar algumas palavras. Ao criticar um artista, eu posso e devo acordar a minha liberdade pessoal; mas cumprir a que não é confundida com o sentimento colectivo, formado pela repercussão da sua obra. Não fizeram isto os adversarios do plectro de Bilac. Lançaram juizos definitivos como se traduzissem um consenso da opinião, pelo menos da opinião culta, que eles se arrgam de representar.

Estou para ver poetas que no Brasil, em qualquer época, conseguisse igual influencia, dominio tão poderoso, imperio tão decisivo. Cada uma das suas estrofas, desde os sonetos da Via Láctea ao Caudar de esmeraldas, exterioriza o mesmo sentimento, a nossa indolência, as nossas lendências; cada uma representa estados da nossa alma, impulsos que são bem nossos; é a síntese rutila de pensamentos nossos, que não sabemos definir. Toda a gente que lê, entre nós, decorou esses versos sem qualquer esforço. Eram pedaços do coração que estavam eparados e se reuniram depois; reivindicando-os pelos acordos da magna lira, sonoro, sentino-nos a nós mesmos nessa suplantação orquestral. Como ninguém, cheio de virtudes ou de vícios, deve-se dizer que Bilac estabeleceu a legitima poesia brasileira, paradigma dos nossos vícios e das nossas virtudes. Não o condenemos. Condenemos o sol dos trópicos, este lindo céu de suggestões escaldantes, este jaque espio vivo. E não sejamos tarifado.

De sensual acusam-no. Argue-se que, se a sua poesia tivesse alguma coisa de brasileira, seriamos a fé do documento um país de devassos, de sádicos marciais, presa de instintos primitivos sem a centelha de um ideal. Mas parecem que justamente os versos de Bilac realizam o contrario. Sem perder a cor local, se me permitem a expressão, temperam com uma arte de esplêndida serenidade e espiritualidade os impulsos que, em nossas existência normal, constituem atos de simples materialismo.

(Continua na pag. 460)

A casa do poeta é de uma elegância delicada e sóbria. Ao entrar no jardim, que é como um país de aromas, cheio de rosas e jasmims, chegado ao longe o vago ansio do oceano, eu levava na alma um certo temor. Eram oito horas da manhã, apenas oito horas. A rua parecia acordar nítido instante, os transeuntes passavam com o ar de quem ainda tem sono, e o próprio sol, muito frio e formoso, parecia bocejar no lento adolegçar das névoas.

- Só muito cedo encontrar-me-ás em casa, dissera ele, e eu mesmo sabia que o cantor do "Caçador de Esmeraldas" acordava às cinco da madrugada, escreve até às dez, sai e não recolhe sendo depois da meia noite, porque o entristecido ficou num gabinete sem outra alma, a luz dos bicos de gás.

Quando, porém, ia tocar o timbre de um velho bronze, o meu receto desapareceu.

Estavam as portas da sala abertas e eu via Bilac curvado sobre a mesa a escrever.

- Pode-se importunar?

- O' ase madrugada! Tu por aqui?

Argueu-se com a sua aristocrática distincção. Estava todo vestido de linho branco, a camisa alva com punhos e colarinhos queros.

- Aposto que tens ver os meus cartões postais?

Eu olhava a sala onde há tempo mora a Musa perfeita. As paredes desaparecem cheias de telas assinadas por grandes nomes, kakemonos do Japão, colchas de seda cor doiro negro. As janelas deixam ver o céu, a rua e as árvores entre cortinas cor de leite e sanhaes de veludo cor de mosto. Do teto pende uma antiga tapeçaria francesa, a um canto um parovento de laca parece guardar mistérios no "bric-à-brac" do mobiliário - cadeiras de várias épocas, poltronas, estantes de roditos, "queruidos", divãs, dois vastos divãs turcos, largos como alcovas... Ao centro a mesa em que escreve o poeta, muito limpa e quase muito pequena, de caneta preta, encimada por um ventilador. Os meus olhos repouam nos "bibeletos", nas jarras de porcelanas cheias de flores frescas; a alma sente uma alegre impressão de confortavel. O poeta faz-me sentar.

- Uma hora já? Ha nao set quantas escrevo eu.

- Versos?

- Oh! não, meu amigo, nem versos, nem crónicas - livros para crianças, apenas isso que é tudo. Se fosse possível, eu me contentaria para divertir a instrução, para convencer os governos da necessidade de criar escolas, para demonstrar aos que sabem ler o mal do Brasil é antes de tudo o mal de ser analfabeto. Talvez sejam idéias de quem começa a envelhecer, mas em consago todo o meu entusiasmo - o entusiasmo que é a vida - e este sonho trreiteavel.

- Basta e entusiasmo pelo irrealizavel para que um homem seja perfeito, já disse Barrés.

Bilac sorriu.

- Mas então não queres ler decididamente os pensamentos dos quarenta membros da Academia Francesa?

- Eu penso para coisas muito mais graves.

- Tenho que há na vida coisas que se dizem mas não se escrevem e outras que nem se escrevem nem se dizem mas apenas se pensam. Seria feliz se me viesse perguntar aquela, que sem me entristecer nem entristecer aos outros, pudesse ser pensada, falada e escrita. E' entretanto difficil...

Eu ouvia-o embevecido. A originalidade desse homem reside na sua sensibilidade extrema e sorridente, na sua impecabilidade, nessa doçura como que rítmica que harmonisa os seus períodos e o acompanha na vida. Bilac chegou à perfeição - é sagrado. Não há quem não o admire, não há quem não o louve. As fadas, que são quase uma verdade, floceram da sua existência uma sinfonia deliciosa, e como o seu talento não tem desfalecimentos e a sua atividade é sempre fecunda, a admiração se perpetua. - E' o poeta da cidade como Catulo o era de Roma e como Apúlio o era de Cartago. Todos o conhecem e todos o respeitam. Os editores vendem anualmente quatro mil exemplares do seu livro de versos, realizando o que até então era o impossível. Onde vá, o louvor acompanha-o. A cidade ama-o. Nenhum poeta contemporâneo teve o destino luminoso de empolgar exclusivamente a admiração. Ele é o notiffico dos artistas e dos que o não são. Há honras que guardam em cofres tudo quanto tem escrito de esparso na sua múltipla colaboração jornalística e não há um dia em que pelo menos não receba dos confins da provincia ou dos bairros aristocráticos meia dúzia de cartas chamando-o de admiravel. E nunca a sua tónica branca teve uma ruga desprochada, nunca nos seus períodos a elegância deixou de brilhar. Quando escreve, os jornais aumentam a tiragem com os seus crónicas, e o seu estilo impecavel aureola de simpatia todos os assuntos; quando fala, as suas palavras admiraveis, talkados como em mármore e diamante, lembram os jardins de Academus e as prosas sábias do caia de Alexandria, no tempo dos Ptolomeus. E todos sentem a fascinação do encanto - as turbas confusas e os homens inteligentes.

E' o portador do espirito da Hélade. No portal da sua morada bem se podia gravar o misterioso enigma da Antologia: - "Nasci no bosque sagrado e sou feito de ferro. Tornei-me o secreto depositario das musas e quando falo, intérprete e confidente unico, ressoo o bronze eternamente".

K. entretanto, há por vezes no seu sorriso uma trônica amargura, na sua voz, que se vela, a secreta tristeza de quem está resignado a não dizer grandes verdades necessárias, e na sua alma, destinada a aclamação, uma delicadeza, uma modestia infinita. Seus escritores ele os lê diariamente, ou pela manhã antes de começar a trabalhar, ou á noite antes de dormir - Renan e Cervantes. A vida já-lo vestiu os impetus e a intensa paixão lirica no burel de uma suave ironia. Quem o lê pensa em Luciano de Samosata, no ridiculo do herói manchego, no travo das fantasias desfeitas. Mas, de raro em raro, surtem, como a reivindicação das idéias generosas, as tristes e delicadas impressões da sua prosa, e em conversa muito vez quando todos riem, um doloroso suspiro, de cansaço e tédio passa no seu labio, de todos despercebido. E é então essa alma esquisita que cora e se confunde quando pela milésima vez numa tarde alguém se lembra de dizer que o acha incomparavel.

Talvez, por isso, o poeta sensual dos amores imensos, o vato embevecido nas vozes das estrelas, aquele que durante vinte anos dera intenção e idéias á natureza e comentara com um piparote cético as ações dos homens, curvou-se um dia para a virmã com o fulgor do seu espirito luminoso e resolveu protegê-la. Bilac hoje é um apóstolo-socialista pregando a instrução.

Todos os problemas de vida ele os pode encerrar como Capua o strata nas suas peças. A instrução das crianças e o bem dos miseráveis preocupam-no seriamente. Eu o ia interromper na composição de um livro para perguntar a sua opinião sobre o

estado da literatura brasileira e o papel do jornalismo para com essa mesma literatura. Ele falou-me com uma certa amargura, tirando as minhas perguntas ao seu ideal.

- Que queres tu, meu amigo? Nós nunca tivemos propriamente uma literatura. Temos imitações, cópias, reflexos. Onde o escritor que não recorde outro escritor estrangeiro, onde a escola que seja nossa? Eu amo entre os poetas brasileiros Gonçalves Dias e Alberto de Oliveira, a quem copiei muito em criança, mas não poderei garantir que eles não sejam produtos de outro meio. Há de resto explicações para o fato. Somos uma raça em formação, na qual lutam pela supremacia diversos elementos étnicos. Não pode haver uma literatura original, sem que a raça esteja formada, e já é prodigiosa a nossa intelligência, que consegue nesse reflexo superior e se faz representativa do espirito latino na America. Ah! a nossa intelligência! E' possível atacar, espinhar, pulverizar de ridiculo tudo o que constitue o Brasil, a sua civilização e o esforço dos seus filhos. Esses ataques são em geral feitos por brasileiros. Duas coisas porém, ficam acima dos meus conceitos: - a beleza da terra e o espirito que a habita, o encanto da natureza e a clara intelligência assimiladora dos homens. Os comerciantes, os artistas em "tournee" os humildes e os notaveis leam daqui a impressão inmemoranda da que não há país mais aberto a todas as idéias generosas, mais espiritualmente irónico. Poderíamos acrescentar: - nem mais indolente. Mas não basta haver talentos e belos livros para que haja uma literatura. Esta opinião talvez não seja uma grande novidade, mas é verdadeira. Nós nos orgulhamos da Franca. A Franca não tem agora lutas de escola, nós também não; a Franca tem alguns moços extravagantes, nós também; há uma tendência mais jote, a tendência humanitária, nós começamos a fazer livros socialistas. Esta ultima corrente arrasta, no mundo, todos quantos se apressam da angústia dos pobres e o sofrimento dos humildes. Um artista sente mais as dores terrenas que cem homens vulgares, os poetas são como o éco sonoro do verso de Hugo, entra o céu e a terra, para transmitir aos deuses os queixumes dos mortais...

A Arte não é, como ainda querem alguns sonhadores ingenuos, uma aspiração e um trabalho á parte, sem ligação com as outras preocupações da existencia. Todas as preocupações humanas se enfeixam e misturam de modo inseparavel. As lutas de ouro e marfim, em que os artistas se fechavam, riram desmoronadas. A Arte de hoje é aberta e sujeita a todas as influências do meio e do tempo; para ser mais bela representação da vida, ela tem de ouvir e guardar todos os gritos, todas as queixas, todas a lamentações do rebanho humano. Somentemente um louco, - ou um egoista monstruoso, - poderá viver e trabalhar consigo mesmo, trancado a sete chaves dentro do seu sonho, indifferente a quanto se passa, cá fora, no campo vasto em que as paixões lutam e morrem, em que anseiam as ambições e choram os desesperos, em que se decidem os destinos dos povos e das raças...

Uma revista, que se fundasse, no Brasil, para exclusivamente cuidar de coisa de Arte, seria absurda. A Arte é a criança que corra o edificio da civilização; e só pode ter arte o povo que já e "povo", que já saiu triunfante de todas as provações em que seapura e define o caracter das nacionalidades.

O que urge é compreender isso, e é aproveitar a lição dos fatos. Nós não temos unicamente, diante de nós, o problema do saneamento e do povoamento. Com o saneamento apenas - livrar-nos-emos das epidemias que os mosquitos, os ratos, os microbios transmitem de corpo a corpo, - mas deixaremos, intacta a tremenda, pairando sobre nós, a ameaça das epidemias morais que desperaram o organismo social e conduzem á indisciplina, á inconsciência e á escravidão. Tratando apenas do povoamento, feito ao acaso das levas de imigração, sem fundar uma escola em cada novo núcleo de povoadores, - consequentemente somente aumentar e dilatar o imperio da ignorância e da irresponsabilidade.

O problema que tem de ser resolvido, juntamente com essas dots, é o da instrução. E o que dól, o que desespera, é que toda a gente culta do Brasil tem a consciência disto, e que, há mais de um século, esta verdade, anunciada, proclamada, escrita, em todos os jornais, ainda não achou governo que o servisse em terreno pratico.

Houve um silencio. O poeta falava como um filósofo e no seu labio a palavra vibrava. Timidamente comeci uma frase que não chegava a ser pergunta:

- Os Estados procuram criar literaturas á parte. Ainda há pouco, logo após a publicação das minhas primeiras entrevistas sobre o momento literário, todos os Estados agitaram-se. São Paulo, Rio Grande, Pernambuco...

- E' dividir o que ainda não se pode dividir. Não há talentos de Norte nem do Sul. Há talentos brasileiros. Não posso compreender, para não citar senão um exemplo, em que os versos de Francesca Julia possam ser paulistas. Quanto á separação da nossa futura literatura ela se fará lentamente, como se vão formando a nossa raça e o nosso povo, conforme as correntes mais ou menos fortes dos povos colonizadores. Talvez em 2500 existam literaturas diversas no vasto territorio que hoje forma o Brasil.

- E o jornalismo?

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, tão poeta que o seu nome é um alexandrino, limpo os vidros de dináculo e disse praticamente:

- O jornalismo é para todo o escritor brasileiro um grande bem. E' mesmo o unico meio do escritor se fazer ler. O meio de ação nos falaria absolutamente se não fosse o jornal - porque o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade. O jornal é um problema complexo. Nós adquirimos a possibilidade de poder falar a um certo número de pessoas que nos desconheciam se não fosse a folha diária; os proprietários de jornal veem limitadas, pela falta de instrução, a tiragem das suas empresas. Todos os jornais do Rio não vendem, reunidos, cento e cinquenta mil exemplares, tiragem insignificante para qualquer diário de segunda ordem na Europa. São oito os nossos! Isso demonstra que o publico não lê - isto o meslrio representativo tocado pelo jornalista. E por que não lê? Porque não sabe. Tenho estatísticas aterrorizadoras, fenomenais. É a natural que decresse a lista dos analfabetos á medida que a população aumentasse em número e civilização. Pois dá-se o contrario. Há hoje mais um milhão de analfabetos que em 1890! E digam depois que não é preciso criar escolas e difundir a instrução. Um povo não é povo enquanto não sabe ler. Admira-te dessa minha transformação? O poeta, que ama as cigarras e os flamboyants, o sonhador, que em tudo vê a

(Continua na pag. 461)



Foto de Guerra Junqueiro, oferecido a Olegário Mariano pela filha do poeta português. Veem-se, ao lado dele, as seguintes palavras: Exaltemos a Patria imitaciando Olegário Mariano pelas mesmas palavras com que meu pai aclamou Olavo Bilac: "Eu, beijando-o na fronte, beijo o Brasil no coração" — Maria Isabel Guerra Junqueiro, Na noite festiva de grato recordação e já de eternecida saudade 51 — Julho — 1940.

A INFLUÊNCIA DE OLAVO BILAC

Maria Eugénia Celso

A sessão de ante-onde na Academia, comemoração de saudade, em honra ao décimo aniversário da morte de Olavo Bilac, tornou novamente presente, entre os imortais a figura do grande poeta, tão vivo sempre na modorra de nossa literatura e na admiração de todos nós. Nem Alberto de Oliveira, na saudosa emoção de sua amizade, nem Coelho Netto, mal sopitando o protesto de sua indignação, nem Medeiros e Albuquerque, com a clara argúcia de sua psicologia, encaram, no entanto, uma das faces mais sedutoras do alto cristão, a que o Rio de Janeiro deve grande parte dos seus embelezamentos de hoje. Durante os seus dezotto anos de jornalismo — escrevia eu dele há dez anos — dos quais só nos dois a três últimos lhe pude devidamente apreciar o surto e a verde, leve ele para a cidade do seu beryo, carinhos e admirações de namorado.

Foi o precursor de sua graça de hoje, o cantor de seu pitoresco de antanho, o anotador comovido e extasiado da sua evolução, o patrono por assim dizer de tudo que nela de belo e de bom se promoviu.

Nas palestras cotidianas daqueles deliciosos "Registos", de "A Noticia", como nas crônicas dominicais da "Gazeta", — entre as fulgurações desse estilo tão dele, vibrante e límpido como um cristal, um estilo feito de luminosidade e de ressonâncias, — todas as minúcias, todas as palpitações do grande coração da "urbs" encontraram nele um comentador atento e deslumbrado. Nunca de sua pena saíram palavras de ódio ou de vingança. Revestia-o a tolerância sorridente das grandes superioridades.

Não foi só, porém, o jornalista inigualável que os seus amigos se olvidaram de evocar, foi também o orador, o "discurs", o incomparável conferencista.

Tive a dita de ouvi-lo repetidas vezes. E de todas essas vezes, que o tempo não conseguiu esbater nas brumas da passada distância, guardo ainda o encantamento que passageiramente me escravisou ao sonoro calor de uma voz de persuasão e de corôcia, uma voz ductil e quente que burilava a frase como um cinzel e lhe fazia luminosamente ressaltar todas as belezas da expressão.

Ouvi-lo recitar os próprios versos era em verdade uma rara e inesquecível delícia.

Seus versos... qual o moco que os não sabe e os não saberá sempre de cor, se não há palpação, mesma da mocidade, nos seus mais cálidos delírios, na sua mais abraçadota expressão de vida e de entusiasmo?...

Falei-lhe um dia nas "Poésias Infantis".

— "E' o que fiz de melhor, — declarou num sorriso emocionado. E' o que fez de mais travesso e de mais ingénio. Para se chegar aos pequeninos de quem Coelho Netto nos contou quanto gostava, Bilac como se ajoelhou numa genuflicção paternal e debrou sua grande lira sensual à canora singeleza das canções da infância.

Há de ser justamente pelos seus versos como são, bem o disse Medeiros e Albuquerque, que Olavo Bilac há de viver na memória fragil dos homens.

Não o tendo conhecido na intimidade, vendo-o sempre à distância, sob o áureo pedestal do seu renome, na aureola da sua glória ou na discreta reserva da amabilidade de certos encontros de sociedade, foi tão grande, porém, a sua influência sobre a minha formação artística e jornalística que não podia deixar de me associar, por mais pallidamente que fosse, à homenagem que tão saudosamente, ante-onde, lhe prestaram. E como mulher e como poeta, em nome de todas as mulheres, fazendo minhas um instante estrofes do seu estro, e com toda a alma que me atrevo a dizer:

"Mestre querido! Viverás enquanto
Houver quem pulse o mágico instrumento
E preze a língua que prezavas tanto:

E enquanto houver num ponto do universo
Quem ame e sofra, e amor e sofrimento
Saiba, chorando, traduzir no verso".

("Jornal do Brasil" — 30-12-1928).

ESPIGAS HISTÓRICAS

(Continuação da pág. 443)

PROCYON

Senhor, o mundo tem frio, e
Como sóis assim terno, porque não
De dais o estio, e acabais com o
tal inverno?

SOL

Que lembrança tão mesquinha!
Eu quero dar e não tiro! Demais,
tal reforma minha mudar de todo
e meu giro!

WEGA

Dei mais luz, Senhor, brilhante,
aos olhares dessas damas.

SOL

E o languor dulcificante há de
perder ternas flamas??

ANTARES

Eu por mim não lembro nada;
mas Venus que ali media, pode
ser que...

SOL

Estás calada? Fala, é minha fa-
vorita!

VENUS

Meu senhor, nós, as Estrelas, to-
das juntas poderemos um dia dar
de terra pelas saudades que dela
temos. E' certo que a noite, quando
nós pelo espaço ninjamos, nos olhas
a Terra e adorando fica a luz que
De mandamos. Mas se nos vê, não
nos ouve, que não conhece a lan-
guagem que ao Deus Poderoso
aprove dar-nos.

Terá vantagem aquele por nós

erriado que, alegre, cantando, pelas
noites de um céu azulado, puder
ter e "ouvir Estrelas"!

SOL

Muito bem! Perfeitamente! Me-
receo aplauso essa ideia! Estrelas,
formais o nome que deve escutar-
vos?... Ela!

VENUS

Para que ouça tão de perto nossa

linguagem secreta, deve ser, senhor,
de certo, sonosoro e grande poeta!

CORO DAS ESTREIAS
Sim! Sim! um poeta!

SOL

Pois seja!
—
Quer o leitor que eu destaque
o nome dele? Ora veja!
Quem ouve estrelas!
— Bilac.

D. FUNCAS

(Novidades de 4-6-941).

NO TUMULO DO POETA — HERMES FONTES

Pesar glorioso! Fez-se vão o adejo
para a imensa subida.
Adeus, Glorioso! realizaste em vida,
realizaste na morte
o teu maior desejo:

Viver sereno e forte,
morrer sereno e forte,
tendo, por expressão final da vida,
no lábio a arder em febre — o último beijo,
e o último sonho de arte — em tua ama
Florida,

Viveste como viveria um Grego.
E és um Grego, de novo,
al, na estância do último sossego;
pois, tal sagrando a um Poeta o povo grego,
vem sagrar esse túmulo o teu povo.

No século em que a hipócrita formiga,
gesdenha da elgarrá cançãoeira,
restabeleces a hierarquia antiga:
— a Alma-contemporânea, unida e inteira,
soluçando, se abeira
do pétreo cofre que ao teu corpo abriga!

Cantaste bem: teu canto bom te fez notável,
Viveste bem: e a vida boa te fez triste.
Foste bom, foste amavel.
E, amando e amado, realizando o Irrealizavel,
quanto mais padeceste, mais sorriste.

"Quero escrever"!... Enquanto assim dizias,
bateu o último instante em teu religio.
Pois, com a Pena com que escreverias,
a morte pôs um marco à glória dos teus dias
e escreveu — Glória Eterna. — Era o teu
Inecrológio.

E soubeste morrer. Tinhas sabido
viver com arte, padecer com arte.
Inda há na comção do teu gemido
todo o faruel de angústia, dolorido,
com que o frémto anónimo se farto.

Passa-te o corpo à terra. O mundo o home-
vai guardar-to, entre lirios, numa fossa.
Mas do corpo que o mundo assim pranteia
a alma se escapa à indiscreção alheia,
porque tua alma não é tua só — é nossa.

Egoísmo dos artistas, grande Artista!
Tua alma é nossa — nossa, pela essência,
mas é de todos — de qualquer que, a vista
do que sentiste, haja sentido e assista
à alegria e à tristeza da Existência!

A FIGURA E A OBRA DE OLAVO BILAC - (TRECHO DE CONFERENCIA) - Amadeu Amaral

A figura e a obra de Olavo Bilac são duas coisas, no mínimo, tão interessantes! Não digo grandiosas, nem incomparáveis, nem sacrificadas. Interessantes.

Penhámos de todo as questões de valor, pomozas de parte qualquer idéja de julgamento, sempre reslata moliza para que o "fenómeno" Bilac possa interessar aos curiosos das coisas humanas, aos curiosos das coisas da inteligência, aos curiosos das coisas de nossa terra. Mas o maravilhoso é que, na realidade, não interessa.

Poucas individualidades literárias tem tido o Brasil tão domadas, como a de Bilac, pelo despolimento da ecocção. Na ecritura, e não só dos poemas que parecem dever os seus melhores produtos ao acceço de uma situação que os obriga a trabalhar, á exatidão de infiracções raiadas de ambigüa literária, ou mesmo a canções ainda mais estranhas ao freguês regular de uma ecocção definida. Bilac, como Leopardi, parece ter sido ao mundo com o encargo expresso de fazer literatura e ter levado toda a sua vida a hondecer infiracções dos deuses, a ter-lhe o caminho da sua terra a única ecocção que do proprio ecocção...

Alguns, e não só dos menores, fazendo poesia a vida, e a freguês, a poesia e a vida, a poesia e a vida são como o mesmo que freguês na vida de meio tempo e a poesia começando no caminho, e começando as folhas da poesia com poemas de freguês entre aqueles que através e poesia ecocção, Bilac, não. Tendo a sua parca no ponto da língua e descurando, um acceço, um ecocção, regularmente durante os curtos trechos e cinco anos da sua passagem pela terra. Assim, toda poesia ter sido muito hon ecocção, na outra mundo? E prometendo, hoje, ainda há por cima dando uma ecocção de estratos que tanto amza...

Panoramas de entre os maiores literários seguintes como ele o curso de uma ecocção tão ligada e normal e tão infiracções retinica e ecocção. Na obra, se se não pode comparar, sob este acceço, esse ecocção e melizosa "ecocção" que se chamou Machado de Assis. Na obra, quem será o camoneiro? Casiro Alves foi um poeta e rápida temozada. Forale foi uma longa tormenta, com relanzos e ecocções. Raymundo, depois de uma vida de mel com a poesia, rompen com ela e fez caso á parca. E precisa remozar mais alto no tempo para encontrar outros casos de continua e tranquila fidelidade, como Gonçalves Dias.

Nessa ecocção ecocção, con-

sequente, cíclica, Bilac faz pensar numa árvore ornamentamente harmoniosa. Não direi que fosse um jacquith majestoso, nem que fosse um oití mediano. Fosse qual fosse as dimensões, o que é certo é que brota, cresce, tomou corpo, expandiu-se como uma árvore escrosa e sadia, raízes bem agarradas á terra, tronco toco, copa cheia e redonda, e em torno disso tudo uma como sorridente satisfação de ser árvore. Era como uma planta que, dentro do determinismo da sua natureza e do seu meio, fosse perfeita — perfeita quanto a poder ser uma árvore qualquer, pequena ou grande, que tenha cumprida todas as promessas da sua semente e as melhores possibilidades da sua espécie.

Dele se pode dizer tudo, menos que tenha falhado no proprio destino. Raros homens dão a impressão de se haverem realizado de modo tão completo, de terem chegado a ser tão aproximadamente aquilo que poderiam ter sido.

Outro aspecto interessante do nosso poeta é o que se prende á produtividade ampliada da sua personalidade moral. Surgida aqui esse adjectivo — "moral", poderá significar que abandonou a meu ponto de vista objetiva e descriptiva e que resolvi para o terreno poético das emaladas morais. Mas, ainda mais quanto á moral manifestada em uma linha de demarcação entre os factos e as ecocções.

O caso de Bilac merece, aliás, atenção, antes de tudo, por um motivo de ordem geral. Vale a pena ecocção por sua importância — como direi — sociológica.

A medida que avança em idade e em notoriedade, o poeta, como numa ascensão, parece ter visto alargando-se gradativamente o horizonte da sua vida interior. É o que se sente a cada moço da sua itinerária poética, visível na sua obra. A indiferença e a gelizância dos primeiros tempos foram-se a pouco a pouco transformando em reflexões, em dúvidas, em ansiedades, em angustias, e, através de reformas e ecocções, cada vez mais ecocções e melizosas, lá foram ter afinal no sentido estuário de ecocção e de filosofia melancólica que se retrata no último volume.

Foi impressão que se colhe da obra é plenamente confirmada pelo que se sabe do homem.

Não indagamos se Bilac teve ou não teve defeitos. Não é disso que se trata. Defeitos, todos os tempos, e graves, mesmo porque eles descendem dos olhos com que nos observem, e há olhos que são capazes de encerrar as manchas do sol e de

ver cavalos ou andorinhas nuvens, como o velho Polónio. O que é de notar é o espirito, o sopro, a vaga de bondade, de seriedade, de tolerância, de "humanidade" larga e comovida que veio rolando e engrossando, através dos anos, sob as aparências contraditórias e os acedentes superficiais da personalidade visível.

Ora, tudo isto é interessante, por várias razões, e sobretudo pela razão de que o caso de Bilac não é isolado; ao contrário, é relativamente comum em nossa arte literária, e mais no meio literário do que em outro qualquer, apesar de tudo quanto querem fazer crer as inumeráveis detractores dos homens de letras — detractores cuja vanguarda se recruta entre os proprios homens de letras.

Uma das incontáveis seitas religiosas que tem surgido na Rússia professa doutrinas do mais remozado misticismo, banhadas de belas idealidades morais, mas permite que os seus adeptos se atuem á vontade, de quando em quando, nos mais grosseiros prazeres da carne. A contradicção afugra-se inextinguível, mas os doutores da estranha seita a explicam sem dificuldades e sem ambigües: É que a nova ecocção, se quer alcançar as delicias da contemplação e deseja eticamente prosperar, não pode perder muita coisa em soler e castigar o animal. O animal é bruto, é imbecilista, é estúpido e insociável. Occupamo-nos demasiado em corrigir-lhe e controlar-lhe os impulsos, é malbaratarmos curtos e preciosos dias que devem ser empregados á meditação ecocção, á cultura lenta e obscuro da alma. Bemos um pouco de liberdade á pasta e a besta não nos importunará á todo momento com os ganidos e os pinchos da ecocção infiracção.

Os homens de letras que amaram a sua personalidade moral parecem professor doutrina semelhante é da seita russa. Não que a tem, doutrinarmente, em-lhe liberdade do bruto naturalizado, mas dão certa liberdade aos pinchos dos nervos e da natureza de freguês melizosa e desceidas da normalidade exterior — ecocção e normalizando no infimo uma ecocção ecocção que os consola, se não se redimem de toda ecocção á propria e á athena ecocção.

Ainda um aspecto interessante do nosso poeta é o das suas teorias estéticas, principalmente se compararmos o modo como as concebeu com a maneira por que as erocção. Seria curioso e instructivo mostrar como ainda este, após tantissimos outros, e dos maiores, por um providencial e essencial decocção entre o artista que leão de o artista que realiza, poude ir muito além dos limites que previamente assignava á propria arte.

Mas a minha intenção não é dar-vos aqui um estudo, nem sequer completar a enunciação dos aspectos sob os quais pode ser encorrido a pessoa, a vida e a obra de Bilac. Eu apenas quis acenar que o nosso poeta, sejam quais forem as opiniões que formemos acerca dos méritos da sua poesia e dos méritos do seu credo, é sempre uma figura que solicita o nosso interesse por uma porção de faces e de perspectivas, como uma realidade que "é", que existe, que se impõe, que influi, que pertence á nossa história — sendo espantoso que onde tão esquecido ou desherado como se fosse um fantasma que passava ou uma alucinação desvanecida...

A verdade é, porem, que não passou. Passou apenas da moda, o que é diferente.

Quando Racine nomeava na corte de Luis XIV e era o atilado do "grand monde", conta-se (o que aliás não é bem exato) que Madame de Sevigne



Retrato de Olavo Bilac, em 1913, por a Olga Maria de Moraes, datada de 1913

profetizara: "Racine passara como le café". De fato, a moda, — o furor, o exclusivismo, o entuziasmo ego, — passou. Mas Racine ficou de pé, e lá continua imobavel e indistinctivel. E o café também ficou...

Assim, Bilac passou da moda, ou a moda de Bilac passou, mas o poeta não desapareceu da nossa história literária nem desapareceu da sobrevidência subjetiva, como uma ilha que um terremoto houvesse repellido para sempre no fundo do oceano.

É certo que os recitadoras, essas lindas paradas ornamentais da poesia, essas Catilinas brilhantes e melizosas, julgaram e bailam, hoje, sobre outros ramos.

É certo que os cavalheiros pacatos e estinaveis, que ainda outro dia pediam Bilac como quem pede pão para a boca, esolado hoje como o proprio Bilac em relação ás bebidas, nos últimos vinte anos da sua vida... De uma feita, perguntou alguém ao poeta se ele não bebia, respondeu que não bebia senão água. Estava talvez o interlocutor engatilhado um elogio a não be' exemplo de continência. Quando Bilac acrescentou: "já esgotei há muito tempo as razões que me tocam".

É certo, ainda, que a maioria dos poetas, hoje, anda afastada do credo que Bilac professava e não mais se salisfa com a indole, a maneira, o arsenal de idéias e de temas e os caprichos formais do parnasianismo esgotado. Tratando-se de confrades, poderá parecer que a eles cabia a maior culpa. Ao contrário, são os que melhor se justificam. Estão occupados e trabalhando, querem ir para diante, tem o desejo natural e necessário de fazer outra coisa...

Sim, é certo tudo isso. Mas Bilac, de fato, não passou nem passou. Passou apenas da moda, mas não elimina a montanha. Bilac foi sincero e forte demais, irradiou demasiada influencia, gozou a camarilada, demasiada profundas os hiera-

gijos da sua linguagem divina, para que tudo possa ter passado. Ele ainda vive, sem dúvida, na transubstanciação das emaladas e das reminiscências ecocção, dentro da alota de milhares de factos admiráveis, que talvez o guardem como um segredo por lhe quererem mais... A nossa terra ainda está, para muitas outras, sem dúvida, cheia de pedacos do seu espirito e de visões do seu prestigio. A nossa terra e o nosso ecocção. Ainda por esse país a fora, alhando o firmamento, as estrelas, a via-lactea, muita alma enamorada ou pensativa, querendo traduzir a sua ecocção, não achará senão frases que Bilac torjou, e solzeirá o mesmo grito no ritmo do mesmo verso.

O poeta continua a viver, e viverá de certo enquanto houver a nossa lingua. As alternativas freguês de notoriedade e de ecocção, que são o fado de todos os que sobrevivem a si mesmos, não farão senão tornar a vult luz intercadente mais sedutora e mais radiosa...



Olavo Bilac, aos 5 anos



Fútilona em que morreu Olavo Bilac

Um discurso de Alcides Maya em louvor de Olavo Bilac

CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES - CARTA DE OLAVO BILAC A OLEGÁRIO MARIANO

An gênio poético de Olavo Bilac deveremos a partir de hoje uma grande — comoção, perpetuada por nós em luminosa reminiscência: na harmonia desta apoteose, viveremos um pouco dentro do ideal de beleza e de amor que o assinala e destaca.

Da natureza e dos fins desta homenagem a um dos maiores poetas que a nossa raça há produzido, eu não diria com verdade se, antes de tudo, não exprimisse a gratidão que sentimos por havermos deparado na obra artística de um compatriota razão e objeto para tão alto e sincero culto.

A personalidade de Olavo Bilac, emoldurada em formosa e conhecida legenda literária, dispensa bem o meu elogio crítico; o sentido ideal desta festa ressaltará dos versos que não ouvir, ditos por lábios em flor de mulher e sobre os quais maravilhosamente poissaram em virtude os olhos de sonho de tantos poetas. Mas, apesar do caráter secundário da breve saudação de que me incumbiram generosos confrades e amigos, consideradores do excelso artista, sinto que me assiste o direito de fazer algumas afirmações.

A primeira e que, qualquer que seja a orientação de cada um de nós, celebramos o nome de Olavo Bilac acima das escolas, como grande poeta que é, não só no presente do nosso país, mas também na evolução da língua portuguesa. Ele pertence ao pequeno grupo de artistas brasileiros que souberam conquistar a beleza pura, eterna e universal, mais raríssima na simplicidade perfeita que a recebe.

Filho de uma pátria ainda tumultuária e rude na expressão, infeliza dos seus grandes destinos, não perdeu no exame apaixonado das velhas civilizações o feltro inconfundível do espírito americano, a personalidade originalíssima de sítio tropical, o vago, distante, mas formoso ideal — antes presentimento do futuro entre nós, que positiva norma ética, — de bondade, de justiça e de paz.

E por isso um tipo representativo: tem a intuição da alma coletiva que havemos de formar, nos poucos, confundindo-

se, em impulso divinatório, com o nosso porvir.

E, por isso avulta solitário ao lado dos seus irmãos solitários... A nossa pátria é um sonho de nacionalidade que a Arte, mais que a política, ha de realizar no futuro; e se se lograsse fixar aqui num símbolo a tragédia espiritual em que nós, os artistas brasileiros, vivemos, extinguindo numa sinthese luminosa as contradições em que nos agitamos, teria explicado o motivo primordial da nossa homenagem ao Poeta que se nos antolha uma das mais fulgidas expressões de um limbo sonho nacional de civilização própria.

Ardua e dolorosa é, no Brasil a vida de pensamento, porque, sendo, como somos, um povo oriundo de vários improvisos e de vários acasos históricos, — povo que é um resumo de povos reunidos num princípio de nova era humana, — predominam entre nós por enquanto os impulsos de choque, ou de divergência e de utilidade de material, ou de egoísmo e há um dissenso inevitável entre as preocupações imediatas do meio e os nobres e deliciaes mistérios da Arte.

Em todas as sociedades, o poeta é um ser de exceção, seletor supremo de energias, revelador da natureza, que ele prefere sempre retocar e aperfeiçoar.

Colocado diante da Vida e do Mundo, espiritualiza o Mundo e a Vida, submete a Matéria à Visão, transfigura em vez de copiar, não reproduz, mas sublima os aspectos e as coisas.

O Belo é, sem dúvida, uma função, matematicamente registavel, da ordem, isto é, das leis que nos dominam; mas, o gênio, que lhe apreende as relações, é, por isso mesmo que as percebe, e, assim, o formula, um agente de transfiguração.

Sendo o herói consciente, é o gênio o supremo herói: os outros heróis, os da Acção, são gênios incompletos, ainda quando conseguem ligar o nome a vastas transformações.

Os grandes poetas são violências sublimes e fecundas, porque se fundam em rigorosa seleção de tipos, de linhas, de sentimentos, de idéias, com o

sacrifício, inflexivelmente consumado, das formas inferiores ás formas superiores. A poesia, nestes termos, vale sempre mais que a realidade: — é a realidade — é a realidade alterada para melhor, espiritualizada, sublimada.

Todo artista arvora um labor de revolta, justamente porque é um criador, — não de revolta contra indivíduos, classes ou instituições, — de revolta em defesa da Vida, que para ele é o Belo, nas suas normas imortais e serenas. Mas, nas sociedades de evolução, — e não de revoluções, — nos agregados normais, em cujo seio até as crises revelam certo ritmo, se os grandes artistas desentiam, elementos há que os sollicitam, explicam e auxiliam.

Imaginai, ao contrário, o nosso caso, não direi brasileiro, pois é americano do extremo norte ao extremo sul do continente.

Aqui, a idealização da natureza e do homem — fenómeno supremo de unidade moral na vida das nações, — indispensa à sua plena constituição e ao seu triunfo definitivo, lembra tenue miragem sobre um plano safoiro, adusto e fulvo de deserto. A solidão é imensa em torno; há o nostalgia das paragens humanas de agitação e de beleza; improram, em assaltos e surpresas, forças inimigas quase inextinguíveis; e é um prodígio de coragem cada passo avante.

A América, sociologicamente, é um fenómeno imprevisto de dinâmica social. Comparada á dos velhos povos, a nossa existência é como um paradoxo.

A transformação europeia, a partir da descoberta do Novo Mundo, tão intensa e rápida que até hoje desequilibrou o ocidente, é a condição essencial do futuro que nos espera, mas, ao mesmo tempo, o nosso mal de raiz.

Em virtude desse movimento, responsabilidades excepcionais desbararam sobre nós.

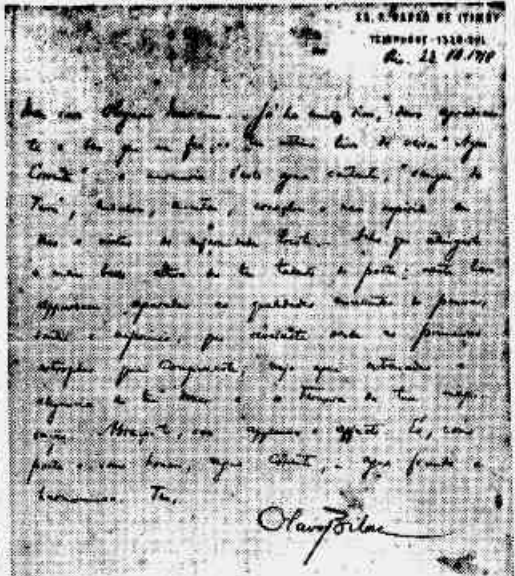
Ao chegarem a estas costas os descobridores, ao se fixarem através delas, os primeiros colonos e ao partirem da orla litorânea os bravos batedores iniciais do sertão, não era naturalmente designio deles, — designio conciente, ao menos, — a fundação de pátrias novas.

Tinham outros moveis. As pátrias, porem, foram se formando, reunidas affim em idéico ideal de um grande berço comum.

Vencidas as dificuldades da primeira aspérrima conquista do meio, nasceu a idéia do Brasil, uno e grande, com uma gloriosa missão a cumprir no cetero dos outros povos.

E, para que a cumprisse, era lei do seu destino que a nós próprios nos vendicássemos, afim de que ele sobrepuzasse, em primeiro lugar, a sua fatalidade de país colonial, indocado apenas a exploração das terras opulentas que possui, e, depois, (de hoje em diante), que a nós próprios nos excedamos afim de que ele se reduza ao papel de país meramente político, do tipo democrático revolucionário moderno, e saiba elaborar um vasto programa futuro capaz de ser a síntese das civilizações anteriores, de que procede.

Mas, a luta continua brutal. Há o combate dos homens entre si e deles com a natureza. Há a batalha das línguas, das religiões, dos princípios. A neutralidade civilizadora desta zona é feita de sangue e de lágrimas, de suor e de lágrimas, de entusiasmos e de esperanças, mas sempre de lágrimas. Os que marcham na frente são constantemente ameaçados pelos que os seguem. Os primeiros cansam e tombam, vencidos e desprezados, e sombra do



Carta de Olavo Bilac a Olegário Mariano, em agradecimento á oferta de um exemplar de "Agora Correio"

pendão dos novos, que nem sempre é a mesma insignia de raça, que se desdobra ás vezes como estandarte rival. Os mais fortes são os mais recentes: e sobre os núcleos mal estratificados abate a perturbação nos seus usos e nas suas crenças a onda invasora, vinda dos grandes centros, dos grandes mercados, ávida de lucro material, sem incentivos de fé, sem os herenlivos. — por exemplo, — da velha fé ibérica...

Que lutadores prevalecerão? que outras gentes: — sangue e braços, espirito, energias, aparelhos de progresso, — virão competir conosco? que alma nos dará o complexo das circunstâncias em que nos desenvolvemos?

Para difficil responder; mas, de uma coisa estamos convencidos, felizmente: a flor de sonho, no Brasil, a flor de sensibilidade, que na obra de Olavo Bilac vive e vibra com aroma e coloridos novos, brotou da sementeira lusã.

A Pátria, pois, poderá ser nossa; a miragem poderá tornar viva a sua projecção ideal; a perspectiva de sonho poderá talvez sobrepor-se ao plano real, amortalhado no deserto ou, a espaços, investido no atropello das invasões mercantis inevitáveis...

Senhores — Estamos reunidos em torno de Olavo Bilac fiéis ao pensamento de que, a despeito de todas as duras e de todos os desganhos desta época, devemos animar do nosso estro o Brasil que amamos e cuja vida desejamos que seja a nossa própria vida; porque não queremos que ele seja apenas uma serie cosmopolita interminavel de armazens, de docas, de bancos, de estradas de ferro; porque acima dos depósitos de mercadorias, das officinas, das pontes, dos campos de ciliação, das colônias, almejamus que paire um grande ideal de amor, de justiça e de brleza.

Só existe pátria se há poetas, — quando há um Camões, como em Portugal, um Dante, como na Italia, um Shakespeare, como na Inglaterra, um Cervantes, como na Espanha, um Goethe, como na Alemanha.

Estamos aqui affim de exaltarmos a lingua portuguesa no seu fulgido avatar americano; o espirito do Novo Mundo Latino, que não será latino apenas na limpidez e na correção das formas, mas sobretudo na orientação da cultura, na tendência redentora, no pendor universalista; e, finalmente, á Arte, que, apesar de esquecida e desde-

nhada, representa a mais completa, desinteressada e resistente afirmação da nacionalidade.

Olavo Bilac — Na tua Arte, que nos recorda a Grecia na majestade sobria, perfeita e viva dos seus marmores; que nos recorda o Oriente na opulência sensual da sua poesia de amor, entrelaçada de mitos milenários, em que o homem e a natureza se confundem no mesmo ânsio de luz, de simbolo e de desejo; que nos recorda na melancolia sentimental a alma luter de balada cavalleiresca do romantismo; que nos recorda, na subtileza e no fino lavor, na harmonia do metro, no rendilhado da frase, no tesouro das rimas a delicadeza parnasiana de Franca; mas que não é apenas a Grecia, nem o Oriente, nem a Europa moderna, porque já é também o Brasil; na tua Arte, que se acachoa nas águas impetuosas dos grandes rios e conhece a sotrnia poesia da selva americana e tem a amplitude dos nossos horizontes e segue a rota, semeada de cadáveres, das bandeiras avulsas, e ouviu as queixas do alma abençoada tupi; na tua Arte, que soube consagrar em verso novo a graça nova, tão original, das nossas mulheres fragais e pequeninas, tão da terra que as criou gemeas em esbeltez da palmeira e da garça; na tua Arte admiravel, que realiza o milagre de converter em discreta e luminosa bondade, mestra suave de justiça, de afeto e de paz entre os homens, a tua experiência desconsolada da Vida; nos teus amigos e confrades mais novos — fortes como tu para a luta que tanto tens honrado — saudamos a alma da Pátria futura, que havemos de servir e impôr com o nosso sangue e com as nossas idéias.

"Caretta" — 26-7-913



O dr. Brm. Ma. Uze dos Gu. marcos Bilac, pai do poeta.



Uma caricatura de Olavo Bilac, feita por Figueiroa

PELA GLÓRIA DO POETA

(Continuação da p. 456)

Quem levanta aquelas objuratórias, não se conhece, sendo brasileiro, ou nunca leu o poeta, cujas rimas líricas assim se multiplicavam:

inda hoje, o livro do passado abreindo,
Lembro-as e punge-me a lembrança delas,
Lembro-as, e vejo-as, como as vi partindo,
Eufas cantando, soluçando aquelas
Umãs, de meigo olhar, piedoso e lindo.

Bob as rosas de neve das capelas,
Outras de líbios de coral, sorrindo,
Dissimulo o selo, líbicas e belas...
Todas formosas como tu chegaram:
Parlaram... e, ao partir, dentro
em meu seio,
Todo o veneno da paixão deixaram.

Mas, oh! nenhuma teve o teu encanto,
Nem teve olhar como esse olhar
De luz tão viva, que abrasasse tanto.

Poesia brasileira sei que os críticos
Hoje, apenas reconhecem a
de Catulo Cearense e de alguns outros
apreciados socosores de viola
do arfão, a quem dão nome a canção,
construído como a língua nacional.
Este Brasil tem de se extinguir,
não há dúvida, num
choro de sanfona, por noite de luz
sereno, quando o canção, que
já está invadindo as capitais, cozer
a um tiro de bacamarte, em
definitivo, todos os nossos pruridos
de cultura. Já reconhecida inútil
e desnaturalizadora. Mas até lá,
antes de Catulo assumir a ditadura
desta pobre nação aterrorizada
por amor do analfabetismo, consigna-
re a memória dos que ainda sabem
leer e falam a língua portuguesa,
e através dela limpem no mundo
a feição de sermo, um povo civi-
lizado, dividir em Bilac um dos mais
perfeitos intérpretes da sua arte,
das suas idéias, da sua gran-
deza e até dos seus defeitos. O
Brasil — com os diabos! — deve
ser alguma coisa mais do que os
serões quase desertos, que a falta
de estradas, as onças e as secas,
sem o frabuco dos cançaceiros,
formam inacessíveis. Eu acho
sempre muita graça nos nacionalis-
tas que, de comum, sóham os mais
serenos brados da propaganda em
plena Avenida Central, de onde
não saem nem amarrados, e alongam
olhares babosos pelo interior
bandeirantes de conversa fiada, a
falar como chancela dos seus ar-
gumentos: a arte grega, meritosos
franceses e algum latim. Acha-
mos graça, e volto a minha admi-
ração, cada vez maior, para figura
como Bilac, cuja arte me sa-
nada os nervos e me leva a amar
com ternura a língua que ele enri-
queceu, e com que eu me romanicou,
de pouco a pouco, com os meus filhos,
brasileiros que desejo sejam sempre
bons brasileiros. E estes já conhe-
cem o poeta, sem ter lido a Tentativa
de Xeneizes; leram-lhe os
versos escolares em que a infância
se aborça do bom sentimento da
pátria, na sua expressão, mas ele
vinda e no seu sentido mais eloquen-
te. Ai se deparar o Conselho de
D'Arcy posto em música, saltando
de hematológico que se saemelhiam
a favos de colmeia, e que honram
uma literatura. E não é esta a nota
mais fulgurante da sua obra.

Detemo-nos a dormir um por. Ele
merece essa paz no grande sono,
porque viveu a vida com intensi-
dade e brilho, cumprindo a sua
missão gloriosamente. Nasceu poeta
e poeta morreu. Não lhe exclamam
a meticulosidade dos que nasceram
comerciantes e tiveram de se inte-
grar no fatalismo desse destino. Ai
graças amáveis da existência, o culto
da arte imortal, as virtudes ilus-
tres dos estetas predestinados, cul-
minaram como cimos ideais, coroa-
dos de rosas e de estrelas; na obra
do bardo morto. Não injurlemos
muito facilmente na morte quem deixou
ao nosso patrimônio intelectual
tanta beleza inimitável.

Para alguns justos do nosso furor
monocasta, há uma infinidade de
vivos que, entre exclamações, sonh-
res como o vício, por aí sopra or-
mesiam. Estes são deixados de si
pulsas e o atestado da nossa covardia
no suportar ou apazidar a sua filia-
da triunfante. Pelo menos, de Bilac
ficaram os seus versos; e os
seus inimigos, mesmo quando lhe
destruíam a sepultura e as flores
amigas que a cercam e perfumam,
não conseguiram nunca tirar da
própria memória essas entrosas má-
gicas, esses filtros divinos, que nin-
guém esquece mais — por mere-
dos desses — uma vez experimen-
tados e saudades.

(Correio da Manhã — 15-1-1919)

OLAVO BILAC,

Sabendo tudo, já que tudo queres saber. Três anos passava sobre essa negra tragédia. E ainda hoje tenho tudo presente à memória, e ainda te faça esta pergunta, que há três anos dirija a mim mesmo, todos os dias sem lhe achar resposta: — Foi um crime o que eu fiz?

Quando Otávio me bateu à porta, às dez horas da noite, eu tinha um livro aberto diante de mim. Não lia. A colera, que me agitava durante toda a tarde, sucedera uma grande prostração. Parecia-me sem vontade a minha desgraça, depois daquela certeza, daquela terrível certeza...

Amá-la como eu a amava, com a decepção nunca saciada de a possuir, afrontar tudo, cometer a crime de lhe dar certo durante dois longos anos, persegui-la por toda a parte, ter de viver numa constante dissimulação com o marido, ouvir-me a toda hora elogiado por ele, comer-lhe os jantares todos os dias, só para estar junto dela — dissimular afinal, considerá-la honesta, reputá-la o modelo das esposas, passar do amor à veneração, consolar-me com a minha derrota. — e, de repente, aquela certeza de que a minha amiga só para mim era santa, e humanizava-se com o "outro", na suprema delícia que eu tanta ambicionara!

Eu e Otávio íamos dois inseparáveis. Ligados por um parentesco lanquino, quase com a mesma idade, separámo-nos quando tive de ir ao norte buscar a minha carta de doutor, deixando-o a estudar a seu terceiro ano de medicina.

Nos cinco anos que durou o nosso apartamento, correspondiam-nos sempre — cortas de amigos, cheias de confiança e de saudades. Uma dessas cartas trouxe-me, poucos meses antes da minha formatura, a notícia do seu casamento. Casou-se com uma menina árfa, que ele encontrara em casa de uma tia, no Engenho Velho.

A carta, longa e apuximada, fechava com este trecho: "Ema, que está do meu lado, vendo-me escrever, manda-te um grande abraço. Já te estima extraordinariamente, mesmo sem conhecê-la".

Em poucos dias, numa radiante manhã de domingo, vendo aproximarem-se do navio que me trouxera escutores e lanchas, cortando a água verde batida pelo sol, — a primeira fisionomia conhecida que laborgei foi a de Otávio. Dizia-me adeus, muito alegre, mais gordo, num jato de casimira clara. Ao seu lado, toda de branco, acenava-me com o lenço a mulher. Alta, esbelta, de um moreno dourado, grandes olhos profundos, boca pequena e vermelha; sob a chapéu de palha desabado, via-se os cabelos, fartos e negros. Foi ela quem abriu primeiro a escada. Veio a mim, naturalmente, sem embarço, sem me chamar — doutor, — com uma conjunção que me calçou desde logo:

— Bom dia, Jaques!
— Minha senhora...

E cai nos braços de Otávio. Ao almoço, em casa deles, ficamos parte de quatro horas à mesa, mantendo saudades. Ela tomou parte na conversa, com uma adorável tagarelice de dezito anos. Examinava-a. Deliciosa de graça e de beleza. Tinha a pele finíssima, a orelha pequenina e delicada, como uma concha preciosa.

Quando olhava para o marido, velavam-se-lhe os olhos de carinho, meigas, deliciando-se na contemplação dele.

Desse dia, — foi talvez o dia mais feliz da minha vida! — nasceu esta irremediável desgraça. Não fosse ele, e eu não teria cometido aquilo que ainda agora mesmo te pergunto se foi um crime...

Amava pelo hábito de vê-la todos os dias, de sentir-me todos os dias ao seu lado, de ouvi-la, embriagado pelo seu aroma, deliciosamente abuzado pelos seus grandes olhos profundos. Tratava-me sem cerimônia, como a um irmão. Consta-me, confiadamente, com os olhos muito perto dos meus, — quando Otávio saía a ver algum doente e ficávamos sós, — a sua vida antiga de menina pobre, sem distrações, junto de uma tia tabuente, na enorme casa triste da Engenho Velho; o seu namoro com Otávio, as dificuldades que apareceram para o casamento. — Ela, orfa e pobre, ele, médico novo e sem cênica; e ia por diante, falando muito do marido, elogiando-lhe o talento e a bondade. — torturando-me.

Com o "outro" era muito mais fria do que comigo. Chamava-se Barbosa, ia lá às vezes jantar, mas comumente só aparecia à noite. Era um moço rico, baixinho, jantava, olhos piscos por trás dos vidros grossos de um "pince-nez" de ouro, roupas espalhafatosas, muito conversador. Quando fomos apresentados, — ainda crês em pressentimentos? — não antipatizei com ele. Achei-o vulgar, nem bonito nem feio, nem tolo nem inteligente. — suportável. E nunca me passou pela idéia que amasse Ema; tratava-se com respeito e era tratado com frieza.

Continuei a amá-la. Depois da época do amor contemplativo, veio a outra, a da febre. Achei-me idiota — amando uma mulher, sem lho dizer. Possui-me da ambição insaciável da gozila. Fui perseguido pela sua lembrança, pelo seu olhar, pelo seu cheiro, sem tréguas, de dia e de noite. Luiz deixou de vê-la. Jaques arrastava-me para lá, chamando-me ingrato.

Uma noite conversávamos os três.
O "outro" não viera. A campainha relinhiu: era um chamado — vinham pedir a Otávio que fosse imediatamente socorrer um doente.

Ficamos sós. Ema principiou a folhear uma revista ilustrada.

Na sala de jantar, silenciosa, ouvía-se apenas o tic-tac do relógio. Não sei o que me deu coragem. Tomei-lhe a mão, beijei-a, ajorhei-me, disse-lhe tudo, que a amava, que não há dias mais com aquela tortura.

Ema, pálida de surpresa, levantou-se.
— Oh! mas enlouqueceu, Jaques? levante-se!
— Ema!

Basta! não me insulte.
E repeliu-me com violência.

Sai, corrido de vergonha. Deixei de ir oito dias. Quando Otávio me procurava em casa, o criado tinha ordem expressa de lhe dizer que eu saíra. Mas encontrámo-nos na rua. Que me havia ele feito? que queria dizer aquilo? nada! havia de ir jantar com ele, ir, ainda que à força. Fui. Ela recebeu-me com mais carinho do que nunca. Na meiguice com que me tratou, pareceme ver uma certa piedade comovida, pela minha paixão impossível. Não se referiu à cena que eu fizera. E senti desde então o meu amor transformar-se em veneração; desanimei.

Mas, naquela tarde...

Desci a rua do Ouvidor, quando me senti agarrado pelo braço. Era o Barbosa, o "outro". Tremia, muito pálido.

— Venha cá.

Levou-me para o fundo de uma confeitaria. Deixou-se cair na cadeira, estenuado:

— Que desgraça, doutor! que desgraça!

Eu olhava-o, espantado. Mas o côncavo aproximava-se. Barbosa pediu cognac, bebeu três cálices, de pancada, e com a cabeça entre as mãos, começou a falar rapidamente, confundindo palavras; precipitando frases, de um jato. Fiquei sem movimento e sem voz, fulminado. Ele falava, contactava. Havia ano e meio que era amante de Ema. Eu com certeza nada tinha suspeitado! Poderia tomá-lo tantas precauções... Nunca se encontraram em casa do marido. Davam-se entrevistas durante o dia, duas vezes por semana, em casa de uma tia dela, no Cosme Velho. Ano e meio... De repente, que desgraça! que desgraça!... Para Ema quem lhe mandara dizer, em caria.

— Veja.

Estendia-me um bilhete amarrotado. Era uma letra muda, trêmula, lançada à pressa no papel: "Estamos perdidos. Ele sabe tudo. Mandaram-lhe uma carta anónima. Murchou, com certeza..."

Não sei como não estrangulei aquele miserável! Continuava a falar, perguntando-me o que devia fazer. Mas não o ouvi. Saí, cambaleando, com uma nuvem de sangue diante dos olhos, andei ruas e ruas, cerrando o punho, cravando as unhas na carne, sego. Vaguei toda a tarde sem destino. Que sorpezal com aquele insignificante, com aquele idiota!

Quando entrei em casa, já noite, andava-me a cabeça à roda. Mas seria possível? Como não tinha eu surpreendido nunca um sinal entre os dois, um olhar, um tremor de voz? Como não tinha eu visto nada, absolutamente nada?

Não pensei em Otávio.

Naquela grande desgraça, não me lembrei dele, tão meu amigo, tão nobre rapaz, tão digno, traidor daquele modo, fulminado por aquela vergonha. Quis ainda esquecer-me de mim, procura-lo, lastimá-lo, consolá-lo. Mas, a meu pesar, lembrou-me apenas de mim, que durante dois anos seguidos a tinha unido em silêncio, respeitando-o.

Que papel, que papel tinha eu representado! Pingida não aquilo fingido o seu modo recatado de esposa digna, fingido o seu carinho pelo marido, fingido a indignação daquela noite, na sala de jantar... Por que não a ajorrei violentamente, por que não a amei ali mesmo, quando ela por certo não esperava sendo pela primeira violência para veder, como uma idióta que era? Como pude ser tão inepto, que tomara por surpresa de honestidade o que era apenas requinta de facerite? E compreendi até que ponto a minha amizade fora sujocada pelo meu amor: o que eu sentia agora por Otávio não era já comisseração — era desprezo.

O traidor era eu, era eu, que a amava; e parecia-me que ele era o único responsável por aquilo, como se tivesse o dever de vigiar a mulher, só para que eu não fuisse traidor.

Enfim, estava feio. Ele que se arranjasse... Eu que podia fazer?

E num grande desatento, alquebrado pela colera que me sacudira todo, olhava às dez da noite, para um livro que não lia, tristemente. Foi quando ouvi bater à porta. Quem poderia ser? Barbosa, talvez... Era melhor não abrir. Mas, reuni-me a voz de Otávio.

— Abre, Jaques!

Aprestei-me. Entrou, muito calmo, apertou-me a mão, estirou-se na cadeira de balanço, dizendo-se cansado. Fiquei sem saber o que havia de lhe dizer. Espantava-me aquela tranquilidade: estaria o Barbosa louco? seria tudo aquilo uma invenção?

Otávio pegou no livro:

— Que estavas lendo?

E, sem esperar resposta e sem olhar para mim:

— Por que não apareceste ontem e hoje?

— Muito trabalho...

Ele levantou-se de um salto, abriu o livro ao chão e, segurando-me pelas ombros, com os seus olhos nos meus, disse, entre dentes, num tom surdo:

— Minha mulher enganou-me. Tu sabes disso...
Tive o poder de dissimular.

CONTISTA - O CRIME

— Como? estás doido, Otávio?
— Sabes!
— Não sei nada, filho. É impossível! Quem te meteu isso na cabeça?
— Ele sentou-se, calmo outra vez.
— Ouve. Não estou do do. Preveniu-me uma carta, com a indicação do lugar, da hora, todos os detalhes. Fui e vi-a entrar. Engana-me. Engana-me com o Barbosa, com aquele miserável. Tu sabes?
— Não sabia, acreditá!
— Que infâmia!
— Deu alguns passos pelo quarto, agitado, tomou o chapéu.
— Vem daí. Vamos andar. Isto aqui sujoca.
— Saímos. Aquela hora, quase deserta a praia de Botafogo. Fomos seguindo calados o paredão do cais, pela noite serena, cheia das vozes do mar, cheia da pulsação das estrelas. A praia estendia-se, recuando a longa reticência luminosa das lâmpadas. De quando em quando, um carro passava, descoberto, a toda disparada, transbordante de risadas e de cantigas. Otávio, de cabeça baixa, vergastava o ar com a bengala.
— Então tiveste um idêntico covarde. Por que não aproveitar aquele ensaio de vingança? por que negar que sabia? por que não aproveitar o marido ciumento contra o rival odiado?
— Ele parou:
— Tu sabes, Jaques...
— Revi contra a tentação.
— Não sabia. E mesmo não creio. Que provas há?
— Digo-te que a vi entrar.
— Mas, sabes lá se é a casa de alguma amiga?
— Jaques, fala com franqueza! estás mentindo. Sabias.
— Não! eu não podia cometer aquele crime, seria' uma abjeção...
— Mas, ele insistia:
— Sabias, Jaques?
— Não pude mais resistir:
— Pois bem! sabia.
— E disse o que sabia e o que não sabia, inventei episódios, errei minúsculos, reduzi Ema às proporções de uma "coquette" vulgar, pá-la nua, mostrei-o entregando-se ao amante, numa casa alugada, alarguei cruelmente a ferida que o desgraçado tinha no coração, envenenei-a, aqueci todo o seu ódio de marido envenenado contra o Barbosa, aumentando-lhe e agravando-lhe a culpa, com uma perversidade sem nome.
— Que infâmia! que infâmia!
— Estive um momento calado, olhando o mar que estourava contra as pedras, espumante. E, de repente:
— Basta! não falemos mais nisto. Vamos para casa.

Morou perto de mim, deixou-me-ás à porta. Falemos de outra coisa.

Mas, não falemos de coisa nenhuma. Fomos andando em silêncio, de braço dado, até que, à porta da casa dele, voltei ao assunto, já arrependido do que fizera.

— E, agora, que tencionas fazer?
— A ele? Nada. Ela ofereceu-lhe, ele aceitou-a. Demos, não era meu amigo. Sim! eu nunca o chamei amigo...
— E a ela?

— Nada também. Corria de casa, a pontapé, como uma ladra. Olha! vou ver se durmo, tenho a cabeça a arder. Vem cá, de manhã. Leva-la-ás para a casa da tia. Livro-me dela, venho tudo, vou para longe daqui, para onde ninguém saiba desta vergonha! Boa noite...
— E abriu a porta. Quis ainda detê-lo. Ele impacientou-se.

— E isto, filho! Vem amanhã, cedo. Não posso mais falar nesta inundação. Boa noite.

Entrou. Ouvi o rumor da chave, fechando a porta, ouvi passos pela escada acima.

E a casa, na rua deserta, ficou silenciosa, escura, indiferente, como nas outras noites, quando eu saía dali, tarde, despedindo-me no topo da escada de Ema e Otávio, muito chegados um ao outro, muito felizes.

Tive remorsos. — Que iria ele fazer? Se matasse o Barbosa, não seria eu o verdadeiro autor desse crime?

Mas aquele dia de emoções violentas acabara por amiguiar-me. O que eu agora queria era esquecer-me de tudo, fugir de tudo, dormir ou morrer, contanto que não pensasse mais naquilo.

Aitreei-me à cama, sem consciência.
— Dia alto, acordei, sobresaltado. Alguém me abalara a porta, violentamente, gritando.

Fui abrir. E Barbosa precipitou-se no quarto com a fisionomia torcida de terror, alucinado. Abraçou-se a mim, chorando. Tonto ainda de sono, fiquei sem compreender coisa alguma. Ele chorava, sem poder falar, sujocado pelo choro. Ajinal, sempre pude entender; Otávio assassinara a mulher.

Contou-me os pormenores. De manhã, não se podendo conter, fora ruidar-lhe a casa. Havia muita gente à porta. Disseram-lhe que o dr. Otávio matara a mulher a tiros de revolver, que já fora preso; que a polícia tomara conta da casa.

Vesti-me não sei como, corri para lá. Dois soldados à porta não me queriam deixar entrar: empurrei-os, subi a escada a quatro e quatro. Na sala, guardado pela polícia, o corpo estava no chão, estendido sobre o tapete. Nenhuma pessoa da

(Continua na pág. 464)

REUNIÕES DE OUTRO TEMPO

Viriato Correia

Quando eu era menino, havia uma expressão muito usada nas rodas boémias do Rio de Janeiro — "a casa do Cardoso". "A casa do Cardoso" era lá em casa, isto é, era a casa de meu pai.

Quem assim nos falava era o escritor teatral Cardoso de Lencózes, presidente da Sociedade dos Autores e autor de "Arista, Felipe", do "Pé de Anjo", do "Zé Pereira" e tantas e tantas revistas de êxito ruído.

Cardoso de Menezes vem de uma família ilustre, a ilustre família Cardoso de Menezes, que o Brasil inteiro conhece pelas suas tendências artísticas, principalmente pelas suas tendências musicais. São homens e mulheres todas artistas. Não há um Cardoso de Menezes que não tenha acentuados pendores de arte. O velho Barão de Paranapiacaba, tradutor de La Fontaine e conselheiro do Império, era Cardoso de Menezes, avô do atual presidente da Sociedade de Autores.

— A casa de meu pai talvez fosse a casa que a boémia literária de cinquenta anos passados frequentava com maior assiduidade; continuou Cardoso de Menezes. A geração de hoje não sabe quem foi o homem a quem devo a existência. No entanto ele representou nos meios artísticos do Brasil um dos papéis mais brilhantes do seu tempo.

— Chamava-se...

— Antonio Frederico Cardoso de Menezes — o Cardoso — como todo o mundo o conhecia. Homem de pulso. Como funcionário público alcançou no Tesouro Nacional o mais alto posto — diretor das Rendas Públicas. Como intelectual foi tudo: poeta, jornalista, músico, autor teatral, o diabo. Conseguia ser no Rio de Janeiro um dos mais interessantes "virtuosos" (Continua na pág. 463)

AS "POESIAS" DE OLAVO BILAC

RAUL POMPEIA

O castigo dos críticos, inventado para desfazer o que os artistas fazem, para a missão ingrata da análise, que estraga a primavera com a anatomia das flores, é que, afinal insensibilizam-se para o prazer da admiração. Onde todos encontram despretensiosamente a graça, o crítico perscruta o processo e acaba por perder a sensação do cenário, à força de espiar o reverso dos bastidores. Conspira a crítica contra a crítica.

O melhor sistema de apreciar um livro é o do leitor comum, que o sente despreendido de teorias, aferindo imediatamente pelo gosto e não pelas regras, com o propósito de ver conforme o autor nos mostra, acolhendo o sentimento como o sentimento se compreende, admirando sem discutir a admiração, agradecendo no fim ao escritor o benefício moral da leitura.

Caso rejeite, rejeita, igualmente sem análise, respeitando a inviolabilidade da arte e a superioridade do artista, segundo a modestia ordeira que bem compreenderem os arquitetos, construindo o palco acima da platéia, a tribuna acima do auditório.

Estudar o critério dos admiradores viria a ser a crítica indireta da obra, se poderia então julgar sem dissecar.

Excluídos da opinião, mais que os outros artistas, estão os poetas, principalmente o poeta do amor.

É o caso das Poesias, de Olavo Bilac:

"Pouco me pesa que meus sorrisos
Desses versos puríssimos e santos!
Porque, nisto de amor e íntimas praxões,
Dos louvores do público prescindio."

Há como a porta fechada de um templo. Tem-se que contemplar de fora o monumento harmonioso, salvando a vantagem resultante do ponto de vista afastado.

O leitor de gosto, que assim o julgue, terá a mais agradável impressão, gozará plenamente a correção e a beleza daquela espécie de romance lírico, em que o poeta historia e metrificou os seus entusiasmos. Romance lírico, digo, porque as composições filosóficas e de gênero descritivo que aparecerem raramente no volume não lhe alteram a feição geral.

O livro está dividido em três partes: Panoplias, Via-Lactes e Sarças de fogo.

Na primeira, de versos fortes, como o nome indica, o artista emana-se em composições enérgicas, alexandrinos épicos, para demonstrar os seus recursos na poesia objetiva.

Já nesta parte destacam-se alguns trechos e o admirável poemeto Sonho de Marco Antônio, denunciando o ardor do lírico:

Que importa o império e a salvação de Roma?
Roma não vale um só dos beijos dela.

Na segunda parte, o sentimento expande-se franco num turbilhão de imagens luminosas, estrelas em profusão, dando o motivo do su-título, formas vagas e leves:

E os céus se estendem, palpitando, cheios
Da tépida brancura fulgurante
De um turbilhão de braços e de seios.

O artista celebra a sua paixão com a mesma intensidade por uma série de trinta e cinco magníficos sonetos, onde a inspiração sobe tão alto que dir-se-ia guiá-la a visão de Beatriz:

Quando cantas, minha alma, desprezando
O envólucro do corpo, ascende às belas
Almas etéreas de ouro, e, acima delas,
Ouve arcanjos as cítaras pulsando.

Na terceira parte modificam-se os hinos. O elevado platonismo brutaliza-se numa reação carnal, agitada, cheia de gritos, como uma desforra da candura anterior (poesias IV, VI, XII, XVI, XVII, XIX, XXI), afogando-se na orgia ditirâmbica aquele remorso enuciado na Via-Lactes:

Viver não pude sem que o fel provasse
Desse outro amor que nos perverte e engana.

Ainda nesta parte vibram serenamente algumas estrofes que parecem deslocadas da segunda e que repousam a exaltação fogosa; por exemplo, os dois interessantes sonetos "Quarenta anos" e "Vestígios", onde a alma amorosa do cantor condesece com a velhice e canta as saudades da antiga formosura.

A inspiração equilibra-se do desvario febricitante na Tentação de Xenócrates, com que o livro acaba, que é o poema da austeridade lírica, versos soberbos, que revelam o poeta tão habi no tom médio da narração, como nos êxtases do elevado amor ou nos espasmos rimados das composições anacreonticas.

Olavo Bilac não é um parnasiano, embora pareça diz-lo a Profissão de fé, com que abre o volume:

"Lavejo a ovelhas quando acrevo..."

Tem a forma fácil e a inspiração ardente, traços que o removem para longe da escola dos Kuzaux et Caméas.

Seria até um atrasado, se houvesse datas para o talento, porque, como não tem a impassibilidade parnasiana, não tem do mesmo modo a tortura da concepção que caracteriza os modernos sentimentalistas franceses.

O ritmo dos seus versos é natural e variado, sem abuso de onomatopéias, esse auxiliar da cadência tantas vezes grosseiro no emprego. Na qualidade de manejador destro do ritmo, adota com felicidade todas as formas de metrificacão e de estrofe. Como modelos de justiça e graça do ritmo podem ser citados, a compasso de adágio, a calma solene da Ronda Noturna:

E ao claro de uma lâmpada tremenda,
Do claustro sob as táctas arcadas,
Passa a ronda noturna, lentamente.

E a Marinha, o extremo oposto, um delicado subterfuge de silabas inquietas:

Sobre as ondas oscila o bate! docemente...
Sopra o vento a gemer. Tremte enfusada a vela.
No agas manes do mar passam tranquilamente
Vários traços de luz, brilhando esparsos nela.

As imagens usadas são quase sempre abstratas: "Amar ao dia a terra horrenda que negroja" (pág. 153); "Vim de longe seguindo de erro em erro, teu fugitivo coração buscando" (pág. 66), ou de visões fantásticas.

As imagens concretas são breves e precisas. Por um lapso podem ser contraditórias, como n'a morte de Tapir:

No alto a primeira estrela o caliz de ouro abre...
Outras vieram... e, em breve, o céu de lado a lado
Foi como um café real de pérolas coilhado.

Com os ligeiros senões que se queira descobrir e com as evidentes qualidades, as Poesias, de Olavo Bilac veem decorar como uma verdadeira preciosidade a biblioteca da nossa literatura.

O PATRIOTISMO NA VIDA DE OLAVO BILAC

(Peroração de uma conferência) — Rosalina Coelho Lisboa

Foi assim que, a formidável ação de uma personalidade independente incitou, no Brasil, uma nova era de tentativas re-educadoras, de esforços concientes, de aceitação de desejos, unida pela coletividade. Essa alvorada fraternal, essa alvorada frmente de anseio de colaboração individual nos destinos do país, esse impulso, espontâneo arrojo de sacrifício na defesa de cada interpretação da dignidade brasileira, não advem apenas das qualidades heróicas e inteligentes da raça em conjunto.

Entre os mil semelhanças das sentenças que principiam a abrolhar, hoje, numa consciência nacional harmoniosa e fecunda, está, indiscutivelmente, entre os mais ardorosos soldados civis da propaganda republicana, entre os paladinos da abolição, o sonhador, deslumbrado e triste, que foi Bilac.

Lendo os seus discursos, lembrando suas campanhas em prol de uma compreensão coletiva da glória militar, de ativez, da caserna, da significação dos quartéis, encontramos nele o mais entusiasmado de todos amamos não por nós apenas, se-

nhores militares, mas pelo intuito do que representa na realização tranquila e perfeita do ideal brasileiro, Bilac reconhecia em nós, o que toda nação vitoriosa do mundo reconheceu no seu soldado: — o esteio, a amparo de todos os projetos e a garantia de possibilidade de todas as realizações.

Tinha razão Olavo Bilac.

O soldado deve ser, sempre, uma síntese e um símbolo: — síntese da civilização-progresso de sua pátria e símbolo da estabilidade desse progresso-cumulação. Uma pátria só pode principiar a evoluir despreocupada de seu exército e de seus soldados quando ela toda é um só surto militar, e seus filhos todos, operários e estadistas, pensadores e materialistas, milionários e pobres, são, orgulhosamente, conscientemente, serenamente, soldados de alma, fascinados dos deveres da jornada.

Um dia, senhores — dia de tão alta maravilha e tão perdido num futuro incalculável que ainda nos fala a imaginação como quimera, apenas... — o milagre da fraternidade universal, prodígio-trofeu da generalização da cultura, local de maravilha a terra. Nesse dia, aos olhos deslumbrados do homem redentor, cárceres ruirão, grilhões se quebrarão, laços se desatarão. Nem haverá necessidade de sacrifícios e lutas, de momento, para o ruir e quebrar e desfazer desses laços, cárceres e grilhões. O caminho até esse dia será tapizado de agruras e esforços mas a hora do milagre fulgirá tranquila e pura e tudo quanto representa limite tombará por si...

Tenhamos a coragem, nós, filhos de um século cético e materialista, tenhamos a coragem de crer nesse dia. Porque ele vira de nossa ação conjunta, da ação fraternal dos soldados e dos poetas do universo, do sonho e da verdade da terra, da força de renovação e da força de disciplina do mundo. Nós, os idealistas, nós que condenamos a guerra de conquista e lamentamos a necessidade de se armarem os homens contra o homem, saudamos em nós, milita-



Tolha com que se batizou Olavo Bilac

GLORIFICANDO OLAVO BILAC



Festa oferecida a Olavo Bilac, no "Jornal do Comércio" em 1916. Veem-se: Jorge Kubin, Homero Faria, Anibal Teófilo, Lindolfo Color, Gregório da Fonseca, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Alcides Maya, Heitor Lima, José Otárcio e Leal de Souza. A fotografia foi tirada no momento em que Alcides Maya proferia o seu discurso em louvor ao poeta.



Aspecto da festa do "Jornal do Comércio", oferecida a Olavo Bilac

res, a garantia, a solidariedade, a moldura epopéica do ideal por que anclamos. Somos, à nossa maneira, soldados-civis; nós a nossa feição, base, sustentáculo e segurança de todas as vitórias humanas — poetas-soldados. Por isso, Olavo Bilac apontou as multidões, em nós, o coração e a consciência da pátria, e lhes disse: "Cultuando o vosso soldado, cultuareis a dignidade de vossa pátria". Por isso, nós, os discípulos de Bilac, entramos aqui, senhores da Escola Militar do Brasil, com o respeito orgulhoso de quem entra no templo da força formidável que impõe ao mundo, pelo respeito do Brasil, a paz para o Brasil, a paz necessária ao Brasil, para que evolua em beleza e se realize em perfeição.

TRÊS INÉDITOS DE OLAVO BILAC

A Afonso Reis TREVAS

Vê: a treva é melinha, horrível! Só de quando em quando, de um córrego ao fofozear, naquela noite escura, se avista a água que se encuspela e arrebatada de encontro a praus espumando.

Marulhos, e escarceus; gritos de susto ecoando no espaço, e no céu negro as nuvens, a procela Revolvendo e abatando a imensidão, e nela Nem um astro a planície aquosa iluminando...

E' o negro mar da vida. E' o negro oceano, o fundo Turbilhão das paixões, das cóleras do mundo; Negro, infinito, horrível, imensamente triste...

Sulca-o, no entanto, o Amor; o sopro da desgraça Ergue as ondas embalde: é-lo que as vence e passa — Debil' casa de nós, que aos juracões resiste. 9 de abril de 1885.

MATER

Exma. Sra. D. Candida M. B. da Costa

Como, num santuário, uma lâmpada ardente Fica eterna, a oscilar, sempre com o mesmo brilho, O olhar de cada mãe fulgura eternamente No coração de cada filho.

Desespero de amor, agonias ocultas, Todo o fel que envenena o caliz da pátria,

As dúvidas cruéis, no coração sepultas, Dilacerando o coração;

As blasfêmias que estão no peito recalçadas E que sobem à voz em sorriso e cantos; As lágrimas de sangue, em silêncio choradas, Tormentas lígubres dos prantos;

Máguas, que os filhos vão às costas carregando, Dos sarcasmos brutais das turbas através, — Quando os filhos as vêm aos vossos pés, choram Acham consolo aos vossos pés.

E para que de cada acerta desvistiara, Rebente um rosário e uma ave se levante, Abre-se o vasso amor sobre a sua amargura — Pálido de neve rutilante.

Como dois curvos céus, aos quais o alma se eleva, Para fugir da terra e para ser feliz, Pairam as vossas mãos, cintilando na treva Sobre as cabeças infantis.

Tu, grande mãe! Do amor de teus filhos escrava, Para os teus filhos és, no caminho da vida, Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava À longe terra prometida.

Jorra do teu olhar um rio luminoso: País, para batizar essas almas em flor, Deixa, em ondas, sair esse olhar carinhoso Todo o Jordão do teu amor,

Espalham tanto brulho as astas infinitas, Que tu, por sobre os teus, abres, igneus e belas, Que o seu grande clarão sobre; quando a' agitas, E vai perder-se entre as estrelas.

E, eles, pelos degraus da luz ampla e sagrada; Fugem da humana dor, fogem do humano pé! — E, à procura de Deus, vão julgando essa escada, Que é como a escada de Jacó.

Da "Revista Ilustrada", Rio J. de 2 de 1889.

NA GRUTA A Artur Mendes

Itá um lago em redor. Em rutilos diamantes De alva espuma, dussurra a limpida cascata. Nas pedras desdobrando a clâmide de prata. Respiram-se lá dentro aromas penetrantes.

E' toca e estreita a entrada. Orquídeas verdejantes Desabrocham na pedra as flores de escuridão. Do teto abrupto e agreste o grupo se desata De estalantes mil, que pendem gotejantes.

Reina o silêncio. O luar, que nítido prateia Do jardim solitário a resplendente arena, Na água, que ondula e freme, estende-se e retroa.

E a luz, por uma fresta, abríssima, impolita, Entra, de lado a lado atravessando a gruta, Como um grande punho de lâmina de opala.

("A Semana", Rio, 23 de julho de 1887).

REUNIÕES DE OUTRO TEMPO

(Continuação de pág. 401)

per" do piano. Basta dizer-lhe que foi escolhido por Gótschick para intérprete do segundo piano, quando o grande autor das "Variações sobre o Hino Nacional" executou esta maravilhosa peça musical com dois pianos! dos quais deu a quatro mãos: no antigo Teatro Fribourgo, há muito desaparecido.

Era crítico musical, tendo colaborado na "Gazeta da Tarde", na "A Notícia", no "Pala", e em outros jornais. Na "A Notícia" escreveu por mais de dois anos um rodapé, as quintas-feiras sob o título de "Comédia da vida". No "Novidades", mantinha uma coluna curiosíssima, denominada "Água val".

A atividade de meu pai era incansável. Estava ele em toda a parte, em todos os teatros, em todos os concertos, em todas as reuniões intelectuais. Abolicionista vermelho. Amigo íntimo de Patricínio, de Clapp e da bela pinde que trabalhou pela libertação dos escravos, era da primeira linha dos propagandistas. A "Marchinhas dos Escravos" é uma grande música que ele escreveu. Foi ele quem retribuiu a partitura da célebre "Pira de Santana", de Eduardo Garrido, desaparecida num naufrágio, quando a companhia de Jacinto Heller voltava do Rio.

Com Lopes Cardoso escreveu a revista "Notas Recolhidas", na qual formaram parte artistas de vanguarda como Rosa Villiot, Vazquez, Xisro Bala, Machado e outros. Escreveu "O gênio do fogo" e a música dos "Dois Cadeia" e das "Cabeças do Egito", paródia da "Aida", de Artur Azavedo.

Muitas esperanças, valses, polcas, modinhas, etc., não há conta a que ele escreveu. Ficou célebre em todo o país a "A brisa corre de manso", canção que ele escreveu num dia de feliz inspiração.

Exercitavam-se as suas composições musicais em todos os salões brasileiros de norte a sul. Não havia uma banda de música que não tocasse as suas polcas, as suas valses e dobrados.

E depois de um ligeiro silêncio...

— Es me recorda, como se fosse hoje, das reuniões que se faziam em casa do meu pai, todas as semanas.

— E quais eram as figuras que compareciam? perguntamos.

— Toda a boémia literária da época, como lhe disse há pouco. Todos eles, Bilac, Artur e Aluísio Azavedo, Coelho Neto, Murat, Guimarães Passos, Duque Estrada, Pardo Malley, Paula Ney, Eulbio de Menezes, Valentim Moura, e outros e outros. Todos eles, toda. Eram reuniões inquebráveis.

— Conte-nos isso.

— Antes mencionáreis, diz Cardoso de Menezes com os olhos molhados de saudade. Convergiam-se, fazia-se pilhéria, tocava-se, cantava-se, representava-se.

— Representava-se?

— Sim. Representava-se. Improvisavam-se comédias.

O QUE ME DISSE A NATUREZA

(A MARTINHO GARÇEZ)
Início de OLAVO BILAC

Dia, enfim! Terra e céu vibram subitamente...
Trin no ar luminoso uma clara risada...
E, entre colunas de ouro e púrpura, o Nascente
— Tabernáculo em fogo — abre a porta sagrada.

Minh'alma! No esplendor desta manhã que nasce
Banha o teu esplendor e acaluma os teus pesares...
Beija no rio, que canta, a siva e espuma! face!
Tira as asas o luto e libra-te nos ares!

Lange as águas! O céu chama o teu vóo altivo...
Esquece o horror da noite e olvida o pesadelo
Orde, como a nitular num cárcere, cativo,
Eu dormi, com o terror a erigar-me o cabelo!

As nuvens que, em bulhões, sobre o rio pensavam,
Negras, rodando no ar, — no rio se levantam...
Como, hontem, sob a chuva estas águas choravam!
E, hoje, saudando o sol, como estas águas cantam!

Oh! meus versos de amor! avês, que o amor eleva
De meu seio, e a cantar, idec beijar-lhe a fronte...
Voar! que o sol vos lire as asas com breva!
Voar! enfiar de luz e beijos o horizonte!

A estrela que ficou por último velando,
— Molva que espera o notivo e oculta o seu segredo,
— Venus — ao ver que o sol não tarda, palpitando,
Suspira de despejo e estremece de medo.

Bã pelo Paraíba um murmúrio de vózes,
— Tremor de campos nus... solos brancos ludando...
E, alvas, a cavalgar grandes monstros feroces,
Passam, como num sonho, as Náíades, fugindo...

E uma val, que acordou antes das outras aves,
Abre o olhar virginal no virginal abrigo.
E, ao ver-me perto: — Então! deixa estes modos graves!
"Ven comigo cantar! vem conversar comigo!"

"Porque, fechado o peito à alegria da aurora,
"Tu que tens, como nós, músicas na garganta,
"Não vens a alma espalhar por estes céus em fora:
"Ven! como nós, também, goza, delira, canta!"

E a rosa que acordou, sob as ramas cheirosas,
Diz: — "Acorda com um beijo as outras flores quietas!
"Ven! Porque Deus criou as mulheres e as rosas,
"Para servir de ninho aos beijos dos poetas!"

"No seio de uma flor há bússolos divinos,
"Pululam fitas de ouro em cada uma, corola...
"Ah! momento o poeta entende os nossos hinos,
"Onde o amor, como um véu, treme e se desentrola!"

E em cada peito de ave uma canção suspira
E sal de cada flor uma voz amorosa:
E a natureza, em festa, às mãos tomando a lira,
Ergue a voz e celebra o nosso amor, formosa!

A ave diz: — Bem conheço aquela voz! Parece
"Que os Génias da manhã bailam pelo ar dispersos,
"E que o céu se abre todo, e que a letra floresce,
"Quando ela principia a recitar teus versos!"

Diz a flor: — Bem conheço e cor daquela boca!
"Bem conheço a maciez daquelas mãos pequeninas!
"Não fosse ela aos jardins roubar, trêfega e louca,
"O rubor da papoava e o olor das apocenas!"

Continua a floresta: — Ao vir o sol radiante,
"Vem o vento agitar-me e desmanchar-me a comaa...
E a água, cheia de sons e de flocos de espuma!
"Todo o meu esplendor e todo o meu aroma!"

E a floresta que espiende, e o sol, que abre a coroa
De ouro fulvo, espancando a maninha bruma,
E o lírio que estremece, e o passarço que voma,
E a água, cheia de sons e de flocos de espuma!

A cor, o som, a luz, o perfume e o gorgoleio,
— Tudo — elevando a voz nesta manha de estia,
Diz: — "Pudesses dormir, poeta! no meu seio,
"Curvo como este céu, manso como este rio!"

"Pudesse o teu amor em teu seio adorado
"Nascer, viver... morrer de gozo e de ventura,
"De modo que ele fosse o seu bérço dourado,
"Seu talamo querido e sua sepultura!"

"Pudesses envolver, em lânguido abandono,
"Em sua cabeleira essa cabeça afilha,
"E dormir e sonhar... e, ao despertar do sono,
"Ver o mundo através dessa prisão bendita!"

"Como deve ser bom nesse olhar misterioso
"Embeber teu olhar ardente de desejo,
"E sentir sobre o ardor de teu lábio sequioso
"O teu lábio espalhar uma chuva de beijos!...

"Mas, ah! poeta! em vão, chorando e de mãos postaa,
"Tã atravessaria este arca! terrível!
"Não veras água nunca! e, irar, levando às costas
"Todo o peso infernal desse amor impossível!"

"Chorava sem consolo... Irãa, de porto em porto,
"Gritando, no naufrágio atroz do desgano...
"E a seus pés caíras, inanimado e morto,
"Sem que tenha morrido o teu amor humano!"

"Podes ferir o pé! podes andar de rastros!
"Não a comoverá, nem te leve, o teu choro...
"Que insânia! ambicionar um sorriso dos astros!
"Que vaidade! querer beijar a nuvem de ouro!"

"Hã-de seguir, em vão, teu grande ideal perdido,
"Bem achar no caminho os sinais de seus passos!
"Ah! poeta infeliz! esse corpo querido
"Nunca palpitará de gozo entre os teus braços!"

"Porque ela é como eu sou: tem a minha beleza,
"Tem o meu esplendor impavido e eterno...
"Mas quem pode fazer chorar a Natureza?
"Quem rompeu este gelo e inflamou este inverno?"

"A um tempo despovoó e povóo o Universo!
"E, eternamente bela e eternamente nova,
"Est, com o mesmo semblante, ando de bérço em bérço,
"E, com o mesmo semblante, ando de cova em cova!"

Calou-se a natureza... Aquela voz estranha
Onde a ave gorgoiava, onde o rio branha,
Foi, rolando, a ecoar, de montanha em montanha,
Perder-se, como um sopro, entre os clarões do dia...
E eu disse: — O Natureza! antes nunca eu viesse
"Derramar meu amor no teu seio implacável,
"Porque não te abalou o ardor da minha prece,
"Porque vim sem consolo e volto inconsolável!"

E fiquei silencioso — A água borborinhava,
Resplandecia o céu, Luz... perfumes... rumores...
Tudo em torno de mim sorria e fugirava:
— E eu ouvi a risada escarantina das flores...

E, sereno, depois de ter sofrido tanto
E de em vão ter pedido um pouco de piedade,
— Como dentro de um céu — fechei-me, com meus prantos,
Dentro desta paixão, dentro desta saudade!

Paraíba do Sul, 22 de novembro de 1888.
("Cidade do Rio" de 28-11-1888.)

Páginas desconhecidas de Olavo Bilac

CONTO COMEMORATIVO DO 14 DE JULHO

Naquele dia de julho
Foi que eu (recordas-te, filha?)
Pude vencer teu orgulho...
E demolto-se a Bastilha!

II
Não sou vaidoso. Mas juro:
Tenho susado e sido susado...
Seja eu feliz no futuro,
Como já fui no passado!

Claras, rosadas, miúdas
Por estes braços passaram;
Adorei grandes, pequenas,
E elas também me adoraram.

Mêus corações e uma praça
Onde todos temo passear:
Aqui a andorinha passa,
Passa aqui a carruagem.

Tenho um amor, novo em folha,
Para todas as belezas:
E amo, fugindo da escolha,
Lavadeiras e duquesas...

III
Mas, não era lavadeira
Julia; duquesa não era:
Pobre moça costureira...
Terra em plena primavera...
Dezesseis annos... De tarde,
Vinha à janela, e costia:
Ah! como eu era covarde,
Que sem fita-lá podia!

Passava e tempo à janela:
E minh'alma, — que tortura! —
Morava no coço dela,
Embrulhada na costura...

IV
Levaram-me a sua casa
Um dia, E, cheio de assombro,
Subi e degraui, uma asa
Sentindo, rápida, no ombro.

humorística e o Paula Ney, ou qualquer outro, lá o que se chamava "improvisos gerais".
E Cardoso de Menezes, cheio de emoção, flexa um instante silencioso e depois diz baixinho:
— Nôites que a gente nunca mais esquece!

Entrei. Tufhou-se-me a fala,
Ergui o olhar para o espelho:
Tunto, no meio da sala,
Fiquei vexado e vermelho.

Julia, desembaraçada,
Saudou-me, deu-me a mãozinha,
Mão de siffo, mão de fada,
Mão formosa de rainha.

Depois... Não sei como o diga!
Noites de êxtase e de encanto,
Costurava a rapariga,
E eu, mudo, ficava a um canto.

V
Funha-me a oitá-la, calado...
A mãe, severa matrona,
Muda ficava, so meu lado,
Cochilando na poltrona.

VI
Forem, um fita, aconteceu
Que a velha así a passeio,
Entre: Julia empalidece...
Falo-lhe: late-lhe o seio...

Luar lá fora... Na minha,
Senti-lhe a mão abraçada,
— Mão formosa de rainha,
Mão de siffo, mão de fada.

Ambos ficamos calados,
Ambos ficamos vermelhos:
E eu aos seus pés adorados,
Cego, cai de joelhos!

Disse-lhe tudo: os momentos
De angústia, a minha ansiedade,
Tudo! — e com tais juramentos,
Com tanta sinceridade.

Que a pobre caiu no laço,
E que enlaçados ficamos,
— Dois corpos no mesmo braço,
— Na mesma árvore dois ramos...

Depois...

...na rua, um barulho...
Fogueiras... (lembras-te, filha?)
— Era o quatorze de julho;
Demolto-se a Bastilha!

FANTASIA - OLAVO BILAC

(Meia noite. Na travessa de Belas Artes. Lua clara, muito alta, entre nuvens esgarçadas. Muito triste, na sua claridade de luar, alonga-se a travessa, ladeada de árvores escuras, que estremecem ao vento, num surdo barulho misterioso de folhagens. João Caetano, muito baixo no seu baixo pedestal, perna direita esticada, ombroinho fronzido, estende tragicamente para as bandas do largo do Rocio o braço armado de um punhal. E em torno dele raios brancos de luar bailam e palpitam. E de sua boca, o espanto! sai uma voz, que soluça longamente no silêncio da noite).

Fuchçadas brancas! luar de gelo, nuvens frias!
O' vos que ao longe andais pelas cervejarias!
O' vos que enchéis de vida e riso os restaurantes!
Lampadas de gás, piscando as pálpebras faiscantes!
Ecos de Lampadões! ecos de S. Francisco!
O' tribunas de grama! o' carroções de cisco
Nuvens buíandando, como Idas Fuller celestes,
Dobrando e desdobrando as rutilantes vestes!
Luar de gelo! tenel de estrelas, arvoredos!
— Por que é que com o punhal que sustenho entre os dedos,
Não passo na under desta travessa escura,
Dar um ponto final à minha desventura?!...
Hirto e gelado, só com o meu profundo tédio
Deixo o apagado olhar correr de prédio em prédio
Ermo tuó! E, em redor do meu tédio arrastando
O aru tédio também, andam mastins ladrando,
Passam ratos na sombra, e ouço um soldado perto,
Rondar pacatamente o quarteirão deserto...
Fiz na vida real mais do que fiz nos dramas;
Semi-mortas de amor atrizes e madamas,
Vi, rojando nos meus pés debulhadas em choro!
Beio e forte fui rei na troca e no namoro...
E, ai de mim! que tão feroz e tão atarracado
Vim a vida acabar, neste beco plantado!
— Vos, que passais, dizel se há sorte tão mesquinhal
Vos, que passais, dizel se há dor igual à minha!...
Ah! como há de poder tão baixo monumento
Cantar tamanha dor e tamanho tormento!...

(Lua clara, muito alta, entre nuvens esgarçadas. Muito triste, na triste claridade, alonga-se a Travessa das Belas Artes. E pela face imóvel da estátua, de João Caetano, o luar passara com um pranto de gelo).

OLAVO BILAC, CONTISTA

(Continuação da pág. 461)

família: Olavo preso e a tia, naturalmente, ainda ignorando tudo.

Uma estava vestida de branco, como naquela radiante manhã de domingo, quando a vi pela primeira vez, a bordo. Colocou-se à testa os cabelos, empastados. Aberto no peito, o vestido deixava ver um seio moreno, rijo e curvo com um bloco de ouro, todo lustrado de sangue.

Sob as pálpebras arregaçadas, os olhos negros, os seus grandes olhos profundos fixavam-se em mim.

O "outro" via. Ela estava morta. Fora eu quem a matara.

Que importava?... ninguém mais beijaria aquele seio, beijado por dois homens, nunca beijado por mim...

Foi um crime o que eu fiz!

(CRÔNICAS E NOVELAS)

BILAC

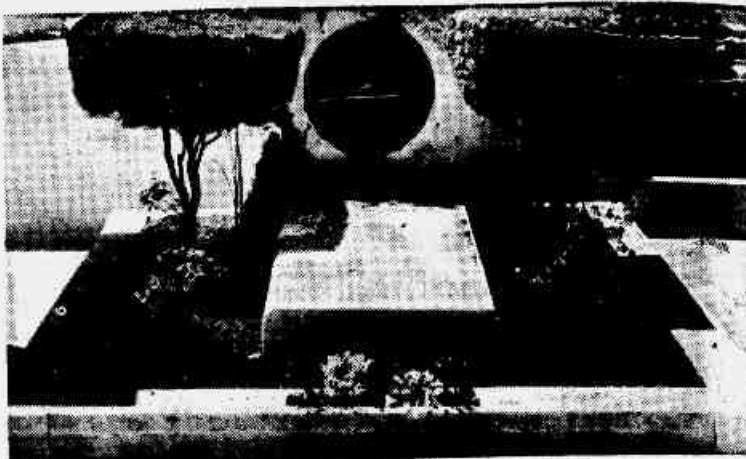
(Continuação da pág. 456)

gossa, batendo-se por um grave problema social!... Ah! meu amigo! Para mim esta é a última etapa do aperfeiçoamento, e o jornalismo é um bem.

Parou, foi até à janela, olhou o céu, que escureceu pronunciando chuva. Toda a sua figura transpirava simpatia harmoniosa. E, de entre as cortinas cor de leite, uma outra voz grave vibrou, cheia de melancolia:

Oh! sim, é um bem. Mas se um moço escritor viesse, nesse dia, triste, pedir um conselho à minha tristeza e ao meu descontentamento outono, eu lhe diria apenas: Ama a tua arte sobre todas as coisas e tem a coragem, que eu não tive, de morrer de fome para não prostituir o teu talento!

(“O Momento Literário”).



O túmulo de Olavo Bilac no cemitério de S. João Batista

OLAVO BILAC - Alberto de Oliveira

Em singular contraste, nesse dia,
Enquanto com a manhã nascente, a medo,
Os pardais, que hoje os tempos, no arvoredado
Acordavam, o poeta adormecia.

E enquanto eles trinavam de alegria,
Voando fora no azul sonoro e ledo,
Arquejando em seu último segredo,
Uma lira estalava e emudecia.

Mas os pardais os cantos em momento
Duram, com a aurora vem, e vão com a aurora
E rota embora e orfeônico instrumento.

E morto embora o poeta — eterno bando
De aves gloriosas, pelos tempos fora
Seus versos de ouro ficarão cantando.

Dal tempo à terra em que hoje o irmão depor,
E bixando-o no seu seio e escuridade,
Ela também lhe saberá compor
Grinaldas e cordões de saudade.

Sobre seu corpo, entre miosótis, há-de
Broto floral semear de varia cor;
Em lírios sorrirá sua bondade,
E a sua alma de flor em cada flor.

Folhas de arbustos gracela e diversos
Lá, imitando em fremito lascivo
As folhas de seus livros, cantarão;

Fúlvias abelhas, — rumbirão seus versos
E, palpitando ao sol com o sangue vivo,
Em rosas se abrirá seu coração.

Ainda, entrando embora à sombra escura,
Beilha seu gênio; ainda nos envia,
De espaço a espaço, em raios de poesia,
Os raios que enfeixou da luz mais pura.

E Tarde em toda a estranha formosura,
Arrebóis, anenubios, harmonia,
Este, langor, que em chamas irradia,
Como um fulgor de sua sepultura.

Assim em nossa terra, após o ardente
Morrer do dia e antes de despertar,
Clara no azul, Vesper desnuda e linda,

Reverbera flammivoro o Ocidente,
Um clarão de apoteose ainda enche os ares,
Embora entrado o sol, há sol ainda.

Troncos deixando e pedras da espessura,
Por ter melhor seguro o seu tesouro,
Há uma abelha que os seus favos de ouro
Ciosa dentro do chão guardar procura.

Maravilha de certa arquitetura,
Ai prende o alveário, e o netar fino e louro
Fabrica. Zumba o alado ferveouro,
Lidando alergia na oficina escura.

Assim também — abelha diligente,
Te aprouve nesta vida segregarte,
Fugindo a glórias rãs que em pouco estimas;

Também assim parece juntamente
Poste esconder na terra, com a tua arte,
O segredo do mel de tuas rimas.

Deixam no que escovamos, pátria e clima
Alguma coisa que os está mostrando,
Céu turvo ou claro, quente ou fresco e brando,
Terra infecunda e seca, ou farta e ópina.

Vozes que teem, soam no verso e rima,
E vão nos vários quebros modulando
Como de seu sentir parte nos dando,
Parte do que os anima, nos anima.

Por isso aos de tua alma outros encantos
Junta o ambiente, este azul e ares anixutos,
A glória deste sol e seus ardores;

Por isso, qual mais vivo, há nos teus cantos
Todo o sabor que teem os nossos frutos,
Todo o cheiro que teem as nossas flores.

Olavo Bilac na evocação de Domicio da Gama

Seria presunção e seria irreverência tentar o esboço de uma figura como esta no breve espaço de uma oração fúnebre. Se almas não cabem em livros, menos cabe o retrato do poeta amado no quadro estreito de um discurso argumentado e seco. Além de que, falando dele, a gente não pode esquecer o sorriso compassivo com que Bilac apreciava em casos parecidos estas falências da ambição mais orgulhosa ou mais vã, que é a da expressão literária. E sente-se a responsabilidade de ofender-lhe lívres a memória dolorosa com oblações que lhe não assentem, porque as frases desvirtuam nosso pensamento.

Nosso pensamento é afetuoso em torno do seu nome, ligado por laços indissoluíveis a esta casa e às letras brasileiras. Muita gratidão entra nesse afeto — do bem que nos fez sua vida de artista glorioso vivida ao lado da nossa, em companhia e segurança fraternas no presente, em prestígio e confiança no futuro. Foi uma vida tão cheia e proveitosa que ainda não podemos fazer o inventário do que dela nos ficou e que capitalizara incessantemente e incalculavelmente no correr das gerações. Podemos, sim, trazer a arrolamento os

itens mais notáveis do espólio do artista e do cidadão, para que a justiça popular os reconheça. E acaso não os terá ela já reconhecido? Por antecipação à crítica dos seus pares, Bilac foi o primeiro poeta premiado em vida com a consagração popular no Brasil. E' uso entre escritores finos desdenhar da popularidade; e, no entanto, quando não é passageira e provem da simpatia com o pensamento e o sentimento do artista traduzidos na expressão perfeita, a popularidade assegura e mantém a estima pela obra em que a beleza se espelha numa alma comovida.

E' natural que a psicologia da glória tenha tentado a muito filósofo; com que êxito não sei, que nenhum estudo me ocorre agora em que se tenha analisado e definido essa corrente magnética entre o dispensador de beleza e os que ele cativa com o seu poder criador de outras visões, para os envolver pelos caminhos encantados do sonho. Os seus mais belos versos, poemas em que a imaginação se eterezia em harmonias sub-conscientes, imagens peregrinas, o hino adorativo de mil estrofas que é a vida inteira do poeta, estão que tudo daría

Bilac pela prolongação desse fugitivo minuto da comunhão das almas, celebrando-se entre o rumor tempestuoso dos aplausos que tanta vez lhe abateu as palavras nas passagens mais inspiradas dos seus discursos patrióticos.

Mas foi talvez de saber que esse momento divino não pode durar, foi de tanta queda do alto da ilusão na realidade ingrata, que se fez aquela humilde sabedoria de desencanto e resignação. Eis dias da sua maturidade, e, por fim, a "tristeza não apagada" em que mergulhou seu espírito antes da derradeira viagem. E uma infinita piedade escurece-me no coração a memória do Bilac glorioso, ante essa visão dos últimos dias do Bilac doloroso e solitário no seu sofrimento. Pudessemos ao menos nós que o amamos dizer-lhe que o sofrimento passageiro foi o resgate da glória perdurável do homem de letras e do cidadão ilustre, incorporada sua obra de amor e de poesia ao patrimônio espiritual do Brasil, e fio que aquele seu sorriso de ceticismo, que era antes defensivo, se lhe mudaria no rosto triste pela expressão serena e grave dos que acham que a vida merece a pena de ser vivida.